cultrix

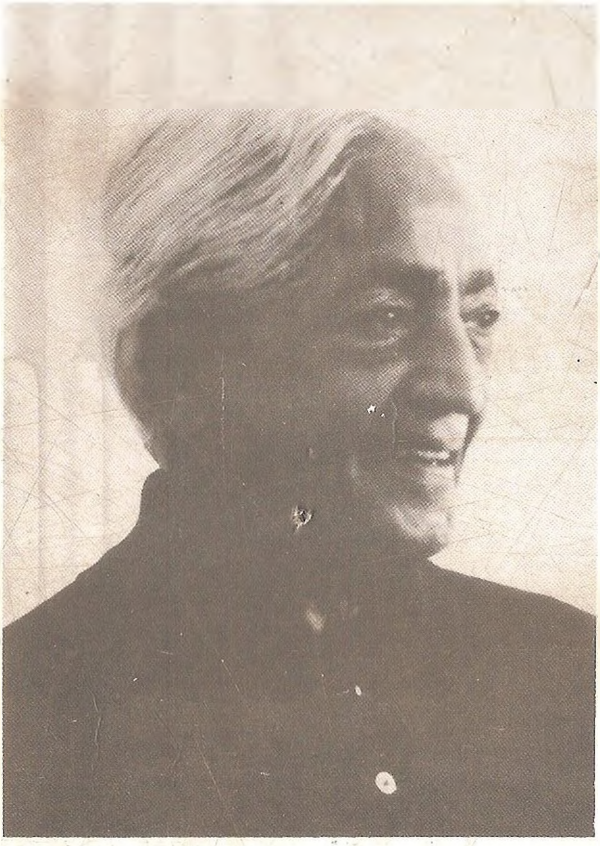
NOVOS ROTEIROS EM EDUCAÇÃO

krishnamurti



krishnamurti

NOVOS ROTEIROS EM EDUCAÇÃO



KRISHNAMURTI

Em 1952, em Rajghat-Banaras, às margens do Rio Ganges, Krishnamurti realizou uma série de palestras para um auditório de jovens entre 9 e 20 anos de idade. Embora, ao longo das palestras (cujo texto integral está coligido neste volume), fossem abordados vários pontos do pensamento krishnamurtiano, tiveram elas por tema novos roteiros em educação, assim definidos na palestra inicial: "O fim da educação não é libertar-vos do temor, e não apenas preparar-vos para passar nos exames, o que pode ser também necessário? Mas, essencialmente, fundamentalmente, a finalidade da educação não é a de ajudar-vos, desde a infância, até ingressardes no mundo? Não deveria a educação ajudar-vos a ser de todo livres, interiormente livres, do temor, para vos tornardes entes humanos inteligentes, dotados de iniciativa? A iniciativa é destruída quando estais imitando, quando estais meramente seguindo uma tradição, um guia político, um *swami* religioso."

TRADUÇÃO DAS PALAVRAS HINDUS DO TEXTO

THASILDAR — Funcionário da Fazenda (coletor) (Webster).

SARI — Vestido das mulheres hindus.

TONGAWALA — Carro leve para transporte de passageiros, puxado por um homem; homem que puxa o "tongawala" (o mesmo que "rickshaw").

PUNDIT — Primeiro Ministro.

SANYASI — Anacoreta.

PUJA — Rito religioso.

GURU — Instrutor religioso.

SLOKA — Cântico religioso.

KURTHA — Peça de vestuário.

BHAJAN — Festa popular.

BURNING GHAT — Crematório, ou pira, à beira do rio.

MANTRAM — Rito religioso.

MAHATMA — Alma grande.

STUPA — Santuário religioso.

NOVOS ROTEIROS EM EDUCAÇÃO

(Conferências, com perguntas e respostas, realizadas em Rajghat-Banaras, Índia, no ano de 1952)

J. KRISHNAMURTI

NOVOS ROTEIROS EM EDUCAÇÃO

Tradução
de
Hugo Veloso



EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

Copyright © 1953 by Krishnamurti Writings Inc.
Ojai, Califórnia, U. S. A.

2.ª edição
(revista e melhorada)

1980

Direitos de tradução para a língua portuguesa
cedidos, com exclusividade, pela
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Presidente Vargas, 418, sala 1109, Rio de Janeiro, RJ
à
EDITORA CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 374, fone 274-1733, 04270 São Paulo, SP

Impresso em São Paulo, Brasil,
pela EDIPE Artes Gráficas

SUMÁRIO

Primeira Palestra	1
Segunda Palestra	6
Terceira Palestra	12
Quarta Palestra	19
Quinta Palestra	26
Sexta Palestra	32
Sétima Palestra	42
Oitava Palestra	50
Nona Palestra	58
Décima Palestra	66
Décima Primeira Palestra	74
Décima Segunda Palestra	77
Décima Terceira Palestra	84
Décima Quarta Palestra	91
Décima Quinta Palestra	98
Décima Sexta Palestra	106
Décima Sétima Palestra	113
Décima Oitava Palestra	119
Décima Nona Palestra	124

A FOUNDATION FOR NEW EDUCATION (anteriormente denominada "The Rishi Valley Trust") mantém escolas e colégios em Rajghat-Banaras, e em Rishi Valley, no sul da Índia.

KRISHNAMURTI realizou estas palestras em Rajghat-Banaras, às margens do rio Ganges, durante o mês de dezembro de 1952, em presença de jovens de ambos os sexos, entre as idades de 9 e 20 anos.

NOVOS ROTEIROS EM EDUCAÇÃO

(Conferências, com perguntas e respostas, realizadas em Rajghat-Banaras, Índia, no ano de 1952)

I

Suponho que quase todos vós compreendeis o inglês, pois, como sabeis, vou falar aqui todas as manhãs, às oito e trinta, sobre os numerosos problemas atinentes à educação.

Acaso já pensastes alguma vez na razão por que sois educados, por que estudais História, Matemática, Geografia? Já pensastes no porque freqüentais ginásios e colégios? Não é importantíssimo averiguar-se porque tendes de abarrotar-vos de conhecimentos, da chamada cultura? Que é essa suposta educação? Vossos pais vos mandam para cá, porque eles fizeram seus exames e tiraram seus diplomas. Já vos perguntastes alguma vez porque vos achais aqui, e vossos mestres já vos perguntaram porque aqui estais? E sabem os mestres por que razão eles próprios aqui estão? Não vos cumpre, pois, investigar o que significa toda essa luta... fazer exames, estudar, morar num certo lugar, estar sempre com medo, praticar jogos esportivos, etc.? Não deveriam vossos mestres ajudar-vos a investigar bem esta questão, e não simplesmente preparar-vos para os exames?

Os rapazes fazem exames porque acham que terão de obter emprego para ganhar o seu sustento. E vós, senhoritas, porque fazeis exames? Para serdes instruídas e terdes possibilidade de obter maridos melhores? Não riais; pensai um pouco no caso. Ou será que, em casa, sois muito turbulentas e por isso vossos pais vos despacharam para a escola? Passando nos exames, tereis adquirido a compreensão de todo o significado da vida? Consideremos, por exemplo, um rapaz que tenha sido aprovado num exame qualquer, algum exame estúpido — pois, em geral, mostrais muita habilidade nos exames — isso não significa que aquele rapaz seja uma pessoa inteligentíssima. Algumas pessoas que nunca fizeram exames podem ser muito inteligentes e saber usar com muita capacidade as suas mãos e as suas mentes; pensar com mais profundeza do que o que estuda com afinco uma dada matéria a fim de passar nos exames.

Alguns rapazes se submeteram a exames a fim de obterem empregos, e sua única perspectiva na vida é a obtenção de emprego. Depois, que acontece? Casam-se, têm filhos, e ficam presos numa máquina, não é verdade? Tornam-se escriturários, advogados, funcionários da polícia. Nesta máquina ficam aprisionados para o resto da vida. Permanecem toda a vida escriturários, advogados; vivem numa luta eterna com as mulheres com que casam, com os filhos, sustentando uma batalha sem tréguas; e, assim, até morrerem.

Quanto a vós, senhoritas, que vos acontece? Casais, não é verdade? Tal é vossa aspiração, ou preocupação. Vossos pais vos casam, e vós tendes filhos. Casais com um funcionário, com um advogado, e para o resto da vida, se dispondes de algum dinheiro, só vos preocupam vossos vestidos, vossa aparência, o que "os outros" dizem, e as brigas entre vós e vosso marido.

Já notastes isso? Não o percebeis na vossa família, entre os vossos conhecidos? Já observastes este contínuo estado de coisas? Não vos cabe descobrir qual é o significado da educação, porque desejais ser educadas, porque se fazem tantos discursos a respeito de educação, discursos bem preparados, sobre os efeitos da educação no mundo? Podeis ser capazes de ler os dramas de Bernard Shaw, de citar Shakespeare ou Voltaire ou algum filósofo moderno; mas, se vós mesmos não fordes inteligentes, se não fordes criadores, de que serve então a instrução?

Por conseguinte, não é importante tanto para os mestres como para vós, estudantes, refletir, investigar, aprender a ser inteligente? A educação não consiste só em saber ler; qualquer tolo pode aprender a ler e passar em exames. Se sabeis ler, estareis por acaso educados? Ora, a educação consiste, não é verdade? — em cultivar a inteligência. Não é vosso dever investigar o que significa ser inteligente? Não significa que vos torneis indivíduos sagazes, estudiosos, para passardes à frente de outros. A inteligência é coisa muito diferente disso, não achais? A inteligência, sem dúvida, só pode manifestar-se quando não sentis temor, quando não existe medo. Sabeis o que é o medo? Sentis medo ao pensardes no que outras pessoas ou no que vossos pais possam dizer de vós, se vos criticam, se vos punem, se sois reprovados num exame, se vosso mestre vos repreende, se não sois popular entre os colegas, na escola, no meio em que viveis. O medo se insinua a pouco e pouco, não é verdade?

O medo é pois, evidentemente, um dos obstáculos à inteligência, não é exato? O fim essencial da educação não é libertar o estudante, isto é, a vós e a mim, e fazê-lo conhecer as causas do

medo, a fim de que possa viver livre dele? Um dos objetivos essenciais da educação, desde o começo da vida, desde a nossa infância até ingressardes no mundo, não deveria ser o de ajudar-vos a ser livres e, portanto, capazes de compreender o temor e as causas do temor?

Sabeis que tendes medo? Vós temeis, não é verdade? Ou estais livres do temor? Sabeis o que é medo? Não sabeis? Não temeis os vossos pais, os vossos mestres, o que pensam os outros? Se, por exemplo, fazeis alguma coisa que vossos pais ou o meio social não aprove, não vos atemorizais? Se vos casais com uma pessoa não pertencente à vossa casta ou classe, não receais o que "os outros" podem dizer? Não sentiríeis medo, se vosso futuro marido não ganhasse adequadamente, ou não tivesse boa posição, prestígio? Não vos sentiríeis envergonhadas? Não teríeis medo se vossas amigas não pensassem bem de vós? Não temeis a morte, a doença? Como vemos, quase todos nós temos medo. Não digais "não" tão depressa. Talvez ainda não tenhamos pensado bem no assunto; mas, se o fizermos, haveremos de notar que quase todo o mundo, adultos e crianças, tem alguma espécie de medo a roer-lhe o coração. E o objetivo, a finalidade, a intenção da educação não é justamente ajudar cada um, cada indivíduo, a ser livre desse temor e ser, portanto, inteligente? Não sei se esta escola vai preencher este fim, ou se o está preenchendo. É isto o que desejamos fazer aqui, o que significa, em verdade, que os mestres devem ser livres do temor. Nada adianta falarem os mestres a respeito do destemor, quando eles próprios têm medo do que digam "os outros", têm medo de suas esposas, ou as mestras temem seus maridos.

O temor impede a iniciativa. Sabeis o que é iniciativa? Será difícil averiguá-lo? Ter iniciativa é fazer algo original, espontaneamente, com naturalidade, sem ser guiado, nem forçado, nem influenciado; fazer as coisas por amor a elas. Às vezes, quando passeais pela cidade, vedes uma pedra no meio da rua e um carro passar por sobre ela, com um abalo mais ou menos violento. Já alguma vez tirastes essa pedra do caminho? Ao passeardes, já observastes os pobres, os camponeses, os aldeões? Já fizestes alguma coisa por eles, espontaneamente, com naturalidade, com bondade, do fundo do vosso coração, sem que alguém vos diga o que deveis fazer? Mas, se há temor, todas essas coisas vos ficam vedadas; tudo isso desaparece da vossa existência; não percebeis o que se passa em redor de vós, sois incapazes de observá-lo. Se tendes

medo, sois obrigado a seguir a tradição, a seguir alguém, um *guru*. No seguirdes a tradição, no seguirdes vosso marido ou vossa esposa, vós — como indivíduos, como entes humanos — perdeis a vossa dignidade.

O fim da educação não é libertar-vos do temor, e não apenas preparar-vos para passar nos exames, o que pode também ser necessário? Mas, essencialmente, fundamentalmente, a finalidade da educação não é a de ajudar-vos, desde a infância, até ingressardes no mundo? Não deveria a educação ajudar-vos a ser de todo livres, interiormente livres, do temor, para vos tornardes entes humanos inteligentes, dotados de iniciativa? A iniciativa é destruída quando estais imitando, quando estais meramente seguindo uma tradição, um guia político, um *swami* religioso. O seguir alguém é, sem dúvida nenhuma, prejudicial à inteligência. A própria ação de seguir cria um sentimento de temor, exclui a compreensão das extraordinárias complexidades da vida, com todas as suas lutas, sofrimentos, pobreza, opulência e beleza — as aves, o sol poente espelhado nas águas... Quando tendes medo, tudo isso vos está vedado.

A função de todo mestre, sem dúvida, é a de ajudar cada um dos seus discípulos a se tornar completamente livre do temor; despertá-lo, para fazer as coisas por sua própria conta, e não sob ditado, não guiado por outrem.

Já falei vinte minutos, e acho que basta. Se me permitis, aconselho-vos a interrogardes os vossos mestres, a pedir-lhes explicações sobre o que estivemos dizendo. Fá-lo-eis? Verificai, por vós mesmos, se vossos mestres compreenderam o que estive dizendo. Assim os estimulareis a ajudar-vos a ser inteligentes, a não sentirdes medo. Porque, em matéria desta natureza, precisamos de mestres bem inteligentes — inteligentes no sentido correto, e não no sentido de fazer exames e bacharelar-se. Se, como estudantes, sentis interesse por estas questões, discuti sobre elas com vossos mestres, reservai um momento do dia para conversardes a seu respeito. Porque vós tendes de crescer, de ter maridos, esposas, filhos; tereis de conhecer a vida tal como é — a luta pelo sustento, a miséria, a morte, e a beleza de viver; tereis de conhecer tudo isso, e este é o lugar mais apropriado para se investigarem essas coisas. Se vossos mestres só vos ensinam Matemática, e Geografia, e História, isso não basta.

Assim sendo, se posso sugeri-lo, durante minha estada aqui, nas três ou quatro semanas vindouras, reservai um espaço de tempo para conversardes sobre o que vos digo, de modo que, quando

eu volte, no dia seguinte, possais fazer-me perguntas e descobrir mais coisas, e vos mantenhais despertos, indagando, investigando, despertando a vossa iniciativa.

10 de dezembro de 1952.

II

Quisera saber se tornastes a pensar no que estivemos falando ontem de manhã. Tivestes oportunidade de conversar com os vossos mestres sobre o problema do temor, ou o esquecestes de todo, em meio às vossas atividades do dia?

Posso prosseguir com o que falamos na manhã de ontem? Esta não é uma simples pergunta cortês. Desejo saber se estais interessados na questão, ou se preferis que eu fale de outra coisa.

Continuarei com o que estive dizendo; e, com o passar dos dias, talvez possamos conversar mais à vontade.

Ontem falávamos a respeito do temor. É o temor que impede a iniciativa, porque em regra, quando temos medo, nos apegamos às coisas como ostra ao rochedo. Apegamo-nos aos nossos pais, nossos maridos, nossos filhos, nossas filhas, nossas esposas. Tal é o aspecto externo do temor. E porque interiormente sentimos medo, faz-nos horror a solidão. Podemos ter muitos vestidos, ou roupas, ou haveres; mas, no íntimo, psicologicamente, somos muito pobres. Quanto mais pobres somos interiormente, tanto mais intrigamos exteriormente, tanto mais nos apegamos aos nossos pais, às coisas, aos haveres, às roupas. Ao temermos, apegamo-nos às coisas exteriores, bem como a coisas interiores, tais como a tradição. Já observastes os velhos e as pessoas que em si são insuficientes, que estão vazias interiormente? Para todos eles a tradição tem enorme importância. Já o observastes nos vossos amigos, nos vossos pais e mestres? Já o observastes em vós mesmos? No momento em que há temor, temor interior, procurais encobri-lo com a respeitabilidade, com o seguir uma tradição; e perde-se assim a iniciativa. Se apenas seguis a tradição, ela se torna muito importante — tradição do que os outros dizem, tradição que foi transmitida do passado, tradição sem nenhuma vitalidade, que não torna a vida mais deleitável, tradição que é mera repetição e nada significa.

Quando temos medo, há sempre a inclinação, a tendência para imitar. Já o notastes? Sabeis o que é imitação? Por causa do medo, estais apegados à tradição, aos vossos pais, esposas, irmãos, maridos. Por causa dele, há sempre o desejo de imitar. A imitação destrói a iniciativa. Deveis saber que pintar uma árvore não significa simplesmente "imitar" a árvore, copiá-la exatamente, pois isso seria, apenas, fotografá-la. Mas, para podermos pintar com liberdade, precisamos sentir o que a árvore, a flor ou o pôr do sol significam para nós; não se trata apenas de copiar, nas suas cores exatas, o sol poente, mas, principalmente, de sentir a sua significação. É sumamente importante revelar o significado das coisas, e não apenas copiá-las; pois então começamos a despertar o processo criador. E, para despertá-lo, requer-se uma mente livre, uma mente que não esteja sujeita à tradição, à imitação. Observai vossas próprias vidas, as vidas dos que vos cercam — vede como tudo é vazio!

Em certos níveis da vida somos forçados a imitar, não é verdade? Infelizmente, temos de ser imitadores com relação às roupas que vestimos, aos livros que lemos. Tudo isso são formas de imitação; mas é necessário ir além; isto é, deveis sentir-vos livres, para que possais pensar profundamente nas coisas, por vós mesmos, sem meramente aceitardes o que os outros dizem, sejam eles quem forem — vossos mestres, vossos pais, ou grandes instrutores. Pensar verdadeiramente a fundo nas coisas, sem seguir alguém, é coisa muito importante, porque, no momento em que seguis alguém, esse mesmo seguir é um indício de temor, não é verdade? Alguém vos oferece algo que desejais — o paraíso, o céu, ou um emprego melhor. Enquanto desejardes alguma coisa, há de haver temor; e o temor destrói a mente livre. Sabeis o que é uma mente livre? Já observastes a vossa mente? Será ela livre? Não, não é livre, porque estais sempre atentos ao que dizem os vossos amigos. Vossa mente é como uma casa vedada por um portão ou cercada de arame farpado. Nesse estado, nada pode acontecer. Só pode verificar-se algo novo quando não existe medo. E é difícil em extremo a mente estar livre do medo — quer dizer, verdadeiramente livre da imitação, do desejo de imitar, do desejo de acumular riquezas ou de seguir uma tradição — o que não significa que devais dar escândalos.

A liberdade só pode germinar na mente isenta do temor, naquela que não intriga para alcançar posição, prestígio, para salientar-se; porque nessa mente não existe nenhuma tendência para

a imitação. Muito importa sejamos verdadeiramente livres, livres da tradição, que é o mecanismo da formação de hábitos na mente. Tal é excessivo para a vossa compreensão, difícil demais? Ora, isso não é tão difícil como a vossa Geografia ou as vossas Matemáticas. É bem mais fácil, mas acontece que nunca pensastes nestas coisas. Passais a maior parte da vida escolar entregues à aquisição de conhecimentos. Passais dez ou quinze anos na escola, e, no entanto, nunca tendes tempo para pensar nisso; nem uma semana, nem um dia, sequer, dedicado a pensar profundamente, de maneira completa, em todas essas coisas. É por isso que elas parecem difíceis. Mas não são difíceis, absolutamente. Ao contrário, se lhes dedicardes algum tempo, podereis ver como a vossa mente trabalha, opera, funciona. Deveis perceber, enquanto sois muito jovens — como o é a maioria dos que aqui estão — deveis perceber quanto é importante compreendê-las, porque, se não o fizerdes, crescereis seguindo alguma tradição sem qualquer significação; vossa vida será um contínuo imitar, um contínuo cultivar do temor, e conseqüentemente, nunca sereis livres.

Já notastes como estais escravizados à tradição, aqui na Índia? Tendes de casar-vos de uma certa maneira; vossos pais escolhem o marido ou a esposa. Tendes de observar certos ritos; podem eles nada significar, mas sois obrigados a observá-los. Tendes guias, que deveis seguir. Tudo o que vos cerca, se já o observastes bem, representa uma conduta de vida em que a autoridade se acha muito bem firmada. Existe a autoridade do *guru,* a autoridade do grupo político, a autoridade dos pais, a autoridade da opinião pública. Quanto mais velha a civilização, como acontece na Índia, tanto maior o peso da tradição, o peso da série de imitações. Por isso, vossa mente jamais é livre. Podeis falar de liberdade, liberdade política ou de outra espécie; mas vós, como indivíduos, nunca sois livres para investigar as coisas diretamente, estais sempre a seguir alguém, a seguir um ideal ou algum *guru,* ou mestre, ou tradição.

Vossa vida, pois, está circunscrita, limitada, restrita a idéias; e, profundamente, dentro em vós, lá está o temor. Como pensar livremente, se há medo? O importante, pois, é que estejais cônscios de todas estas coisas. Se vedes uma serpente que sabeis venenosa, fugis dela ou a afastais de vós. Mas ignorais as numerosas imitações que impedem a iniciativa; estais inconscientemente aprisionados nelas. Mas se vos mantiverdes advertidos, se vos achais conscientes delas, se averiguastes porque elas vos prendem; se per-

cebeis a maneira como surge em vós o desejo de imitar, como resultado de vosso temor ao que os outros digam, do medo aos vossos pais ou vossos mestres; se estais cientes dessas séries de imitações, vós as poreis de parte. Assim conscientizados, podereis olhá-las bem, examiná-las, estudá-las, exatamente como estudais Matemática ou outra matéria qualquer. Sabeis porque usais *kum-kum*? Porque o fazeis? Não pergunto se se deve ou não fazê-lo. Porque tratais as mulheres diferentemente dos homens? Porque as tratais desdenhosamente? Pelo menos os homens o fazem. Porquê? Porque ides a um templo, porque praticais ritos, porque seguis um *guru*?

Se, pois, estais conscientes de todas essas coisas, podeis examiná-las, podeis contestá-las, estudá-las; mas se tudo aceitais cegamente, porque assim se tem feito nos últimos trinta séculos, isso não tem sentido algum, não achais? Portanto, o que se necessita, no mundo não são meros imitadores, nem meros guias, com seguidores cada vez mais numerosos. A necessidade atual é de indivíduos, como vós e eu, dispostos a pensar continuamente em todos esses problemas, não de maneira superficial ou fortuita, porém profundamente, a fim de que a mente seja livre, para criar, para pensar, para amar.

A educação é o modo de se descobrir a nossa relação com todas essas coisas, a nossa relação com os entes humanos e com a natureza. Mas a mente cria idéias, e as idéias se tornam tão poderosas, tão essenciais, que nos impedem de ver além. Enquanto existe amor, existe tradição; enquanto existe temor, existe imitação. A mente que só imita é mecânica, não é verdade? Funciona tal qual uma máquina — sem criar, sem pensar a fundo nos problemas. Poderá produzir certas ações, certos resultados; mas não é criadora. Assim, pois, aqui nesta escola, o que desejamos fazer — vós e eu, bem como os mestres e os membros e dirigentes do "Trust" — o que todos devemos fazer é considerar a fundo todos esses problemas, para que, ao deixardes a escola, sejais um ente humano amadurecido, capaz de pensar nos problemas por si mesmo e não de acordo com alguma estupidez tradicional; de maneira que sejais um ente humano possuidor de dignidade, um ente humano realmente livre. Tal é a verdadeira finalidade da educação, e não o fazer exames e ficar depois estacionado, efetuando uma determinada coisa para o resto da vida, como escriturários, donas de casa, ou máquinas de procriar. Deveis exigir dos vossos mestres, deveis insistir em que a educação seja um meio de ajudar-vos a ser livres, a pensar livremente e sem temor a compreender, a indagar. Do contrário, a vida

é inteiramente inútil, não achais? Sois educados, vos formais, obtendes um emprego de que não gostais, um trabalho que não vos agrada, casais, cabe-vos ganhar dinheiro, gerais filhos, e aí ficais atolados para o resto da vida. Sois um ente lastimável, infeliz, irascível; não tendes outra perspectiva senão ter filhos, curtir mais misérias e mais sofrimentos. Isso não é educação. A verdadeira educação deve ter por fim ajudar-vos a ser tão inteligentes que com essa inteligência possais escolher uma ocupação a vosso gosto... ou passar fome, mas nunca fazer uma coisa estúpida, que vos fará infeliz em toda a existência.

Enquanto sois jovens, deveis acender a chama do descontentamento. Enquanto sois jovens, deveis achar-vos num estado de revolução. Agora é que é o tempo próprio para investigar, desenvolver, moldar. Insisti, pois, em que vossos mestres e pais vos eduquem adequadamente. Não vos contenteis apenas com estar sentados numa sala de aulas, recebendo informações a respeito de um certo rei ou uma certa guerra. Sede descontentes, investigai, interrogai os vossos mestres — se eles são insensatos, fá-los-eis inteligentes, interrogando-os — de maneira que, ao deixardes esta escola, esta atmosfera, estejais progredindo em madureza, em inteligência; e continueis aprendendo, toda a vida, até morrerdes, tornando-vos, assim, entes humanos inteligentes.

PERGUNTA: *Como se adquire o hábito do destemor?*

KRISHNAMURTI: Vede as palavras que ele emprega. O hábito implica um movimento que se repete sempre e sempre. Se fazeis uma coisa continuadamente, isso vos proporciona alguma coisa, a não ser monotonia? O destemor é um hábito? Compreendeis? Diz o interrogante: "Como se adquire o hábito do destemor?". Quer ser destemido e por essa razão pergunta se isso se consegue pelo executar uma determinada coisa habitualmente, constantemente, repetidamente, imitativamente. O destemor só vem quando somos capazes de enfrentar os incidentes da vida, não com um hábito, porém com a capacidade de investigá-los, quando somos capazes de olhá-los e examiná-los, mas não com uma mente exausta, prisioneira do hábito.

Se tendes hábitos, sois uma mera máquina de imitar. O simples hábito gera a imitação, leva-nos a executar a mesma coisa repetidamente, faz-nos construir uma muralha em torno de nós próprios. Se levantastes uma muralha em redor de vós mesmos, através do

hábito, não vos achais livre do temor, pois viveis atrás da muralha que vos amedronta. Assim, só estareis livre do temor quando tiverdes inteligência para examinar cada problema, cada incidente, tudo o que acontece na vida, toda emoção, todo pensamento, toda reação; quando sois capaz de olhar, de examinar, estais então livre do temor.

11 de dezembro de 1952.

III

Nas duas vezes passadas, falamos a respeito do temor e da maneira de ficarmos livres dele; de como o temor perverte a mente livre, que é criadora e dispõe da extraordinária qualidade da iniciativa. Acho que devemos considerar também a questão da autoridade. Vós sabeis o que é a autoridade; mas sabeis como se origina a autoridade? O governo tem autoridade, não é exato? — o Estado, a polícia, a lei, o soldado. Vossos mestres têm autoridade sobre vós, não é verdade? O mesmo acontece com os vossos pais, que vos obrigam a fazer o que acham recomendável: recolher-vos a determinadas horas, tomar determinados alimentos, encontrar-vos com pessoas direitas. Eles vos disciplinam, não é assim? Porquê? Dizem ser para vosso bem. É para o vosso bem? Eis o que vamos ver. Mas, antes de o investigarmos, precisamos compreender como nasce a autoridade — o poder de outro, a coerção, a compulsão de poucos sobre muitos, ou de muitos sobre poucos.

Temos de elucidar esta questão; mas, para se compreender o processo da autoridade, importa descobrir como vem à existência a autoridade. Por serdes meu pai ou minha mãe, que direito tendes sobre mim? Que direito têm outras pessoas sobre mim, que direito têm de tratar-me como coisa desprezível, como se fossem superiores a mim? Quais as causas que concorrem para o aparecimento da autoridade? Que causas serão essas? A primeira, evidentemente, é o desejo que tem cada um de nós de encontrar uma norma de conduta, o desejo de saber o que deve fazer. Não sei o que devo fazer, estou confuso, preocupado; por isso vos procuro, procuro o sacerdote, o mestre, o progenitor, ou outro qualquer. Estou em busca de uma norma de conduta, e procuro-vos, para me dizerdes como devo agir. Porque penso que sabeis mais do que eu, apelo para vós. Apelo para o *guru*, para o mestre, o sacerdote, para algum homem tido por muito sábio, pedindo-lhe que me diga o que devo fazer. Assim, esse desejo que em mim reside, justamente

esse desejo de encontrar uma norma de vida, um método de conduta, de comportamento, é que cria a autoridade. Não é verdade? Por exemplo: dirijo-me a um *guru;* julgo-o um grande homem, porque ele me dá paz, conhece a verdade, conhece Deus. Eu nada sei a respeito dessas coisas, mas o procuro, prostro-me a seus pés, oferecendo-lhe flores, rendo-lhe devoção. Tenho o desejo de conforto, o desejo de saber, e, por essa razão, crio a autoridade. A autoridade não existe fora de mim.

Quando sois jovens, o mestre vos diz que nada sabeis. Mas, se o mestre é inteligente, ele vos ajudará a tornar-vos inteligentes, a prescindir da autoridade. Ajudar-vos-á a compreender a vossa confusão, para não necessitardes de autoridades exteriores.

Temos, também, a autoridade do Estado, a polícia, a lei. Crio esta autoridade exterior porque tenho os meus haveres, que desejo proteger. Essas coisas me pertencem, e não quero que vós as tenhais. Crio assim o governo, um governo que protege o que é meu! E o governo se torna a minha autoridade; ele é uma invenção minha, destinada a proteger-me, a proteger a minha idéia, meu sistema de pensamento. E, assim, gradualmente, através dos séculos, vou criando um sistema de leis, de autoridade — a polícia, o Estado, o Governo, o exército, cuja função é proteger-me e o que é meu!

E há, ainda, a autoridade do ideal, que não é externa, porém interna. A minha mente criou a autoridade de um ideal. Digo "devo ser bom", "não devo ser invejoso", "devo ter sentimentos fraternais para com todos". Crio, assim, a autoridade de um ideal, não é verdade? Sou intrigante, estúpido, cruel, quero tudo para mim, desejo poderio. Assim sou eu; mas acho que devo ser fraternal — porque os homens religiosos dizem que devemos sê-lo, porque é conveniente dizê-lo, porque é lucrativo dizê-lo. E crio essa coisa como um ideal. Eu não sou tal coisa, mas quero tornar-me esse ideal. E torna-se, assim, o ideal a minha autoridade.

Temos, pois, a autoridade que é compulsão externa, e temos a autoridade que é compulsão, coerção interior, e que chamo ideal. Pois bem, para viver de acordo com esse ideal, eu me disciplino. Digo — "preciso ser bom". Tenho-vos muita inveja, porque possuís um terno melhor, ou um vestido melhor, ou mais títulos do que eu; mas, digo — "Não devo abrigar sentimentos invejosos, e sim ser fraternal". O ideal se torna a minha autoridade, e consoante esse ideal, eu vivo. E, assim, que ocorre na minha vida? Sou ambicioso, sou invejoso; tenho um ideal, segundo o qual estou vivendo; disciplino-me em conformidade com esse ideal; e a minha vida se torna

uma batalha constante entre o que sou e o que *deveria ser*. Por essa razão invento disciplina, não é verdade? — disciplina para viver de acordo com o ideal. Disciplino-me, e o Estado me disciplina, O Estado, — seja ele um estado comunista, seja capitalista ou socialista — tem certas idéias sobre como devo proceder. Dizem ser o Estado de suprema importância. Estou simplificando, para fazer-vos compreender. Se eu, que vivo nesse Estado, faço uma coisa contrária a ele, sou submetido à coerção pelo Estado — isto é, pelos poucos que o controlam.

Somos constituídos de duas partes, a parte consciente e a parte inconsciente. Compreendeis o que isso significa? Ides por uma estrada, conversando com um amigo; vossa mente consciente, a mente que está conversando, continua em atividade enquanto conversais; mas há uma parte de vós que está absorvendo inconscientemente as árvores, as folhas, os reflexos do sol na água, os pássaros. Há um bombardeio contínuo do exterior sobre o inconsciente, embora a vossa mente consciente esteja ocupada; e o que o inconsciente absorve é muito mais importante do que o que o consciente absorve. A mente consciente pouco pode absorver. Só sois capazes de assimilar o que se ensina na escola, que não é muita coisa. Mas o inconsciente está também sendo alimentado na escola, nas relações entre vós e o mestre, entre vós e vossos amigos. Isso se processa subterraneamente, mas é de importância bem maior do que a mera absorção de fatos à superfície.

Identicamente, esta minha palestra matinal é importante porque vosso inconsciente está absorvendo. Mais tarde, no correr do dia ou da semana, lembrar-vos-eis constantemente do que se falou. Isso terá efeito muito maior sobre vós, do que o simples escutar na realidade ou conscientemente.

Como vedes, nós criamos a autoridade — o Estado, a polícia. Do mesmo modo, criamos a autoridade do ideal, a autoridade da tradição. Meu pai diz: "não façais isso". E eu tenho de obedecer, senão ele se irrita, e também porque dependo dele para o meu sustento. Ele me controla através das minhas emoções. Não é verdade? Torna-se, por conseguinte, minha autoridade. Assim também existem as tradições — tendes de fazer isto ou aquilo, usar o *sari* de uma certa maneira, apresentar-vos de um certo modo, não olhar para os rapazes, não olhar para as moças. Existe a tradição, que vos diz o que deveis fazer. E a tradição, afinal, é conhecimento, não é? Há livros que vos dizem o que deveis fazer, o Estado vos diz o que deveis fazer, vossos pais vo-lo dizem, a tradição, também;

a sociedade, a igreja, o templo, as religiões fazem a mesma coisa. E, nessas condições, que vos acontece? Sois esmagados, despedaçados. Nunca estais pensando, agindo, vivendo plenamente, porque temeis tudo isso. Tendes tradições, autoridades, os vossos pais; e dizeis que deveis obedecer porque, do contrário, ficareis desamparados.

A autoridade, por conseguinte, se cria, porque buscamos uma norma de conduta, uma maneira de viver. O próprio desejo, a própria busca de uma norma de conduta criam a autoridade; e, assim, vos tornais um mero escravo, um dente de máquina, vivendo sem nenhuma capacidade para pensar, sem capacidade para criar. Não sei se pintais. Se o fazeis, em geral o vosso mestre vos diz o que deveis pintar. Vedes uma árvore e a copiais. Mas pintar é ver a árvore e exprimir o que sentis em presença da árvore e o que a árvore significa, o movimento da folha, o sussurro do vento nas árvores; e, para tal, precisais ter muita sensibilidade, para surpreenderdes os movimentos de luz e de sombra. Como pois perceber os sinais do vento rápido, se estais sempre com medo, sempre dizendo "preciso fazer isto", ou "preciso fazer aquilo" ou "que dirão os outros?". E, assim, pela ação da autoridade, vai-se destruindo gradativamente a sensibilidade, o percebimento do belo.

E surge, pois, o problema de dever ou não, uma escola como esta, disciplinar-vos. Vede as dificuldades que os mestres, se são verdadeiros mestres, têm de enfrentar. Sois uma criança, um menino ou menina rebelde; devo disciplinar-vos? Se vos disciplino, que acontece? Porque sou maior, porque tenho mais autoridade, etc., porque sou pago para fazer certas coisas, eu vos forço a fazê-las. E vós tendes de obedecer. Não prejudiquei a vossa mente? Não estou começando a destruir a vossa mente, a destruir a vossa inteligência? *Se vos forço a fazer uma coisa porque penso que ela é correta, não vos estou tornando estúpidos?* Mas vós gostais de ser disciplinados, de ser compelidos. Bem o sei; porque pensais que, se não fôsseis coagidos, seríeis rebeldes, seríeis maus, faríeis coisas que não são corretas. Por essa razão dizeis: "Ajudai-me a proceder corretamente". Em primeiro lugar, devo forçar-vos, ou devo ajudar-vos a compreender porque sois rebeldes, porque sois isto ou aquilo? Isso significa o quê? Significa que devo estar completamente isento do espírito de autoridade, como mestre ou como pai. Desejo que compreendais; desejo ajudar-vos a compreender os vossos problemas: porque sois assim, porque sois mau, porque desejais fugir — desejo que compreendais a vós mesmos. Se vos cons-

tranjo, não vos ajudo. Está visto, pois, que se sou um mestre, cabe-me ajudar-vos a compreender-vos; o que significa que só posso atender a uns poucos meninos e meninas. Não posso encarregar-me de cinqüenta meninos ou cinqüenta meninas; devo ter apenas umas poucas crianças, a fim de poder atender individualmente a cada uma, para que, como mestre, eu não implante nenhuma autoridade que vos obrigue a fazer algo que provavelmente faríeis espontaneamente, se o compreendêsseis.

Vejo, pois, e espero que estejais vendo, que a autoridade destrói a inteligência. A inteligência, afinal de contas, só pode surgir quando há liberdade, liberdade de pensar, de sentir, de observar, de interrogar. Mas, se vos constranjo, faço-vos tão estúpidos como eu. Em geral, é isso o que acontece nas escolas: o mestre pensa que sabe tudo e que vós nada sabeis. Que sabe o mestre? Só Matemática e Geografia. Não resolveu nenhum problema, não investigou as coisas mais importantes da vida, mas troveja como Júpiter ou como um primeiro sargento.

Conseqüentemente, o mais importante, numa escola como esta, é que, em vez de vos disciplinarem para fazerdes o que vos mandam fazer, vos ajudem a compreender, a ser inteligentes e livres, para poderdes enfrentar todos os problemas da vida. Isso requer um mestre competente, um mestre que sinta verdadeiro interesse por vós, que não esteja preocupado com dinheiro, preocupado com sua esposa e filhos. E é dever dos estudantes, tanto quanto dos mestres, criar tal estado de coisas. Não obedeçais; descobri por vós mesmos a maneira de refletir sobre um problema. Não digais que fazeis uma coisa porque vosso pai vos manda fazê-la, mas pensai bem sobre o que ele quer dizer, descobri por que razão ele pensa que uma coisa é boa ou má. Interrogai-o, não só para vos tornardes inteligentes, mas também para o ajudardes a ser inteligente. O que em geral acontece é que, quando começais a interrogá-lo, ele quer disciplinar-vos; ele não tem paciência, tem suas ocupações, falta-lhe o amor, para sentar-se ao vosso lado e conversar convosco acerca dos enormes problemas da existência, do ganhar o sustento, do ter esposa ou marido. Ele não tem tempo para essas coisas; por isso vos repele ou vos manda para a escola. E os professores são como os demais. Incumbe aos mestres, aos pais, e a vós, o dever de cooperardes para a formação dessa inteligência.

PERGUNTA: *Como se aprende a ser inteligente?*

KRISHNAMURTI: Vede o que esta pergunta implica. Desejais um método, o que significa que sabeis o que é inteligência. Isto é, quando quereis ir a Benares e indagais o caminho de Benares, já conheceis o vosso destino e só precisais saber o caminho. Identicamente, quando perguntais "como se aprende a ser inteligente?", já sabeis o que é inteligência; pelo menos pensais que sabeis o que é inteligência e só precisais de um sistema pelo qual possais ser inteligente. Inteligência é justamente o pôr em dúvida o método. O temor destrói a inteligência, não é exato? O temor vos impede de examinar, de interrogar, de inquirir, de investigar o que é verdadeiro. Quando não houver temor, provavelmente sereis inteligente. Cabe-vos, pois, investigar a fundo a questão do temor, para ficardes livre do temor; e tereis então a possibilidade de ser inteligente. Mas se dizeis "Como posso tornar-me inteligente?", estais apenas querendo cultivar um método, e por isso vos tornais insensato.

PERGUNTA: *Todos sabem que morrem. Porque tememos a morte?*

KRISHNAMURTI: Dizeis que tendes medo da morte. Porque temeis a morte? Porque não sabeis viver? Se soubésseis viver com plenitude, não teríeis medo da morte. Se amais as árvores, o pôr do sol, os pássaros, a folha; se ao verdes homens e mulheres que choram, se ao verdes a gente pobre, sentísseis verdadeiro amor a eles, teríeis medo à morte? Teríeis medo? Não vos deixeis persuadir por mim. Pensemos juntos. Porque não viveis, — não fruís a vida, não sois feliz, não vedes as coisas profundamente, e me perguntais o que acontecerá depois da morte. A vida é sofrimento e a morte vos interessa muito mais. Achais que talvez haja felicidade depois da morte. Mas, esse é um grande problema. Não sei se desejais investigá-lo. Afinal, o que está na sua base é o medo. Medo de viver, medo de morrer, medo de sofrer — o medo é a raiz do problema. Assim sendo, se não puderdes compreender o que é que cria o medo, não vos tornareis livre dele, e, nesse caso, tanto faz que estejais vivendo ou que estejais morrendo.

PERGUNTA: *Como se pode viver feliz?*

KRISHNAMURTI: Não viveis feliz? Dizeis que não sabeis se estais vivendo feliz. Não sabeis quando sofreis, quando sentis dor, quando tendes uma dor física, quando alguém vos bate? Sabeis quando

alguém está contrariado convosco. Sabeis quando sois feliz? Sabeis quando estais com saúde? A felicidade é o estado de que não temos consciência, de que não temos conhecimento. No momento em que temos conhecimento de ser felizes, já não somos felizes, não é verdade? Em maioria sofreis e, cientes do sofrimento, desejais fugir para o que chamais felicidade. Por conseguinte, quereis ser felizes conscientemente; mas tão logo sois felizes conscientemente, acabou-se a felicidade. Podeis dizer alguma vez que sentis alegria? É só posteriormente, passado um momento, que dizeis: "Como sou feliz, que alegria senti!" Mas isso já é uma lembrança. No instante da alegria real, não tendes consciência dela, e nisso é que consiste a sua beleza.

12 de dezembro de 1952.

IV

Anteontem, como deveis lembrar-vos, tratamos do problema da disciplina. É um problema realmente complexo, porque em geral pensamos que, mediante uma certa disciplina, teremos a liberdade. Vós sabeis o que é a disciplina, não sabeis? Ela é o cultivo da resistência, não é verdade? É difícil demais esta palavra? Pensamos que, resistindo, levantando uma coisa contra outra, estaremos mais aptos a compreender, a ser livres, a viver com plenitude. Mas isso não é exato, é? Quanto mais resistimos, quanto mais repelimos, quanto mais lutamos contra uma coisa, tanto mais fraca é a compreensão. Não sei se vindes conversando sobre essas coisas; mas, se o fazeis, já compreendestes que é só quando há liberdade, liberdade real, para pensar, para existir, que é só neste estado que se pode descobrir algo, que se pode conhecer o amor. Mas a liberdade não existe nem pode existir cercada de limitações. Em regra vivemos num mundo limitado por idéias, não é assim? Está muito difícil isso? Por exemplo: Dizeis que vossos pais ou mestres sabem o que é certo ou errado; pelo menos pensais que eles sabem o que é certo, o que é errado, o que é mau, o que é bom. Sabeis tudo o que se diz e tudo o que não se diz, sabeis o que a religião disse, o que disse o sacerdote, o que disseram vossos pais, o que aprendestes na escola, o que diz a tradição. E viveis dentro desses limites, dessa clausura. Entretanto, vivendo nessas condições dizeis que sois livres. Mas o sois realmente? Pode um homem que vive numa prisão, ser livre?

Visto isso, o que devemos fazer é arrasar as muralhas que nos cercam e descobrir por nós mesmos o que é real, o que é verdadeiro, benéfico. Cumpre-nos experimentar, investigar, e não, meramente, seguir alguém; ainda que na presença de tal pessoa nos sintamos melhores, mais nobres, mais entusiasmados, mais felizes, o segui-la nada significa. O que tem significação, o importante, é o sermos capazes de examinar todos os valores, todas as coisas tidas

por boas, por benéficas, úteis, e não as aceitarmos. Porque, no momento em que aceitamos, estamos começando a ajustar-nos, a imitar; e a pessoa que imita, que copia, que apenas segue, nunca pode ser feliz.

Dizem os mais velhos que deveis disciplinar-vos. A disciplina vos é imposta ou por vós mesmos ou por outro, do exterior. Na escola vos dizem que façais isto ou aquilo. Mas o relevante é que descubrais como podeis ser livres, para começardes a indagar por vós mesmos. Infelizmente, a maioria das pessoas não quer investigar coisa alguma, não quer pensar; tem a mente fechada. É dificílimo ter-se uma mente que esteja sempre pensando, descobrindo, investigando, penetrando as coisas; isso requer uma grande soma de energia, de percebimento e investigação. A maioria das pessoas não tem nem energia nem inclinação para investigar; dizem: "Está muito bem; vós sabeis mais do que eu; sois meu *guru*, meu mentor". Numa escola como esta, cumpre cuidar desde o começo, desde a idade mais tenra até à época de deixardes o colégio, de que sejais livres para pesquisar e não permaneçais limitados por uma muralha constituída pelo que "deveis fazer" e pelo que "não deveis fazer". Porque, se é preciso que se vos diga o que deveis fazer, onde está a vossa inteligência? Ingressais numa profissão; sois uma entidade que nunca pensa, e vossos pais vos dizem que deveis casar ou que não deveis casar, que deveis ser funcionário ou deveis ser juiz. Isso não é inteligência. Podeis passar nos vossos exames, ter vestidos muito bons, possuir muitas jóias, muitos amigos, e ocupar uma boa posição social; mas isso não é inteligência.

Ora, a inteligência, sem dúvida, só pode surgir quando sois livres para pesquisar, livres para pensar, livres para impugnar todas as tradições, para que vossa mente se torne muito ativa, muito lúcida e sejais, como indivíduo, uma entidade "integrada", plenamente eficaz, — e não uma entidade assustada, que nunca sabe o que lhe cabe fazer e por isso obedece, sentindo interiormente uma coisa e sendo obrigada a ajustar-se a outra, exteriormente. Interiormente, tendes de libertar-vos de todas as tradições, para viverdes com independência; mas estais limitados pelas idéias dos vossos pais, relativas ao que deveis ou não deveis fazer, limitados pelas tradições da sociedade. Por isso, interiormente, há um conflito constante. Vós sabeis disso, não sabeis? Sois muito jovens ainda; mas acho que não sois tão jovens que o não percebais. Desejais fazer uma coisa e vossos pais e mestres vos dizem que a não façais. Vossa tia, vosso avô diz "Não façais isso!". No entanto, desejais fazê-lo,

e, por esse motivo, existe uma luta constante, não é exato? Enquanto não resolverdes essa luta, continuareis no conflito, na dor, na aflição, desejando fazer algo e proibidos de o fazer.

Nessas condições, se pensardes bem nesta questão, vereis que a disciplina e a liberdade são coisas incompatíveis. Se estais em busca da liberdade, deveis saber que existe um processo de compreensão inteiramente diverso, o qual traz sua luz própria e em virtude do qual não praticais certos atos. O que importa pois, enquanto sois jovens, é serdes livres para investigar e que vos ajudem a descobrir o que deveis fazer na vida. Se o não descobris enquanto jovens, nunca o descobrireis e nunca sereis livres. A semente tem de ser lançada agora, para que tenhais iniciativa, para que sejais livres para descobrir. Quantas vezes passais por aldeãos a transportarem pesados fardos! Que sentis nessas ocasiões? Que sentis por essas pessoas, por aquelas pobres mulheres esfarrapadas, esquálidas, suarentas, mal nutridas, que trabalham dia após dia, sem garantia alguma, em troca de uma magra pitança? Já as tendes visto, não? Que sentis por elas? — Andais tão assustados, tão ocupados com vós mesmos, vossos exames, vossa aparência, vossos vestidos, que nunca lhes dais um pouco de atenção? Sentis que sois muito melhores, que sois de uma classe diferente, e, por isso, vós não lhes prestais a mínima atenção. Mas, quando por acaso as vedes passar, que sentis? Não sentis nenhum desejo de ajudá-las? Dais-lhes ajuda? Isso indica a vossa maneira de pensar. Estais tão mortos e tão embotados pela tradição, por vossos pais e mães, pela prática secular da opressão, que, porque sois um rapaz ou uma moça de certa classe, achais que lhes não deveis dar atenção? Estais deveras tão asfixiados que não sabeis o que se passa em derredor?

Assim, gradualmente, o medo — medo do que dizem os pais, do que dizem os mestres, medo da tradição, medo da vida — destrói a sensibilidade. Sabeis o que é sensibilidade? É ser sensível, receptivo, compreensivo, é ter compaixão pelos que sofrem, ser capaz de afeição, estar cônscio do que se passa ao redor de nós. Ouvis soar o sino do templo; prestais atenção a isso? Escutais-lhe o som? Vedes os reflexos do sol nas águas? Vedes os pobres, os aldeãos, há séculos dominados e pisados por exploradores? Sois sensíveis a tudo o que se passa em torno de vós? Ao verdes uma criada levando um pesado tapete, vós a ajudais? Tudo isso implica sensibilidade. Como vedes, a sensibilidade se destrói quando uma pessoa é disciplinada, quando sente medo, só se preocupa consigo. Sabeis o

que significa uma pessoa que só cuida de si? É uma pessoa que só cuida de sua própria aparência, de seus vestidos, que só pensa em si, a todas as horas — como o faz a maioria de nós, de um ou outro modo — de maneira que sua mente e seu coração se fecham e ela perde toda a capacidade de apreciar o belo.

Ser realmente livre implica muita sensibilidade. Não há liberdade, se vos fechais pela prática de várias disciplinas. Como quase tudo o que fazeis na vida é imitação, perdeis a sensibilidade, perdeis a liberdade. Não é importantíssimo que, enquanto aqui estais, seja lançada a semente da liberdade, para que, em toda a vossa vida, prevaleça a inteligência, que é liberdade? Com essa inteligência podereis examinar todos os problemas da vida.

PERGUNTA: *É praticável um indivíduo conservar-se isento de temor e ao mesmo tempo adaptar-se à sociedade?*

KRISHNAMURTI: Que é a sociedade? Como definiríeis a sociedade? Um conjunto de valores, um conjunto de regras e preceitos e tradições? Notando as condições exteriores, dizeis: "Posso permanecer aqui e atuar praticamente nesta sociedade?" Porque não? Mas se apenas vos adaptais àquelas condições, aquele quadro de valores, sois livre? Que entendeis por "praticável"? Acaso vos referis à necessidade de ganhar a vida? Nesse caso, que significação tem "ser capaz de adaptar-se à sociedade, ser capaz de atuar nela?". Tomemos o exemplo seguinte, pois não desejo apresentar-vos um problema complexo: Vós tendes de ganhar a vida e há muitas coisas que podeis fazer para conseguí-lo; se sois livre, não podeis escolher o que desejais fazer? É praticável isso? Ou achais que o praticável seria esquecerdes a vossa liberdade e vos adaptardes a alguma coisa: tornar-vos advogado, banqueiro, negociante, ou varredor de rua? Ou diríeis: "Sou livre, já cultivei a minha inteligência. Vou procurar a ocupação que mais me convenha. Porei de parte todas as tradições, para fazer o que mais me agradar; não importa que meus pais ou a sociedade o aprovem ou desaprovem. Porque sou livre e tenho inteligência, farei exclusivamente o que me compete fazer, como homem integrado". Está respondida a vossa pergunta?

PERGUNTA: *Que é Deus?*

KRISHNAMURTI: Desejais realmente uma resposta a esta pergunta? De que maneira quereis descobrir isso? Aceitando as informações dadas por outra pessoa? Ou tentando ver o que é Deus? É fácil fazer perguntas, mas a descoberta requer muita inteligência, muita indagação e investigação.

Pois bem, o primeiro ponto é este: Pretendeis aceitar o que outra pessoa diz a respeito de Deus — o que diz Krishna, Buda, ou outro qualquer? Eu posso estar enganado e também o pode estar o vosso *guru* favorito. Nessas condições, a primeira coisa de que necessitais, para o descobrimento de qualquer verdade profunda, é uma mente livre para inquirir, uma mente não disposta a aceitar, mas, sim, a investigar diretamente. Eu posso dar-vos uma descrição da verdade, mas isso não será a mesma coisa que o verdes vós mesmo a verdade. A maioria dos livros nos dão descrições; todos os livros sagrados descrevem com palavras o que é Deus; mas isso pode não ser Deus. A palavra "Deus" não é Deus, é? Assim, para descobrirdes, nunca deveis aceitar, não é verdade? Nunca deveis deixar-vos influenciar pelos livros, pelos mestres, ou por outros. Porque, se eles vos influenciam, haveis de achar o que eles querem que acheis. Por conseguinte, exteriormente, cumpre não estejais influenciado por nenhum livro, nenhum mentor, nenhum *guru*; e, interiormente, deveis saber que a vossa mente é capaz de criar o que deseja; pode imaginar Deus com uma longa barba ou com um olho só, pode imaginá-lo azul, purpúreo. Tendes, pois, de defender-vos dos vossos próprios desejos; porque os vossos desejos, necessidades, anseios, podem projetar-se e criar na vossa mente as coisas que desejais. Se ansiais por Deus, ele será de acordo com os vossos desejos, não é verdade? Se sofreis, se desejais conforto, se vos sentis esmagado, destruído, se vos sentis sentimental ou romântico, criareis por fim um Deus para propiciar-vos o que desejais. Mas não será Deus. Por conseguinte, a vossa mente deve ser completamente livre; porque só então é ela capaz de descobrir, e nunca pela aceitação de uma dada superstição, ou pela leitura de um livro sagrado, pela obediência a um *guru*. Só quando tendes aquela liberdade, aquela verdadeira isenção de todas as influências externas, bem como de vossos próprios desejos e anseios; só quando a vossa mente é muito lúcida, existe a possibilidade de se descobrir o que é Deus. Mas, se vos sentais e começais a especular, a vossa conjetura vale tanto quanto a conjetura de vosso *guru*, e vosso especular é inútil e absurdo.

O importante é conscientizar-vos das influências exteriores que vos impelem numa certa direção, e, também, dos vossos desejos,

conscientes e inconscientes, para ficardes livre de todos eles e vossas mentes se tornarem claras, isentas de influências.

PERGUNTA: *Podemos perceber nossos desejos inconscientes?*

KRISHNAMURTI: Antes de mais nada, estais inteirados de vossos desejos conscientes? Sabeis o que é "desejo"? Sabeis que não dais ouvidos a quem vos diz algo contrário ao que credes? Vosso desejo vos impede de lhe dar atenção. Desejais Deus. Se vem alguém dizer-vos que Deus não é nenhum produto de vossas frustrações e temores, que é coisa de todo diferente — vós lhe dais atenção? Evidentemente, não. Desejais uma coisa e a verdade é outra. Fechai-vos nos vossos próprios desejos e, gradualmente, vos tornais semiconsciente dos vossos desejos, ficais encerrado neles. Não tendes percepção dos vossos desejos quando estais desperto, isto é, dos vossos desejos conscientes, tendes? Dar-se conta dos desejos que jazem profundamente ocultos é ainda muito mais difícil. É o mesmo que termos de achar uma coisa que está oculta. Não se pode achar o que está oculto, a não ser que a mente que procura seja perfeitamente clara e livre; do contrário, não podeis descobrir qual o motivo que vos impulsiona. Nessas condições, é necessário, em primeiro lugar, que estejais conscientes dos vossos desejos superficiais; depois de conscientizar-vos deles podereis, então, penetrar mais e mais profundamente.

PERGUNTA: *Porque é que uns nascem pobres e outros ricos?*

KRISHNAMURTI: A que atribuís isso? A *karma*? Porque é que, em vez de me fazerdes esta pergunta e ficardes esperando a minha resposta, não investigais o que vós mesmo sentis? Achais que há aí algum processo misterioso? Numa vida anterior, vivi nobremente e por isso sou recompensado com riqueza, bons vestidos e posição! Ou, procedi muito mal numa vida anterior, e agora o estou pagando nesta vida!

Ora, este é realmente um problema complexo. Isso acontece por culpa da sociedade, a sociedade em que os gananciosos e sagazes exploram e galgam o posto mais alto. Nós também queremos a mesma coisa, queremos também galgar a escada e alcançar o posto mais alto. E quando todos querem subir, que acontece? Uns passam por cima dos outros; e os que se vêem pisados, destruídos, exclamam: "Porque é tão injusta a vida? Vós tendes tudo e eu não

tenho possibilidades e nada tenho". Enquanto estivermos galgando a escada do êxito, haverá sempre desgraçados e famintos. O que se precisa compreender é o desejo de êxito e não o porquê existem pobres e ricos, talentosos e não talentosos. O que impende modificar é o desejo de subir, o desejo de ser um grande homem, um triunfador. Todos aspiramos ao êxito, não é verdade? Aí é que está a causa, e não em *karma* ou outra tolice qualquer. O fato verdadeiro é que todos nós queremos estar no mais alto nível ou pelo menos num nível médio. Enquanto houver esse impulso a ser grande, a ser *alguém* no mundo, teremos ricos e pobres, talentosos e não talentosos.

PERGUNTA: *Deus é homem, mulher, ou é um mistério?*

KRISHNAMURTI: Deus é um homem, ou uma mulher, ou algo completamente misterioso? Já respondi a esta pergunta, mas parece que não ouvistes a minha resposta. Este país está cheio de homens e é dominado por homens. Se eu vos dissesse que Deus é mulher, que faríeis? Rejeitaríeis tal idéia, porquanto estais convicto de que Deus é homem. Por isso, eu vos respondo que, com efeito, *vós* é que deveis averiguá-lo; mas, para o averiguardes, cumpre estar livre de preconceitos.

14 de dezembro de 1952.

V

Nestes últimos dias estivemos falando a respeito do temor, e como ele representa uma das causas fundamentais de nossa degenerescência, impende considerá-lo numa nova perspectiva, de um novo ponto de vista.

Estais interessados nestas coisas? Eu gostaria de saber se pensais nestas palestras posteriormente. Ou as considerais apenas como uma recreação matutina, ao ar livre, e as esqueceis depois?

Sempre nos dizem o que devemos pensar e o que não devemos pensar. Livros, mestres, pais, a sociedade que nos cerca, *todos nos dizem o que devemos pensar, mas ninguém nos ajuda a descobrir como devemos pensar.* Há diferença, não é verdade? — entre *o que* pensar e *como* pensar. "O que" pensar é realmente fácil, pois desde os mais tenros anos e durante todo o período de nosso amadurecimento, somos submetidos a condicionamento, traduzido em palavras, frases, atitudes, preconceitos, na maneira de pensar, e no que pensar. Não sei se já notastes como a mente dos mais idosos já se tornou rígida, qual o barro posto numa forma. Ela já se fixou, se consolidou, sendo dificílimo penetrar esse molde. A moldagem da mente, pois, é que é o seu condicionamento.

Aqui na Índia, sois condicionados para pensar, por tradições seculares, por razões econômicas, por razões religiosas. A mente já se fixou num certo padrão, num determinado molde; ela está condicionada em conformidade com todas essas causas. Na Europa ela é condicionada de uma certa maneira; e na Rússia, depois da revolução, os líderes políticos fixaram-na segundo um outro molde. A mente, pois, é condicionada. Compreendeis o que significa "estar condicionado" — condicionado não apenas à superfície, na mente consciente, mas também na mente oculta — condicionado pela raça, pelo clima, por imitações nunca enunciadas verbalmente?

Se a mente está moldada, ela nunca será livre. Diz-se, em geral, que não é possível libertar-se a mente do seu condicionamento e que ela terá de ficar condicionada para sempre. Isto é, estais condenados a ter sempre certas limitações, certas maneiras de pensar, certos preconceitos, não havendo possibilidade alguma de salvação, de liberdade para existirdes de outro modo senão condicionados. Quanto mais velha a civilização, tanto maior o peso da tradição, da autoridade, da disciplina. Uma velha raça como a da Índia está mais condicionada do que uma raça nova, como na América, onde há mais liberdade, em virtude de razões econômicas e sociais, e também porque, lá, eles foram pioneiros. Aqui, nós estamos fechados.

A mente condicionada não pode ser livre. Ela nunca passará além da sua fronteira, da sua barreira; isso é óbvio. É difícil uma mente condicionada, já formada, libertar-se do condicionamento e passar além. E esse condicionamento não é somente imposto pela sociedade, porque vós também gostais dele, pois *não tendes coragem* de superá-lo. Tendes medo do que diga vossa mãe ou vosso pai, do que diga o mestre, ou a sociedade, do que diga o sacerdote. Estais assustados e por isso criais barreiras aprisionantes. Daí estardes sempre a dizer aos vossos filhos, e eles por sua vez dirão aos seus, que *não façam* isto ou aquilo.

A mente está sempre inibida, principalmente numa escola em que vos afeiçoais a um mestre. Porque, quando gostais do mestre, quereis segui-lo. Quereis fazer o mesmo que ele faz. Dessa maneira, o condicionamento se torna mais estável, mais permanente. Suponhamos, por exemplo, que um mestre pratique *puja* e que morais numa pensão, sob sua guarda. Podeis gostar desse espetácujo ou o achar bonito; e começais também a praticá-lo. Estais, assim, sendo condicionados. Esse condicionamento é bem intenso, porque a pessoa jovem é entusiasta, criadora, cheia de vida. Eu não sei se sois criadores, pois os vossos pais nunca vos deixarão transpor a muralha, para olhardes mais longe. Eles vos casam e vos adaptam a um molde e nesse molde ficais até o fim da vida.

Enquanto jovens, é muito fácil moldar-vos, condicionar-vos, ajustar-vos a um padrão. Se se entrega uma criança — uma criança boa, inteligente, viva — a um sacerdote, dentro de alguns anos a criança estará de tal maneira condicionada por ele, que assim permanecerá, com poucas modificações, até envelhecer ou morrer. E, do mesmo modo, numa escola em que os mestres não estão "descondicionados", eles são iguaizinhos aos outros. Têm seu *puja*, seus

temores, seus desejos de *gurus,* seus rituais; praticam todas essas coisas; e vós, inconscientemente, porque estais sob sua tutela, e porque lhes tendes afeição, e porque vedes algo que achais bonito, quereis também fazer a mesma coisa, e, assim, dentro de poucas semanas, estais conquistados, começa a imitação.

Porque é que os mais velhos praticam rituais? Eu não sei, e vós não sabeis, e nem eles o sabem. Fazem-no porque seus pais o fizeram, e também porque acham que lhes proporciona um certo sentimento, certas sensações, um estado de calma. Eles cantam hinos religiosos. Acham que, se o não fizerem, estarão perdidos. Por isso o fazem, e vós, os jovens, os copiais, e começa a imitação. Se o mestre examinar a coisa, se refletir sobre ela — o que mui poucos fazem — se realmente usar a sua inteligência, isto é, investigar, indagar, e não se deixar influenciar por preconceitos — verá então que ela não tem significação alguma. Mas, o descobrir a verdade a respeito de uma coisa requer muita liberdade; só assim pode uma pessoa investigar e descobrir o verdadeiro. Se disserdes que gostais da coisa e procurardes *depois* investigá-la, isso já não significa investigar, e, sim, fortalecer os vossos gostos. Se já tendes um preconceito em favor de uma coisa, e começais, então, a investigá-la, isso apenas fortalece a vossa inclinação, o vosso preconceito.

Conseqüentemente, muito importa que, numa escola como esta, os mestres não somente se livrem do seu condicionamento, mas também ajudem as crianças a não se deixarem condicionar; e, conhecendo a influência condicionadora da sociedade, dos pais, do mundo, cabe-lhes ajudar a criança a nunca aceitar nada, mas sempre investigar e descobrir a verdade a respeito de cada coisa. Enquanto fordes descendo, começareis a perceber como várias influências se põem a moldar-vos, não vos ajudando a pensar, mas, sim, somente ditando-vos o que deveis pensar. E acabais transformados numa máquina automática, funcionando com escassa vitalidade, com poucos pensamentos originais — um dente da vasta máquina social. Todos vós tendes medo de que, se vos não ajustais à sociedade, não tenhais possibilidade de ganhar a vida. Vosso pai é advogado e deveis tornar-vos advogado. Se sois moça, deveis ser casada por vossos pais. E, nessas condições, que acontece? Começais como uma menina ou menino cheio de vitalidade, cheio de vigor, e essa vitalidade e vigor são cruelmente destruídos pelo mestre, que está condicionado pelos seus preconceitos, seus temores, suas superstições, seus rituais, seu *guru.* Saís da escola cheios de ilustração, da qual podeis fazer uso a qualquer hora, mas perdestes

a vitalidade necessária para inquirir, a vitalidade necessária para vos rebelardes contra vossos pais e a sociedade.

Estais escutando essas coisas, e que vai acontecer? Bem sabeis o que acontecerá após tirardes o vosso grau de bacharel. Sereis como o resto do mundo, porque não tendes coragem de ser diferentes. Estareis tão condicionados, tão moldados, que não ousareis tomar nenhuma iniciativa. Vossos maridos vos dominarão, vossas esposas vos dominarão, ou a sociedade vos dominará. E assim a imitação se irá perpetuando, de geração em geração. Não há iniciativa, não há liberdade, não há felicidade, não há nada senão a morte lenta. De que serve ser educado? Não seria melhor só aprenderdes a ler e a escrever, casardes, e daí por diante comportar-vos como máquinas? É isso o que querem os pais, é isso o que o mundo quer. O mundo não deseja que penseis, que sejais livres para investigar; porque seríeis então um cidadão perigoso, que se recusaria a ajustar-se a um padrão. O autêntico pensador não pode pertencer a determinado país ou classe, ou padrão de pensamento. Liberdade significa não apenas liberdade aqui, mas liberdade em toda parte, de ponta a ponta. Pensar sempre numa determinada direção não é liberdade.

Assim, na juventude, é de grande importância serdes livres, não apenas conscientemente, mas também profundamente, no vosso interior; que estejais inteirados de vós mesmos, ao perceberdes as influências que vos dirigem ou dominam; sempre dispostos a investigar, a nunca aceitar coisa alguma; sempre indagando, sempre revoltados.

PERGUNTA: *Como podemos libertar a mente, se vivemos numa liberdade cheia de tradições?*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, deveis ter o impulso, o desejo de ser livre. É o mesmo impulso da ave para voar, das águas do rio para fluírem. Tendes esse sentimento que impele a ser livre? Se o tendes, que acontece? Os vossos pais, a vossa sociedade, vos adaptarão à força num certo molde. Podeis resistir-lhes? Vós o achais difícil, porque tendes medo. Temeis não obterdes o marido que convém, ou a esposa adequada, tendes medo de não arranjar emprego, de padecer miséria, de que falem de vós. Com esse medo, não resistireis, embora desejais ser livre. Vossos temores sobre o que os outros digam, sobre o que digam os vossos pais, vos inibem, e fazeis o que eles querem que façais. Podeis dizer: "Quero saber.

Não importa a miséria. Não importa ter de batalhar contra estas odiosas barreiras. Eu quero ser livre para descobrir" — podeis dizer isso? Ser livre não significa fazer tudo o que desejais — porque isso não é liberdade. Podeis desejar ser livre; mas, quando vós mesmo estais assustado, podeis desafiar todas estas barreiras e imposições? Não é importantíssimo que justamente na meninice não se alimente o temor, porém, antes, que ajudemos a criança a perceber todas as conseqüências do temor e a ajudemos a ser livre? Se tendes medo, está acabada a liberdade.

PERGUNTA: *Fomos criados numa sociedade. Como podemos ser livres?*

KRISHNAMURTI: Estais cônscio do temor? Tendes consciência de estardes com medo? Se a tendes, que fareis? Como ides ficar livre do temor? Vós e eu temos de averiguar isso. Como iremos averiguá-lo? Primeiramente, precisais conscientizar-vos de que tendes medo. Percebeis isso? Nesse caso, que ides fazer? Pensai junto comigo. Que ides fazer, já que conheceis vosso medo? Que fazeis, na realidade? Fugis, não é verdade? Abris um livro, ou saís a passear; fugis do temor. Temeis vossos pais, tendes medo da sociedade; estais ciente disso, e não sabeis dissolver o vosso medo. Tão grande é esse medo, que nem ousais encará-lo e preferis evadir-vos dele. É por isso que vós todos quereis instruir-vos, que quereis continuar a fazer exames, até o último momento, em que tereis de fazer face ao inevitável, e agir. Vemos, pois, que estais continuamente a fugir do vosso problema. Isso não vos ajudará a resolver a vossa dificuldade. Vós tendes de encará-la. Podeis fazê-lo?

Se desejais observar uma ave, precisais aproximar-vos dela, estudá-la, ver a forma das asas, das pernas, do bico; precisais examiná-la. De modo idêntico, se temeis, deveis examinar o vosso medo. Andais tão apreensivo, que aumentais o vosso medo. Digamos, por exemplo, que desejais fazer algo que considerais bom para vós. Mas lá estão os vossos pais a dizer-vos que o não façais, senão eles vos farão sofrer conseqüências terríveis. Não vos darão mais dinheiro. Ficais, pois, receoso do que eles possam fazer. Tão receoso ficais que não ousais olhar as conseqüências de vosso receio. E por isso cedeis, e continuais com medo.

PERGUNTA: *Que é a verdadeira liberdade? Como se adquire a verdadeira liberdade?*

KRISHNAMURTI: A verdadeira liberdade deve ser produto da inteligência. A liberdade não é adquirível. Não podeis ir comprá-la no mercado. Não podeis adquiri-la com a leitura de um livro ou ouvindo uma conferência. Ela é uma coisa que vem com a inteligência. Mas, que é inteligência? Pode haver inteligência quando existe temor, quando a mente está condicionada? Compreendeis o que quero dizer com "condicionada"? Quando a mente está dominada pelo preconceito, quando vos julgais um ente humano maravilhoso, ou quando sois ambicioso e desejais êxito contínuo, pode haver inteligência? Se estais muito ocupado com vós mesmo — o que se exprime pela ambição, sob diferentes formas, não apenas a ambição mundana, mas também a ambição de ser grande espiritualmente — se seguis alguém, se venerais uma pessoa, pode haver inteligência? Quando a mente está inibida pela autoridade, pode haver inteligência? — Ao vos emancipardes de tudo isso, aí, então, surgirá a inteligência. E só então haverá liberdade. Tendes, pois, de agir. A mente tem de entrar em ação, para se desprender de todas essas coisas; e haverá, então, a inteligência, que traz a liberdade. Cabe-vos encontrar a solução. De que serve outra pessoa ser livre, outra pessoa ter o que comer, enquanto vós passais fome? Necessitais realmente de liberdade para serdes criador.

Para haver iniciativa, necessita-se de liberdade; e para existir liberdade, requer-se inteligência; e compete-nos inquirir e descobrir como se cria aquela inteligência e o que é que impede a sua manifestação. Cumpre investigar a vida, os valores sociais, tudo, enfim; nada deveis aceitar só porque tendes medo.

15 de dezembro de 1952.

VI

Talvez possamos, nesta manhã, considerar o problema do temor de um novo ponto de vista. O temor faz coisas extraordinárias com a maioria de nós. Cria toda espécie de ilusões e de problemas; e enquanto não o compreendermos realmente, enquanto não o penetrarmos profundamente, o temor haverá sempre de desfigurar as nossas ações, em toda a nossa vida; ele deturpa as nossas idéias, o nosso modo de vida; ergue barreiras entre as pessoas; destrói certeiramente o amor. Penso, pois, que quanto melhor o compreendermos, quanto mais penetrarmos a sua significação, tanto mais livres estaremos dele e tanto maior o nosso contato com as coisas que nos rodeiam. Nossos contatos, as coisas que podemos atingir na vida, se acham em pontos esparsos não é verdade? Mas, se pudermos ter contatos amplos, profunda compreensão, profunda compaixão, amor, consideração, grande será a extensão do nosso horizonte. Vejamos, pois, se podemos considerar o temor por um diferente aspecto.

Não sei se já notastes que quase todos nós desejamos segurança. Precisamos de uma certa espécie de segurança, de alguém em quem possamos amparar-nos. Como a criança que se agarra à mão da mãe, precisamos de alguma coisa a que nos agarrarmos, necessitamos de quem nos ame. Quando não temos o sentimento de nos acharmos em segurança, protegidos, mentalmente amparados, buscamos um apoio, não é verdade? Porque nos acostumamos a arrimar-nos a outros, a depender de outros para nos guiarem e ajudarem, quando nos vemos entregues a nós mesmos ficamos confusos, amedrontados, sem saber o que fazer, o que pensar, como agir. Sentimo-nos inteiramente perdidos, inseguros, incertos. É daí que surge o temor, não é verdade? Ora, há vários gêneros de proteção, várias maneiras de se ter o sentimento de certeza, o sentimento de estarmos sendo protegidos, tal como a criança que se vê protegida pelo pai ou pela mãe. Precisamos de alguma coisa que nos dê

certeza. Por isso, temos proteções exteriores e proteções interiores, garantias exteriores e garantias interiores, não é verdade? Quando fechais as portas e janelas da vossa casa e ficais dentro dela, vós vos sentis seguros, protegidos, livres de incômodos e perturbações. Mas a vida não é assim. Ela vos bate à porta constantemente, está sempre forçando as janelas, as batidas se tornarão cada vez mais fortes. Deste modo, quanto mais vos cercais de garantias interiores, com tanto mais insistência a vida vem provocar-vos. Quanto mais temeis, quanto mais fechados estais, tanto maior é o sofrimento, tanto mais insistente é a vida. A vida não vos deixará em paz. Gostais de estar em sossego, de fechar todas as janelas e gelosias, fechar tudo completamente, para ficardes abrigados dentro de casa. Mas, quanto mais vos fechais, tanto mais vem a vida para quebrar-vos as janelas. E assim começa a luta. Quereis estar em segurança, e a vida vos diz: "Não a tereis!" Quereis segurança, exteriormente, e a sociedade, a tradição, vossos pais, mães, esposas, maridos, vos empurram as portas e entram impetuosamente. E, interiormente, buscais apoio, buscais conforto numa idéia. Sabeis o que são idéias e como nascem elas? Tendes uma idéia de sair, para passear e ver algo. Ledes um livro e adquiris uma idéia. Precisais averiguar o que é uma idéia, para verdes como a idéia se torna um meio de segurança, um meio de buscar proteção, de buscar algo a que nos segurarmos. Já refletistes a respeito da idéia? Se tendes uma idéia e eu tenho outra idéia, eu acho que minha idéia é melhor do que a vossa, e entramos em luta, não é verdade? Eu procuro convencer-vos, e vós procurais fazer o mesmo. Tudo no mundo está edificado sobre idéias; e se refletirdes sobre isso, verificareis que o estar meramente apegado a uma idéia não tem valor algum. Já observastes como vossos pais, vossos mestres, vossas tias, apegam-se ao que pensam?

Pois bem, como é que nasce a idéia? Como é que tendes uma idéia? Quando tendes vontade de dar um passeio, como surge essa vontade? É uma idéia, não é? Uma idéia muito simples. A idéia de dardes um passeio — como surge ela? É interessante verificar como isso acontece. Se observo bem, vejo que quando se apresenta uma idéia, eu me apego a ela e deixo de lado tudo o mais. Deveis, pois, averiguar tal fato, esse pensamento de dar um passeio. É uma reação a uma sensação, não é verdade? Está muito difícil isso? Temos um sentimento, isto é, uma sensação, e essa sensação se manifesta porque vi algo e desejo fazê-lo. Cria-se assim o pensamento, que é posto em ação. Vejo um carro. Aí está uma sensação, não achais? Um belo carro — um "Buick", um "Ford". Eis uma

sensação resultante do simples ato de ver. A percepção cria a sensação. Da sensação surge a idéia, e a idéia se torna então muito importante. Desejo o carro. O carro se torna meu.

Há defesas exteriores baseadas em idéias, e há defesas interiores baseadas em idéias. Creio em alguma coisa, creio em Deus, creio em ritos, creio que devo casar-me, creio na reencarnação, na vida após a morte; essas crenças são todas criadas pelos meus desejos, pelos meus preconceitos, e a elas estou apegado. Tenho, pois, no exterior, de minha pele para fora, por assim dizer, idéias de segurança, e tenho também interiormente meus meios de garantir-me; tirem-se-me essas coisas, ou sejam postas em dúvida essas idéias que me protegem, exterior e interiormente, e fico com medo. Por isso, estou pronto a batalhar contra vós, pronto a repelir-vos, para que não me toqueis nas idéias.

Mas, é possível haver segurança? Entendeis isso? Nós temos idéias de segurança, o sentimento de estar protegidos ao lado de nosso pai, ao lado de nossa mãe, ou num bom emprego; a maneira como penso, como vivo, a minha aparência; com isso me sinto satisfeito; sinto-me contente quando estou fechado em idéias protetoras. Mas, posso em algum tempo estar em segurança, estar protegido, por maiores que sejam as defesas que tenho, exterior e interiormente? Que segurança haverá, se meu banco falir amanhã, se meu pai ou minha mãe morrer amanhã, se houver uma revolução? E, interiormente, existe alguma segurança nas minhas idéias? Gosto de pensar que estou em segurança, com minhas idéias, minhas crenças, meus preconceitos; mas existe essa segurança? Elas são muralhas irreais, porquanto são apenas minhas idéias e sensações. Se eu investigar bem essas proteções internas e externas, poderei ver, por mim mesmo, que elas não oferecem segurança de espécie alguma. Gosto de crer que há Deus e que ele está velando por mim. Agrada-me pensar que tornarei a nascer mais rico e mais nobre. Mas isso pode acontecer e pode não acontecer.

Interiormente, não existe segurança, e exteriormente também não. Se interrogardes os refugiados do Paquistão ou qualquer refugiado da Europa Oriental, eles vos dirão que a segurança não existe. Mas, intimamente, sentem eles que existe segurança; e por isso se apegam a ela. Podem tirar-vos a segurança exterior; mas interiormente criais com muito empenho a vossa segurança, pois não quereis viver sem vos sentirdes seguros. Redunda isso em maior temor. Suponhamos que amanhã, ou daqui a um ano, os vossos pais vos mandem fazer o que eles querem, vos mandem casar ou não

casar. Teríeis medo? Naturalmente não sentiríeis medo, porque até agora fostes criados para fazer exatamente o que eles vos mandam fazer, para pensar de certo modo, agir de certa maneira, seguir certas idéias. Mas, se eles vos mandam fazer o que quiserdes, não é certo que ficareis completamente perturbados? Se vossos pais vos dissessem que devereis casardes com a pessoa de quem gostais, estremeceríeis, não é exato? Porque, tendo sido condicionados — pela tradição, pelo temor, como ontem expliquei — não tardareis a reconhecer que, se ficais entregues a vós mesmos, se ficais sós, estais expostos ao maior dos perigos. Nunca desejais estar sós. Não desejais compreender o significado de uma coisa por vós mesmos. Não quereis dar um passeio sozinho. Quereis todos viver como formiguinhas muito ativas, sempre falando, sempre fazendo alguma coisa. Se vos deixam a sós para resolver um problema qualquer, para enfrentar qualquer uma das exigências da vida, vós que fostes criados sob a proteção de idéias, sob a proteção dos vossos pais, dos sacerdotes, dos *gurus*, vos vedes no maior dos embaraços e cheios de medo; por causa desse medo fazeis as coisas mais caóticas, mais absurdas possíveis; aceitais como os que pedem esmolas, que aceitam tudo o que se lhes dá, sem pensar.

Nessas condições, ao perceber essas coisas, as pessoas que realmente pensam começam a libertar-se de toda espécie de segurança, quer interna, quer externa. Isso é difícil em extremo, porque significa que ficais sozinhos, que não sois mais dependentes. Sempre que dependemos, temos medo; e onde há temor, não há amor. Onde existe o amor, não estais sós. Só existe o sentimento de solidão se sentimos medo, se não sabemos o que fazer. Quando estais sob a influência de idéias, isoladas pelas crenças, então existe temor; e quando há temor, estais completamente cegos. Por conseguinte, numa escola como esta, cabe aos pais e aos mestres resolverem o problema do temor; mas infelizmente os vossos pais temem por vós, sentem-se apreensivos sobre o que fareis se não vos casardes, se não obtiverdes emprego. Têm medo do que os outros digam, medo de que tomeis por um caminho errado; e por causa desse temor, eles vos obrigam a fazer uma certa coisa. O medo deles é envolto nisso que chamam amor. Querem zelar por vós, e por isso tendes de fazer tal coisa. Mas se saltardes por cima dessa muralha, a muralha da chamada afeição e consideração, temem eles pela vossa segurança; e vós também sentis medo, porque até agora dependestes dos outros.

Não é importante que, aqui, aprendais desde os mais tenros anos a desfazer esses sentimentos de temor, investigando-os, para

que nunca vos vejais isolados, para que nunca tenhais medo, para que jamais fiqueis fechados em idéias, tradições, hábitos, e sejais entes humanos livres, cheios de vitalidade criadora?

PERGUNTA: *Porque temos medo, embora saibamos que Deus nos protege?*

KRISHNAMURTI: Disseram-vos que Deus vos protege. Vede o que se passa. Vosso pai, vosso irmão, vossa mãe, vos asseguram que Deus vos protege, o que é uma idéia, e a essa idéia estais apegado; e, no entanto, existe temor. Assim, tendes uma idéia de que Deus vos protege — uma idéia, um pensamento, um sentimento. Mas a verdade é que temeis. O fato é que é a coisa real; não a vossa idéia de que sereis protegido, porque vosso pai, vossa mãe, vossa tradição, nos fazem confiar na proteção divina. Mas que é que está acontecendo realmente? Estais sendo protegido? Vede os milhões que não estão sendo protegidos, que estão a morrer de fome. Vede os aldeões, que transportam pesados fardos, sujos, esfarrapados, suarentos. Eles estão sendo protegidos por Deus? Porque tendes mais dinheiro do que outros, porque tendes posição, porque vosso pai é *Tahsildar* ou coletor ou um negociante que logrou alguém, tendes direito à proteção de Deus, enquanto há milhões de pessoas neste mundo que não têm o que comer, que não têm o que vestir? Ora, em verdade, não existe proteção de espécie alguma, embora vos seja grato pensar que Deus vos protegerá. Essa é apenas uma idéia agradável, destinada a acalmar o temor; assim sendo, não duvidais, e credes singelamente em Deus. Se, entretanto, examinardes bem a questão do temor, podereis averiguar se de fato Deus vos protegerá ou não. Para começar, a idéia de que tereis a proteção divina não tem significado algum. Começais com a esperança de que o ente humano desgraçado e faminto vai ser protegido pelo Estado, por seu patrão, pela sociedade, por Deus, pela tradição; mas não é assim, eles não o protegerão.

Quando existe afeição, não há temor; e, então, não existe problema nenhum.

PERGUNTA: *Que é timidez?*

KRISHNAMURTI: Não sabeis o que é? Não sabeis quando vos sentis acanhado? Se sentis acanhamento, eu vos pergunto o que é acanhamento? Aqui está reunido um grande número de pessoas;

não estais habituado a levantar-vos e falar e vos achais tão sensível que não vos expondes a críticas. Sentis acanhamento porque falais mal, porque não pronunciais bem o inglês, etc. Por outras palavras, receais expor-vos à nossa crítica. Sentis acanhamento, tendes um sentimento de insuficiência, de incapacidade para falar adequadamente, e temeis que riamos de vós. Por isso dizeis que preferis falar em hindi, ou ficais calado. Mas, se vos sentísseis perfeitamente seguro de vós, não deixaríeis de expressar-vos. A capacidade de expressão vos dá o sentimento de uma certa segurança, não é assim?

PERGUNTA: *Que é a sociedade?*

KRISHNAMURTI: Que é a sociedade? Que é a família? Investiguemos, passo por passo, como se cria a sociedade, como nasce ela. Que é a família? Quando dizeis "minha família", que entendeis? Meu pai, minha mãe, meu irmão, minha irmã, o sentimento de conchego, o sentimento de que vivemos todos na mesma casa, o sentimento de que meu pai e minha mãe irão proteger-me, a posse de certos bens, de jóias, *saris,* roupas. Esse é o começo da família. Há outra família igual à minha, que vive noutra casa, que sente o mesmo que eu sinto: o sentimento de "minha casa", "minhas roupas", "meu carro", "minha esposa", "meu esposo", "meus filhos"; e mais outra família existe, que também sente exatamente a mesma coisa; de maneira que dez famílias residentes num mesmo lugar, sentindo as mesmas coisas, adquirem o sentimento de que não devem ser invadidas por outras famílias. Por conseguinte, começam a fazer leis. As famílias poderosas se instalam em melhores posições, têm grandes propriedades, mais dinheiro, mais roupas, mais carros. Reúnem-se, pois, as dez famílias e estabelecem leis que determinam o que devemos fazer. E assim, gradualmente, nasce uma entidade social, com leis, regulamentos, polícia, exército, marinha. Por fim, toda a superfície da terra está povoada por diferentes entidades sociais. Depois, algumas pessoas adquirem certas idéias e querem derribar as que se estabeleceram em certas posições e que têm o poder nas mãos. Dissolvem essa sociedade e formam outra.

A sociedade é constituída das relações entre as pessoas: relações de uma família com outra família, de um grupo com outro grupo, e dos indivíduos com a sociedade. Deste modo, as relações é que constituem a sociedade, as relações entre indivíduos, entre vós e mim, estabelecem a sociedade. Se sou ganancioso e disponho

de poder, expulsar-vos-ei de vossa posição. E vós procedereis da mesma forma comigo. E, também, vós e eu elaboramos leis, e vêm outros e destroem as nossas leis e estabelecem um novo conjunto de leis; e assim por diante, indefinidamente. Na sociedade, como nos relacionamentos, há um conflito constante. — Essa é a base simples da sociedade ela se torna cada vez mais complicada à medida que os entes humanos se tornam mais complexos nas suas idéias, nas suas necessidades, nas suas instituições mecânicas, na sua indústria.

PERGUNTA: *Pode uma pessoa ser livre, vivendo nessa sociedade?*

KRISHNAMURTI: Podemos ser livres, vivendo em sociedade? Se dependemos da sociedade para nossa segurança, nosso conforto, poderemos ser algum dia livres? Se dependo de meu pai, porque preciso de sua afeição, de seu dinheiro, de iniciativa, se dependo dele ou de meu *guru,* sou livre? Não sou. De modo idêntico, se dependo da sociedade, sendo a sociedade o instrumento que me dá trabalho, que me dá proteção — sou livre? É-me possível ser livre quando sou dependente? Só posso ser livre quando tenho capacidade, quando tenho iniciativa, quando penso livremente, quando não temo o que os outros dizem, quando desejo investigar algo que é verdadeiro, quando não sou ganancioso, invejoso, ciumento. Enquanto sou invejoso, ávido, estou em situação de dependência; enquanto dependo da sociedade, não sou livre; já, se estou isento da avidez, então tenho liberdade, qualquer que seja a minha ocupação ou emprego. Mas se, porque recebi instrução, porque sou isto ou aquilo, julgo que só posso exercer cargos de importância, às ordens do governo, se acho que só devo exercer certas atividades, então, é claro, dependo da sociedade, livre não sou.

PERGUNTA: *Porque desejam as pessoas viver em sociedade? Elas podem viver sós.*

KRISHNAMURTI: Podeis viver só?

PERGUNTA: *Vivo em sociedade porque meu pai e minha mãe pertencem ao meio social.*

KRISHNAMURTI: Para terdes emprego, para viverdes, para ganhardes a vida, para fazerdes qualquer coisa, não precisais viver

em sociedade? Podeis viver só? Para terdes alimento, dependeis sempre de alguém; de alguma pessoa dependeis para terdes roupas; mesmo que sejais um *sanyasi,* dependereis de outro para terdes o que comer, o que vestir, onde morar. Não se pode viver sozinho. Não há entidade que exista completamente só. Estamos sempre em relação; apenas na morte se pode estar só. Na vida, estamos sempre em relação, em relação com nosso pai, nosso irmão, com o mendigo, o calceteiro, o *Tahsildar,* o coletor. Estais sempre em relação e, porque não compreendeis essa relação, existe conflito. Mas, quando compreendemos a relação entre um homem e outro, não há conflito, nem problema relativo ao viver só.

PERGUNTA: *Se estamos em relação uns com os outros, isso significa que não podemos ser livres. Não é exato isso?*

KRISHNAMURTI: Nós não compreendemos o que são as relações, as relações corretas. Suponhamos que eu tenha de depender de vós; se dependo de vós para viver, para ter conforto, para ter segurança, de que maneira posso ser livre? Mas, mesmo que eu não dependa de outrem, estou ainda em relação, não é verdade? Dependo de vós porque desejo alguma espécie de conforto emocional, físico ou intelectual. Dependo de vós porque necessito de alguma espécie de segurança. Assim, minhas relações com meus pais são relações de dependência; mas, se dependo deles, tenho medo; minhas relações com meus pais baseiam-se no temor. Como posso então ter relações livres? Só posso ter relações livres se não existe medo. Tenho, pois de pôr-me em ação a fim de libertar-me dessa dependência e ter relações corretas; porque, nas relações corretas, sou livre.

PERGUNTA: *Como podemos ser livres se nossos pais dependem de nós?*

KRISHNAMURTI: Porque existe, da parte deles, essa dependência? Por serem idosos, eles necessitam de ajuda para o seu sustento. E, então, que acontece? Eles dependem de vós, e vós tendes de ganhar dinheiro para mantê-los; e se disserdes: "Quero ser carpinteiro, ainda que nada ganhe", eles vos dizem que não o deveis fazer, porque vos cabe sustentá-los. Pensai bem nisso. Não estou dizendo que isso seja bom, nem que seja mau. Se digo que

é bom ou que é mau, ponho termo ao pensar. Nessas condições, a exigência de vossos pais de que deveis prover meios para mantê-los vos impede de viver a *vossa* vida, e se viverdes a vossa vida, dirão que isso é mau, egoístico. E vos tornais, assim, o escravo deles.

Competia ao Estado proteger a velhice mediante pensões ou garantias. Mas num país superpovoado, de escassos recursos e escassas produtividades, etc., não pode o Estado cuidar dos velhos. Por isso, os pais ficam na dependência dos filhos, e os filhos acabam sempre adaptando-se às rotinas da tradição. E suas vidas são destruídas. Não é, pois, a mim que compete discutir este problema; vós mesmo deveis resolvê-lo, vós mesmo tendes de refletir sobre ele. Suponhamos que eu deseje amparar os meus pais, dentro de limites razoáveis. Mas admitamos, também, que eu deseje fazer algo que não seja remunerativo, algo de que não me venha dinheiro: tornar-me religioso, investigar o que é Deus, o que é a vida. Em tais condições, é possível que eu não tenha recursos. E, se continuo pelo mesmo caminho, tenho de abandonar a família, que talvez venha a morrer de fome, como tantos outros milhões. Mas, enquanto eu tiver medo do que "os outros" dizem: que sou um filho que foge aos seus deveres, um filho indigno, etc. — não serei um ente humano criador. Para ser um ente humano feliz e criador, necessito de iniciativa na mais larga escala.

PERGUNTA: *Será um ato de sensatez deixarmos nossos pais na miséria?*

KRISHNAMURTI: Não vos estais expressando com exatidão. Desejo ser artista, pintor. Sei que pintar me proporcionará pouco dinheiro. Que devo fazer? Sacrificar o meu pendor para a pintura e tornar-me funcionário? É o que sói acontecer. Torno-me, pois, funcionário e passo a vida num conflito, sofrendo; e porque sofro e me vejo frustrado, faço sofrer minha mulher e meus filhos. Que devo, então, fazer? Digo a meus pais: "Eu quero pintar, e dar-vos-ei o pouco que puder dar, do pouco que tiver; é o que posso fazer".

Fizestes perguntas tais como "Que é a sociedade?", "Que devo fazer se meus pais dependem de mim?", "Que é a Liberdade?", "Posso ser livre na Sociedade?", e vos dei as respostas. Mas se não pensardes nessas respostas, se vós mesmos não a penetrardes mais profundamente, considerando-as em diferentes perspectivas, ficareis, então, apenas, dizendo: "Isto é bom, isto é mau, isto é dever, isto

não é dever, isto é justo, isto é injusto" — o que, absolutamente, não vos levará para diante. Mas, se vós e eu nos juntarmos para pensar nestes problemas, se vós e vosso mestre os discutirdes, os penetrardes, então vossa inteligência será despertada, e quando tais problemas se vos apresentarem na vida de cada dia, sabereis como enfrentá-los. Não sabereis enfrentá-los, se vos limitardes a aceitar o que eu digo. Minhas respostas às vossas perguntas têm apenas o fim de despertar a vossa inteligência, para que vos torneis capazes de resolver os próprios problemas e de corresponder à vida de maneira correta.

16 de dezembro de 1952.

VII

Tenho falado ultimamente a respeito do temor; muito importa que tenhais conhecimento dele, que estejais bem cientes do temor. Sabeis como se origina o temor? Nota-se que a humanidade em geral está pervertida, desviada pelas suas idéias, suas crenças, suas atividades. Devemos, pois, considerar a questão do temor de todos os pontos de vista, não só sob o aspecto moral e econômico da sociedade, mas também no tocante às nossas lutas psicológicas interiores.

Já falamos de como o medo perverte a mente, e— como ontem disse — de como o receio pela nossa segurança exterior e interior falseia o nosso pensar. Espero tenhais refletido um pouco mais nesta questão, porquanto é bem de ver que, quanto mais a aprofundarmos, tanto mais livres nos tornaremos de qualquer dependência. — Os mais velhos não criaram, neste mundo, nenhuma sociedade maravilhosa; nossos pais, nossos mestres, os ministros, os governantes, os sacerdotes, não criaram um mundo belo. Criaram, isso sim, um mundo feio, medonho, brutal, onde todos lutam contra todos — grupo contra grupo, classe contra classe, nação contra nação, idéia contra idéia, crença contra crença. O mundo em que cresceis é um mundo feio, um mundo aflito; e os adultos tudo fazem para asfixiar-vos com suas idéias, suas crenças, suas deformidades. E, se ides meramente seguir este horrível padrão dos mais velhos, que construíram este mundo, para que então estais sendo educados, para que viveis?

Se lançamos as vistas pelo mundo, vemos a destruição e a miséria humana na mais aterradora escala. Neste país, nenhuma idéia fazeis do que são as guerras, afora o que vistes quando se verificou a secessão. Podeis ter notícia das guerras de que fala a História, mas não conheceis a realidade da guerra, as suas devastações. Não sabeis como são as bombas hodiernas, as bombas de hidrogênio, as quais, lançadas sobre uma ilha, ocasionam o seu

total desaparecimento. Entendeis o que isso significa? — a ilha inteira se desfaz em vapores. Atingidos por tais bombardeios, os navios se volatilizam. Graças a este "melhoramento", tornou-se possível a mais horrorosa destruição, e estais crescendo para viver neste mundo. A vida pode ser muito agradável e feliz para vós enquanto sois jovens, mas, na velhice, se não fordes vigilantes e atentos, haveis de criar sempre um mundo igual, de batalhas e ambições, um mundo de competição, miséria, fome, superpovoamento, e doença. A menos que estejais bem vigilantes dos vossos pensamentos, dos vossos sentimentos, haveis de perpetuar o mundo atual e conservar o seu horrível padrão de vida.

É de grande importância, por conseguinte, pensardes em todas essas coisas enquanto estais jovens, e não vos submetais a ser ensinados por algum mestre estulto a fazer exames estúpidos, mas, sim, que sejais guiados por verdadeiros mestres, que vos ajudem a pensar em todas essas coisas. A vida é sofrimento, morte, amor, ódio, crueldade, doença, miséria. Tendes de pensar em tudo isso. Eis porque eu acho utilíssimo pensarmos juntos durante estas palestras matinais, investigarmos e compreendermos juntos os nossos problemas, a fim de que formeis inteligentemente algumas idéias, algum modo de sentir, com relação a todas essas coisas, e não sejais criados simplesmente para vos casardes, vos tornardes funcionários... e sumir-vos, como o rio na areia.

Uma das causas do temor é a ambição, não é verdade? Não sois ambiciosos, todos vós? Qual é a vossa ambição? Passar num dado exame? Ser funcionário? Ser governador? Ou, se sois extremamente jovem, quereis ser maquinista, para conduzir as locomotivas sobre a ponte? Todos sois ambiciosos. Que significa isso? Já pensastes a este respeito? Já observastes a avidez dos mais velhos? Na vossa família, já não ouvistes vosso pai, ou mãe, ou tio, falar sobre aumentos de salários e promoções? Todos estão fazendo isso. Em nossa sociedade — já vos expliquei o que é a nossa sociedade — cada um se empenha por estar acima dos outros. Não é exato isso? Todos querem tornar-se *alguém* — Governador, Ministro, Gerente. Os escriturários querem ser gerentes, os gerentes querem ser mais do que isso, e assim por diante — sempre a luta para ser alguma coisa! Se sou professor, quero ser o Diretor; se sou Diretor, quero ser o Administrador, etc. Se sois feio, quereis ser belo, quereis ter mais dinheiro, mais *saris,* mais roupas, mais vestidos, sempre mais. Não apenas exteriormente — possuindo móveis, casas, roupas, propriedades — mas também interiormente desejais ser alguém,

ainda que procureis encobrir ou disfarçar essa ambição por meio de palavras. Nunca notastes isso? De certo o tendes notado, e o achais muito natural, não é assim? Pensais ser isso perfeitamente normal, justificável, justo.

Que tem feito ao mundo a ambição? São tão poucos os que já pensaram nisso! Quando alguém luta para se sobrepor a outro, quando todos estão lutando para realizar as suas ambições, já investigastes o que existe nos seus corações? Se perscrutardes vosso próprio coração, vereis que sois ambiciosos, que estais pugnando para vos tornardes alguém, espiritual ou mundanamente, e que nele se instalou o germe do temor. O homem ávido é o homem mais aterrado, porque teme ser o que é, e diz: "Se sou o que sou, não serei ninguém. Por conseguinte, preciso tornar-me alguém, preciso ser maquinista, condutor de locomotiva, magistrado, juiz, ministro". Se examinardes isso com muita atenção, se penetrardes a muralha de palavras, a muralha de idéias, encontrareis atrás dela o temor: ele tem medo de ser o que é. Achando-se insignificante, insuficiente, feio, ermo, vazio, diz: "Preciso mexer-me, preciso fazer algo exteriormente". E, assim, ou ele se põe à procura de Deus — o que é apenas uma outra forma de ambição — porque tem medo, ou deseja ser alguém no mundo. E o que acontece é que o medo fica encoberto; a solidão, o sentimento de vazio interior, a que ele tem verdadeiro pavor, fica encoberto. Põe-se, pois, em fuga, e a ambição se torna a emoção que lhe possibilita a evasão.

Vemos, pois, que neste mundo cada um está em luta com alguém. Um homem vale menos do que outro homem. Não há amor, não há consideração, não há capacidade para pensar. Cada um quer tornar-se alguém. Um membro do Parlamento quer ser o líder do Parlamento, quer tornar-se Primeiro Ministro etc., etc. É uma guerra sem tréguas; e nossa sociedade apresenta-nos uma luta constante de homem contra homem, e essa luta se chama "a ambição de ser algo". Os mais idosos vos estimulam a fazer a mesma coisa: "Sê ambicioso; torna-te alguém; casa-te com um homem rico, ou uma mulher rica; procura amigos de qualidade". E, assim, a geração mais velha, os que têm medo, os que têm fealdade nos seus corações, querem fazer-vos iguais a eles; e vós desejais também igualá-los, porque achais muito encanto nisso. Quando chega o Governador, todos se curvam até o chão, oferendam-lhe flores, fazem-lhe discursos. Ele acha isso muito bom, e vós também o achais, porque vos sentis indiretamente homenageados... conheceis porventura o seu tio ou o seu secretário. Desejais aquecer-vos ao sol

de suas ambições e realizações. E sois, assim, facilmente apanhados na rede da velha geração, num mundo sobremodo feio e monstruoso. Mas, se tiverdes cuidado, se fordes vigilantes, se duvidardes sempre, se não aceitardes, se não tiverdes medo, não vos deixareis apanhar e havereis de criar um mundo diferente.

Eis porque é importantíssimo achar a vocação justa. Sabeis o que significa "vocação?" É a ocupação que desempenhamos com agrado, com naturalidade. Afinal de contas, tal é a função da educação, a função de uma escola como esta, isto é, ajudar-vos a crescer independentemente para não serdes ambiciosos e poderdes achar a vossa verdadeira vocação. Ambicioso é o homem que não achou a sua vocação verdadeira. Se a tivesse achado não teria avidez. Não é função do mestre, do Diretor, do Reitor, dos responsáveis (*trustees*) por este estabelecimento, ajudar-vos a ser inteligentes — o que significa ser sem medo — para que possais escolher, para que possais achar a vossa vocação, a vossa carreira, a maneira como desejais viver, a maneira como pretendeis ganhar o vosso sustento? Isto significa, sem dúvida, uma revolução no pensar, porquanto, neste mundo, o homem que sabe discursar, o homem que sabe escrever, o que sabe pregar, o que sabe governar, o que tem automóvel, é considerado como uma pessoa que se acha numa valiosa posição; e o homem que cava no jardim, o que cozinha, o que constrói uma casa, esse é desprezado. Já notastes vossos próprios sentimentos ao olhardes para o pedreiro, o calceteiro, o motorista de "táxi", ou o *rickshaw* [1] — já notastes como os olhais com absoluto desprezo? Para vós, ele nem sequer existe. Mas, quando olhais para um homem que tem um título, para um bacharel, um negociante, um *pundit,* imediatamente sentis respeito e desprezais o *tongawala* [2]. Mas, se tivésseis realmente encontrado a vossa verdadeira vocação, aboliríeis completamente esse sistema; porque, então, poderíeis ser jardineiro ou pintor, exercer a ocupação que amais realmente. Não há ambição, no executar uma coisa com perfeição, completamente, em exata concordância com o que pensais; aí não há ambição, não existe temor. Mas tal coisa é extremamente difícil, porquanto exige muita atenção da parte do mestre, para ensinar cada um dos seus discípulos a descobrir suas próprias aptidões, ajudá-lo a investigar, ajudá-lo a não ter medo, a duvidar e a inquirir. Podeis ser escritor, podeis ser poeta, podeis ser pintor; se

(1) Carro leve de 2 rodas, para transporte de passageiros, puxado por um homem; designa também o homem que o puxa.

(2) O mesmo que "rickshaw".

amais a vossa arte, não tendes ambição; porque nela quereis existir e criar. Ela é uma coisa que amais. E no amor não há ambição.

Não é relevante, por conseguinte, que, enquanto sois jovens, enquanto estais numa escola como esta, sejais ajudados a despertar a vossa inteligência, de modo que acheis naturalmente a vossa vocação? Se a achardes, e ela for uma coisa genuína, então a amareis em toda a vossa vida. Nela não haverá avidez, nem competição, nem luta, nem rivalidade com outros, para alcançar posições, angariar prestígio. E tereis então, quiçá, a possibilidade de criar um mundo novo, um mundo em que não existirão as coisas feias da velha geração — suas guerras, seus malefícios, seus deuses antagônicos, seus insignificantes rituais, seu governo, sua violência. Num estabelecimento como este, é grande a responsabilidade do mestre e vossa, porquanto se trata de criar um mundo novo, uma diferente civilização, uma nova conduta de vida.

PERGUNTA: *Que é "calamidade"?*

KRISHNAMURTI: Porque perguntais isso? Quereis a definição lexicológica? Sugiro-vos, então, procurar a palavra no dicionário. O que é que se oculta atrás dessa pergunta? Não fiqueis nervoso. Não achais que é uma calamidade ver uma aldeã transportando um fardo tremendo sobre a cabeça? Ser um aldeão, coberto de andrajos e a morrer de fome, não é uma desgraça? Para o aldeão isso é uma calamidade; e para vós, se tendes sensibilidade, também o é. Não percebo qual seja o problema que vos inspirou esta pergunta.

PERGUNTA: *Se alguém ambiciona tornar-se engenheiro, isso não exprime interesse por essa carreira?*

KRISHNAMURTI: Achais que estar interessado numa coisa significa ambição? Podemos dar à palavra "ambição" qualquer significado. A ambição, tal como em regra a conhecemos, provém do temor. Ora, se quando sou menino desejo tornar-me engenheiro, para construir casas bonitas, construir o melhor sistema de irrigação do mundo, as melhores estradas, isso significa que eu amo a coisa e, portanto, não há ambição. Aí não existe temor.

Por conseguinte, ambição e interesse são coisas diferentes, não achais? Se me interessa pintar, amo a pintura e não desejo competir com o melhor pintor nem com o pintor mais famoso — amo, simplesmente, o pintar. Podeis pintar melhor do que eu, mas não me

interessa emular convosco. Amo o que estou fazendo, quando estou pintando; isso, por si só, me basta.

PERGUNTA: *Qual é a maneira mais fácil de achar Deus?*

KRISHNAMURTI: Sinto dizer que não há nenhuma maneira fácil, porquanto achar Deus é coisa das mais difíceis, das mais árduas. Deus não é algo que a mente cria? Vós sabeis o que é a mente. A mente é o resultado do tempo. Ela pode criar qualquer coisa, qualquer ilusão; tem o poder de criar idéias, de "projetar-se" em fantasias, de criar imagens, acumular, rejeitar, escolher; dominada pelo preconceito, estreita, limitada, a mente pode criar Deus, pode figurar-se um Deus, pode imaginar o que Deus é. Porque alguns instrutores, alguns mestres, alguns supostos salvadores disseram que há um Deus e o descreveram, a mente pode imaginar Deus. Deus é algo que não se pode achar.

Nessas condições, para compreender Deus, deveis em primeiro lugar compreender a vossa mente — o que é bem difícil. É um trabalho complexo, e nada fácil. Mas é facílimo uma pessoa pôr-se a sonhar, ter visões, ilusões, e pensar que está muito próxima de Deus. A mente é extraordinariamente capaz de se enganar a si mesma. Assim sendo, para verdadeiramente achardes isso que chamais Deus, tendes de estar completamente tranqüilo, o que não é fácil. Ainda não verificastes como é difícil isso? Já observastes como as pessoas velhas estão sempre a remexer-se, a mover os pés, as mãos, e nunca podem estar quietas? Como é difícil estar-se fisicamente quieto, e quanto mais difícil estar-se com a mente tranqüila! Porque, se forçais a mente a se tornar quieta, se seguis *gurus*, a mente nunca estará quieta. Será como uma criança que obrigamos a ficar quieta. É uma grande arte, uma das coisas mais difíceis do mundo, ter-se a mente completamente tranqüila, sem coerção. E só nesse estado encontra-se a possibilidade de existir aquilo que chamais Deus.

PERGUNTA: *Deus está em toda parte?*

KRISHNAMURTI: Estais realmente interessado nisso, ou mandaram-vos fazer esta pergunta? Noto que fazeis perguntas, e depois ouvis indiferentemente a resposta. Já notastes como os mais velhos nunca vos dão ouvidos? Estão tão fechados nos seus próprios pensamentos, nas suas próprias emoções, suas realizações, seus pesares, que nunca vos dão atenção. Folgo em saber que observais muitas

coisas. Pois bem, se souberdes escutar, escutar realmente, haveis de descobrir muitas coisas, não apenas em relação com pessoas, mas também com relação ao mundo.

Aí está um menino que me pergunta se Deus está em toda parte. Ele é tão pequeno que não devia fazer tal pergunta. Não lhe compreende a verdadeira significação. É provável que tenha uma vaga idéia a esse respeito — o sentimento da beleza, o sentimento que despertam as aves que voam, as águas que correm, um rosto amável a sorrir, a folha que dança ao vento, a mulher que transporta um fardo — tudo isso está no ar; e o menino se interessa e deseja saber o que é a vida; talvez tenha um vago sentimento da significação da vida; conversa com pessoas mais velhas, ouve falar em Deus, e fica cheio de curiosidade. Não achais que é muito importante uma tal pergunta, e que vós deveis procurar uma resposta? Porque, como já disse antes, podeis, inconscientemente, muito profundamente, apreender o significado de tudo isso e assim, enquanto fordes crescendo, ireis vislumbrando outras coisas que não fazem parte deste mundo feio, deste mundo de lutas. O mundo é belo, a terra é bela e pródiga. Nós é que estragamos tudo.

PERGUNTA: *Qual é a verdadeira finalidade da vida?*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, ela é como a consideramos. A finalidade da vida é o que entendemos que ela seja.

PERGUNTA: *No tocante à Realidade, a finalidade da vida deve ser coisa diferente.*

KRISHNAMURTI: Qual é a finalidade da vida? Investigai o que há de verdadeiro nisso; não vos detenhais, porquanto, ao que parece, a "finalidade da vida" vos interessa muito.

PERGUNTA: *Não estou especialmente interessado na minha finalidade; desejo saber qual é a finalidade da vida para todos?*

KRISHNAMURTI: Como ireis descobrir isso? Quem vo-lo mostrará? Descobri-lo-eis, se lerdes? Quando ledes, um autor pode oferecer-vos um método, e outro autor outro método. Se perguntardes a um homem que sofre, ele dirá que a finalidade da vida é ser feliz, visto que ele sofre; para ele a finalidade da vida é ser feliz. Se

perguntais a um homem, a uma pessoa que passa fome, que há anos não sabe o que é tomar uma refeição completa, ele vos dirá que a finalidade da vida é ter "a barriga cheia". Se o perguntardes a um político, a sua finalidade é tornar-se um dos dirigentes, um dos mandões do mundo. Se interrogardes a uma mulher, ela responderá que sua finalidade é ter filhos. Se fordes a um *sanyasi*, sua finalidade é encontrar Deus. O desejo geral, o objetivo da maioria é achar algo agradável, encontrar segurança e proteção em alguma coisa, para não terem medo, para não terem ânsias, dúvidas, problemas. Querem algo permanente a que se agarrarem. Não é assim?

Destarte, o alvo da vida para qualquer homem é uma dada esperança, uma dada segurança, uma permanência de certa espécie. Não digais "Só isso?" O que se vê é só isso. Cumpre-vos conhecer perfeitamente este fato, em primeiro lugar. Deveis investigá-lo completamente, o que significa que deveis investigar a vós mesmo. O alvo da generalidade das pessoas está também implantado em vós, porque vós sois uma parte do todo da vida — desejais segurança, permanência, felicidade, algo a que vos apegardes. Ora, para se descobrir algo que se acha além dessas coisas, alguma verdade que esteja fora da mente ou das ilusões da mente, todas essas ilusões têm de desaparecer; quer dizer, deveis compreendê-las e abandoná-las. Então, só então, descobrireis o que é real e vereis se existe uma finalidade. Mas o determinar que deve haver uma finalidade, o querer uma finalidade, isso é apenas uma nova ilusão. Se entretanto puderdes investigar todos os conflitos, as lutas, as dores, as vaidades, as ambições, os temores, as esperanças, e depois as ultrapassardes, transcenderdes, então haveis de descobrir alguma coisa.

PERGUNTA: *Devo então cultivar influências superiores, para no fim encontrar a verdadeira finalidade da vida?*

KRISHNAMURTI: Como podeis ver o que está no fim se há tantas barreiras entre vós e isso? Cabe-vos afastá-las. Se quereis ar fresco, deveis abrir a janela. Não podeis dizer: "Vou pensar sobre o que seja o ar fresco". O que cumpre fazer é abrir as janelas. De modo idêntico, cabe-vos perceber todas as barreiras, todas as limitações e condições, e depois de as verdes, pô-las de parte; então haveis de descobrir algo. Mas se ficais sentados aqui deste lado (aquém das barreiras) e a dizer: "Preciso descobrir", isso nada significa.

17 de dezembro de 1952.

VIII

Como sabeis, muito temos falado a respeito do temor, visto ser ele um elemento importantíssimo em nossas vidas. Falemos agora um pouco do amor, sobre o que significa, e vejamos se atrás desta palavra, que tanta significação tem para nós, se atrás desta palavra e deste sentimento se oculta também aquele peculiar elemento de apreensão, de ansiedade, essa coisa que as pessoas adultas conhecem pelo nome de solidão. Falemos, pois, a respeito da palavra e do sentimento chamado amor.

Sabeis o que é amor? Sabeis como se acha o amor? Amais os vossos pais? Sabeis amar vosso pai, vossa mãe, vosso tutor, vosso mestre, vossa tia, vosso marido ou vossa esposa? Sabeis o que tal significa? Quando digo "amo os meus pais", que exprime isso? Significa que nos sentimos protegidos na companhia deles, que estamos acostumados com eles? Verificai, enquanto falo, se o que digo se aplica à vossa pessoa e ao amor a vossos pais. Pensais que vossos pais vos estão protegendo, dando-vos dinheiro, teto, vestuário e alimentos, e tendes também o sentimento de estardes numa relação íntima com eles — não é verdade? Além disso, achais que podeis confiar neles. Eu não sei se confiais neles, mas vós o achais. Compreendei a diferença. Achais que podeis confiar, mas isso pode não ser bem exato; provavelmente não falais com eles tão desembaraçada e despreocupadamente como falais com os vossos amigos. Todavia, vós os respeitais, significando isso que os acatais, que eles mandam e vós obedeceis, que tendes o sentimento de uma certa responsabilidade perante eles, quando fordes maiores e eles estiverem velhos. Eles, por sua vez, vos amam e desejam ajudar-vos — pelo menos dizem que o desejam. Desejam ver-vos casados, para viverdes uma "vida moral", como se costuma dizer, para que tenhais um marido que vos proteja, ou uma esposa que cuide de vós, cozinhe para vós e tome conta das crianças. Isso é o que se chama amor.

Não podemos averiguar se isso é o verdadeiro amor, porquanto o amor não se pode explicar por meio de palavras. Não é algo que vos venha com facilidade. É muito mais complexo e não é facilmente compreensível. Sem ele, a vida é estéril; sem ele, as árvores, os pássaros, o sorriso de homens e mulheres, a ponte sobre o rio, os barqueiros, os animais, nenhuma significação têm. Sem ele, a vida se torna superficial, sem profundidade. Sabeis o que significa a vida "sem profundidade"? Quer dizer que ela se torna como uma poça d'água. Num rio profundo podem viver muitos peixes e há muitas riquezas. Mas a poça d'água que vemos à beira da estrada seca rapidamente sob o sol ardente, e nada resta senão lodo e sujidade.

O amor, em regra, é uma coisa bem difícil de compreender. Porque, geralmente, ele é para nós algo "sem profundidade". Atrás da palavra "amor" está emboscado o medo. Desejamos ser amados e, também, desejamos amar. Não é, portanto, de suma importância que cada um de nós cuide de averiguar o que é esta coisa extraordinária? Só o podereis averiguar, se estiverdes cônscios de como olhais os entes humanos, as árvores, os pássaros, os animais, o homem que tem fome, e também os vossos amigos, se os tendes, vossos *gurus*, vossos pais. Quando dizeis "amo meu pai, minha mãe, meu tutor, meu mestre", que significa isso? Quando sentis reverência por alguém, quando achais que é vosso dever obedecer-lhe, e a pessoa também julga que deveis prestar-lhe obediência — isso é amor? Compreendeis o que estou dizendo? Quando olhais para alguém com acatamento, quando respeitais enormemente essa pessoa, isso é amor? Se venerais uma criatura, desprezais outra. Não é exato isso? Isso é amor? Ao sentirdes que deveis obedecer, que tendes um dever, isso é amor? Pode o amor ser uma coisa em que haja apreensões, em que haja inclinação para respeitar ou desprezar, em que haja obediência a alguém?

Dizendo amar alguém, não estais na dependência dessa pessoa? É justo que, enquanto jovens, dependais de vosso pai, vossa mãe, vosso mestre, vosso tutor. Porque sois jovens, precisais de quem cuide de vós, necessitais de roupas, de morada de proteção. Na juventude, necessitais sentir que sois mantidos juntos, que alguém vela por vós. Mas, ainda depois de velhos, esse sentimento de dependência continua, não é verdade? Já o não notastes nos entes mais idosos, nos vossos pais, nos vossos mestres? Já não notastes como dependem de suas esposas, de seus filhos, de suas mães? Muitos continuam, depois de adultos, a apegar-se a alguém, a sentir a necessidade de dependência. Se não têm o amparo alheio, se não

são guiados por alguma pessoa, se não têm um sentimento de conforto e segurança junto a outrem, sentem-se solitários, não é assim? Sentem-se perdidos. À dependência de outra pessoa chama-se amor, mas, se observardes atentamente, vereis que toda dependência significa temor, e não amor. Porque têm medo de estar sós, medo de pensar nas coisas por si próprios, medo de sentir, observar, descobrir o integral significado da vida, sentem que amam a Deus. Por conseguinte, dependem disso que chamam Deus. Mas uma coisa criada pela mente não pode servir-nos de arrimo; não é Deus, não é o desconhecido. O mesmo acontece com relação a uma idéia, uma crença. Creio numa coisa, e essa crença me proporciona grande conforto; amo esse ideal e me conservo fiel a ele. Mas, tirai-me o ideal, tirai-me a crença e minha dependência dela, e vejo-me perdido. Igualmente, tal se verifica se tenho um *guru*. Estou na sua dependência, espero algo dele; existe, pois, um temor, uma ânsia. E o fato se repete quando dependeis de vossos pais ou mestres. É justo que o façais enquanto jovens; mas, se continuardes nessa dependência depois de adultos, ela vos tornará incapazes de pensar, de ser livres. Onde há dependência, há também temor, e havendo temor, há a autoridade; não há amor. Quando vossos pais vos mandam fazer algo, cumpre obedecer. Tendes de seguir certas tradições, aceitar certos empregos, ter certas ocupações. Em nada disso há amor. E ao dependerdes da sociedade, aceitando-lhe a estrutura tal como é, isto não é amor, porque a sociedade está corrompida. Não é preciso investigar muito para verificar esse fato. Percorrei uma rua, e vede quanta pobreza, quanta abjeção e miséria existem.

O homem ambicioso, a mulher ambiciosa, não sabem o que é o amor; e nós somos governados por ambiciosos. É por isso que não existe felicidade no mundo. É muito importante que, enquanto cresceis, percebais bem isso e vos esclareçais para o descobrimento dessa coisa que se chama amor. Podeis ter uma casa bem rica, um jardim maravilhoso, uma boa posição, muitos vestidos e roupas, um bom emprego; podeis ser o todo-poderoso Primeiro Ministro; mas, sem o amor, são vãs todas essas coisas.

Por conseguinte, o que deveis fazer agora — e não quando fordes mais velhos, porque então nunca descobrireis nada — é averiguar como é que amais os vossos pais, ou o vosso *guru*; deveis descobrir a significação de tudo isso, e não aceitar meramente uma palavra; pois impende esclarecer bem as palavras, para ver se atrás delas se oculta alguma realidade — sendo realidade aquilo que sentis verdadeiramente e não o que supondes sentir: sentir a reali-

dade do ciúme quando tendes ciúme, a realidade da cólera se tendes cólera. Quando dizeis "não devo ser ciumento", isso é apenas uma variante do desejo, sem nenhum significado. Se fordes suficientemente honestos para com vós mesmos, de modo que possais descobrir com toda a exatidão e clareza o vosso sentimento, o vosso verdadeiro estado — não o vosso estado ideal: como deveis agir, como deveis sentir numa data futura, mas o que efetivamente sentis neste momento — há então a possibilidade de modificá-lo. Mas o dizer "preciso amar meus pais, preciso amar meu *guru*, preciso amar meu mestre" nada significa, não é verdade? Porque na realidade sois bem diferentes; dizeis uma porção de palavras, e ficais escondidos atrás delas. Não é, pois, próprio da inteligência averiguar o que existe atrás das palavras, atrás da acepção comum das palavras? Palavras tais como "dever", "responsabilidade"("Deus", "amor", adquiriram muita significação tradicional; mas o homem que é inteligente, verdadeira e profundamente instruído, procura saber o que existe atrás das palavras. Se, por exemplo, eu vos dissesse que não creio em Deus, ficaríeis extraordinariamente chocados, não é verdade? Diríeis: "Credo, que idéia horrorosa!" Vós credes em Deus, não? Pelo menos, pensais que credes. Isto tem pouca significação — vossa crença ou descrença.

O importante é elucidar a palavra, a palavra que chamais amor, para verdes se de fato amais os vossos pais e se vossos pais vos amam deveras. Porque se amásseis realmente os vossos pais, ou vossos pais vos amassem, outro seria o mundo. Não haveria guerras, não haveria divergências de classes, nem ricos e pobres. Sem esta coisa denominada amor, podeis fazer tudo para ajustar a sociedade economicamente, em bases justas, mas nunca conseguireis criar uma estrutura social isenta de conflito e de sofrimento. Por conseguinte, cumpre examinar tudo isso atentamente; e então, talvez, descobrireis o que é o amor.

PERGUNTA: *Porque existe sofrimento no mundo?*

KRISHNAMURTI: Seria de admirar que esse menino soubesse o que esta palavra significa. Pode ser que ele tenha visto um burrinho carregando um enorme fardo e mal se agüentando nas pernas; ou uma criança a chorar; ou uma mãe ou um pai espancando o filho. Ou talvez tenha visto gente a discutir ou a lutar. Há também a morte, o transporte de cadáveres para o crematório; — os crematórios, na Índia, são à beira do rio onde, após a cremação, são lan-

çadas as cinzas; há o mendigo; há a doença; há pobreza e velhice, não só exteriormente, mas em nosso interior. E por isso, talvez, ele pergunta: "Porque existe o sofrimento?" Vós também não o desejais saber? Já investigastes não só exteriormente, mas também interiormente, o sofrimento que existe em vós? Que é o sofrimento, e porque existe ele? Digamos, por exemplo, que eu almejo uma coisa e não posso obtê-la: sinto-me infeliz. Quero mais alguns *saris*, quero ser mais rico, mais belo, e não posso ser: sinto-me infeliz. Desejo fazer amizade com tal rapaz ou moça, e não posso. Quero amar essa pessoa, e essa pessoa não me ama: sinto-me sumamente inditoso. Morre o meu pai, fico desolado. Porquê?

Porque vos amargurais quando não podeis obter alguma coisa? E porque deveríeis obter o que desejais? Pensamos ter o direito de conseguir o que queremos. Se desejais um vestido, achais que o deveis ter. Se um casaco, também. Mas nunca perguntais por que razão deveis ter o que desejais, quando há milhões que não o têm. Porque deveis ter uma coisa pela qual ansiais? E, também, porque tanto a desejais? Necessitais de roupas suficientes, de alimento, de teto; mas vós ides além dessa necessidade e quereis mais. Suponhamos que tenhais as roupas, os alimentos, as acomodações necessárias; isso não vos satisfaz, porque quereis mais poder, quereis ser respeitado, quereis ser amado, adorado, quereis ser poderoso, quereis ser poeta, santo, *Primeiro Ministro, Presidente, grande orador*. Porquê? Já examinastes isto? Porque almejais todas essas coisas? Não estou dizendo que devais ficar satisfeito com o que sois; seria insensato. Mas, porque esse constante desejo, essa ânsia constante de mais, mais e mais? Porquê? Isso indica que estais insatisfeito, descontente... Com o quê? Com o que sois? Eu sou *isto* e não quero sê-lo, quero ser *aquilo*. Julgo que ficarei muito mais bela com um casaco ou um *sari* novo, daí o desejá-lo. Que significa isso? Significa que estou insatisfeito com o que sou. Penso que me livrarei do descontentamento se tiver algo mais — mais roupas, mais poder, etc. Mas a insatisfação continua, não é verdade? O que faço é cobri-la com roupas, poder, automóveis; cubro-a somente.

Nessas condições, enquanto não descobrirdes o meio de compreenderdes o que sois, nenhum valor tem o cobrir-vos com palavras, poder, posição. Continuareis a ser infeliz. Em vista disso, a pessoa infortunada, sofredora, não deve fugir para os *gurus*, para o poder, para um cargo, e sim investigar o que existe atrás da palavra, atrás desse sofrimento. Se o fizerdes, encontrareis a vós mesmo, atrás dela — vós, que sois mui pequeno, que sois desgra-

çado, infeliz, e lutais para serdes grande. E essa luta para ser algo é que causa o sofrimento. Mas, se puderdes compreender a coisa, isto é, o que sois, e a investigardes mais e mais, achareis algo inteiramente diferente.

PERGUNTA: *Como podemos eliminar o sofrimento?*

KRISHNAMURTI: Expliquei-o neste momento. Conviria conversardes depois sobre isso com vossos mestres. Acabo de explicar como se origina o sofrimento e como é possível eliminá-lo.

PERGUNTA: *Se um homem tem fome e eu me sinto inclinado a ajudá-lo, não é movido pela ambição que o amo?*

KRISHNAMURTI: Isso depende do "motivo" com que o ajudais. Diz o político que vos ajuda, e vai morar em Nova Deli,* num palacete, fazer discursos, ostentar-se. Segundo ele, está ajudando os pobres. Isso é amor? Compreendeis?

PERGUNTA: *E se eu, com a ajuda que lhe presto, o livro de morrer à mingua?*

KRISHNAMURTI: Ele está a morrer de fome e vós lhe dais comida e o salvais. Isso é amor? Porque quereis ajudá-lo? Quero dizer, não tendes nenhum "motivo", nenhum incentivo, não tirais daí nenhuma vantagem? Meditai nisso, não digais sim ou não. Se colheis algum benefício, politicamente, algum benefício exterior ou interior, nesse caso vós não o amais. Vós lhe dais comida para vos tornardes benquisto, ou talvez para terdes mais um eleitor... Se assim é, não lhe tendes amor, não é verdade? Mas se o amais, vós lhe dais comida sem nenhum "motivo", sem nenhum incentivo, sem nada desejardes em troca. Se o alimentais, e ele se mostra ingrato, vos sentis magoado? Se o sentis, não o amais. Se ele vos diz e a todo o mundo que sois um homem admirável, ficais lisonjeado? Se ficais, não o amais, porque estais interessado em vós mesmo; isso, positivamente, não é amor. Verificai com todo o cuidado se colheis algum benefício quando dais de comer ao que tem fome, descobri o motivo que vos impele a fazê-lo.

(*) Em Nova Delhi se reúne o Parlamento hindu (Nota do tradutor).

PERGUNTA: *Suponhamos que eu deseje ir a casa e o Diretor diga "não". Se lhe desobedecer, terei de sofrer as conseqüências. Se obedecer, ficarei muito desgostoso. Que devo fazer?*

KRISHNAMURTI: Achais que não podeis conversar com o Diretor, que lhe não podeis expor o vosso problema, fazê-lo vosso confidente? Se o Diretor é um homem verdadeiramente digno do seu cargo, podeis confiar nele, conversar com ele sobre o vosso problema. Se, depois disso, ele persistir na proibição, então, nesse caso, ou o Diretor tem alguma deficiência, ou talvez tenha razões especiais, que vos cabe averiguar. Como vedes, há necessidade de confiança mútua. Isto é, deveis ter confiança no Diretor, e o Diretor deve ter confiança em vós. A vida não consiste em relações unilaterais. Vós sois um ente humano, e o Diretor também o é. Ele está sujeito a errar. Por isso, os dois deveis estudar juntos a questão. Podeis dizer que precisais ir a casa, mas isso talvez não constitua uma razão suficiente, pois o Diretor pode ter ordem, por escrito, do vosso pai, para não vos deixar ir a casa. Deve haver, pois, entendimento mútuo, não achais? — para não vos magoardes, para não vos sentirdes maltratado, brutalmente preterido. E tal só é possível se confiais no mestre e ele confia em vós. Significa isso o verdadeiro amor; e assim é que deve ser esta escola.

PERGUNTA: *Porque não devemos praticar puja?*

KRISHNAMURTI: Sabeis porque é que os velhos praticam *puja*? Não é por simples imitação? Quanto menos amadurecida uma pessoa, tanto maior a sua inclinação para imitar. Não sabeis como gostais de uniformes? Assim, antes de me perguntardes porque não deveis praticar *puja*, perguntai aos idosos porque o praticam. Eles o fazem, em primeiro lugar, porque é uma tradição, porque seus antepassados o faziam. E também porque a repetição de palavras lhes proporciona um certo sentimento de paz. Ignorais que a repetição constante de palavras entorpece a mente, proporcionando-lhe um sentimento de tranqüilidade, se as palavras têm significação? As palavras sânscritas, principalmente, têm vibrações que proporcionam uma grande serenidade. Os que praticam *puja* praticam-no porque todos o fazem, porque o fazia sua avó, sua tia, porque o fizeram seus antepassados. Por todas estas razões se pratica esse rito religioso. Como sois extremamente jovens, os imitais; e dizeis, também, que deveis praticá-lo porque vosso pai, vossa mãe, vosso

guru, vosso mestre, o fazem. Praticais *puja* porque alguém vos manda praticá-lo, ou porque encontrais nisso um certo efeito mesmérico, certo efeito hipnótico, decorrente da repetição de certas palavras? Não deveis saber por que razão se faz uma determinada coisa, antes mesmo de a fazerdes? Não importa que milhões de pessoas creiam que assim deve ser. Em lugar de aceitar uma coisa, não deveis investigar o que ela é? Não deveis exercitar a vossa mente para averiguar a significação desse rito?

A mera repetição de palavras sânscritas ou de determinados gestos não vos ajudará realmente a descobrir o que é a verdade, o que é Deus. Para o descobrirdes, cumpre saber meditar. Este é um problema diferente, um problema completamente diverso da prática de *puja*. Milhões de pessoas estão praticando *puja*, e temos por isso um mundo mais feliz? As pessoas, em geral, são fecundas? Não me estou referindo à capacidade de procriar. Digo "fecundo" no sentido de ser cheio de iniciativa, de amor, de benevolência, de compaixão, de consideração. — Se vós, que sois um menino, praticais esse rito, crescereis tal qual uma máquina. Mas, se começardes a interrogar, a duvidar, investigar, averiguar, então talvez aprendais a meditar. A meditação, desde que saibamos realizá-la, é uma das maiores bênçãos.

18 de dezembro de 1952.

IX

Deveis lembrar-vos de que ontem estivemos falando sobre o complexo problema do amor. Não creio que possamos compreender este problema enquanto não compreendermos um outro igualmente complexo e que se chama a mente. Já notastes como somos curiosos, quando extremamente jovens? Queremos saber, percebemos muito mais coisas do que os mais velhos. Se somos um pouco espertos, percebemos coisas que os mais idosos não notam. Na juventude, nossa mente é mais vigilante, mais curiosa e sequiosa de saber. Eis porque quando somos jovens aprendemos tão facilmente Matemática e Geografia. Tornando-nos adultos, nossa mente se torna cada vez mais cristalizada, mais pesada, mais morosa. Já notastes como os mais velhos são aferrados aos seus preconceitos? Suas mentes estão fixadas, não se acham abertas, é sempre de um ponto de vista fixo que investigam qualquer coisa. Agora sois jovens; mas, se não tiverdes cuidado, também vos tornareis assim. Não é, por conseguinte, de suma importância a compreensão da mente, a fim de vos fazerdes flexíveis, capazes de imediata adaptação, dotados de extraordinárias aptidões em todos os domínios da existência, prontos a investigar e compreender, em vez de vos deixardes entorpecer gradualmente? Não deveis conhecer o "modo de ser" da mente, a fim de compreenderdes o "modo de ser" do amor? Porque ela é que destrói o amor. As pessoas argutas, sagazes, não sabem o que é o amor, porque suas mentes são muito sutis, muito engenhosas, muito superficiais — o que significa "existir à superfície", e o amor não existe à superfície.

Que é a mente? Sabeis a que me refiro? Não me refiro ao cérebro, à estrutura física do cérebro, coisa que qualquer fisiologista vos pode explicar. O cérebro é algo que reage a diferentes atividades nervosas. Mas nós vamos averiguar o que é a mente. Que é a mente? A mente que diz: "Penso; isto é meu; isso é teu; estou ofendido; tenho ciúme; amo; odeio; sou hinduísta; sou mu-

çulmano; creio nisto; não creio naquilo; eu sei; tu não sabes; respeito; desprezo; quero; não quero" — que coisa é esta? Se não compreenderdes, se não vos familiarizardes com o processo do pensar, que é a mente, tornar-vos-eis, à medida que envelhecerdes, endurecidos, cristalizados, embotados, fixados num determinado padrão de pensamento.

Que é isso que chamais a mente? É a maneira de pensar, a maneira como vós pensais. Refiro-me à vossa mente — não à mente de outro e à maneira como deve pensar — à vossa maneira de sentir, quando olhais as árvores, os peixes, os pescadores, o aldeão. Vossa mente está sujeita a deformar-se, gradualmente, a fixar-se num padrão. Quando desejais algo, quando ansiais por alguma coisa, estabeleceis um padrão; isto é, vossa mente cria um padrão e torna-se sua prisioneira. O desejo cristaliza a mente. Suponhamos que eu deseje ser um homem riquíssimo. O desejo de tornar-me muito rico faz criar-se um padrão, e o meu pensar fica preso nesse padrão. Só posso pensar dentro dos seus limites, que sou incapaz de ultrapassar. A mente, pois, fica aprisionada no padrão — cristalizada, consolidada, embotada. Ou, se creio em algo — em Deus, no comunismo, num certo sistema político, — a própria crença começa a estabelecer o padrão, visto que ela é o resultado do meu desejo, que reforça os muros do padrão. A pouco e pouco, a minha mente se torna embotada, incapaz de adaptação, sem agilidade, sem penetração nem lucidez, porque está aprisionada no labirinto dos meus próprios desejos.

Nestas condições, enquanto eu não investigar realmente esse processo da minha mente, a maneira como pensa, a maneira como considera o amor; enquanto eu não estiver bem familiarizado com minhas próprias maneiras de pensar, não posso de modo algum descobrir o que é o amor. Não haverá amor, se minha mente exigir certos fatos, certas ações do amor e eu imaginar então o que o amor "deve ser". Estabeleço, assim, determinados "motivos" para o amor, e, conseqüentemente, crio, a pouco e pouco, um padrão de ação para o amor. Mas isso não é amor; é apenas o meu desejo do que deve ser amor. Suponhamos, por exemplo, que eu vos possuo como esposo ou esposa. Compreendeis o que significa "possuir"? Vós possuís vossos vestidos ou casacos, não é verdade? Se alguém vo-los tomasse, ficaríeis irados, aflitos, irritados. Porquê? Porque considerais vossos vestidos, vosso casaco, vossa *kurtha*, como coisas vossas, como vossa propriedade; vós os possuís; porque, com possuí-los, vos sentis enriquecidos, não é exato? Com a posse

de muitos vestidos, muitos *kurthas*, vós vos sentis, vos considerais ricos — não apenas fisicamente, mas também interiormente ricos. Por isso, se alguém vos toma o *vosso* casaco, sentis irritação; porque interiormente estais sendo privados daquele sentimento de riqueza, do sentimento de posse. O possuir cria — não é assim? — um obstáculo ao amor. Se vos possuo, se sou vosso dono, isso é amor? Possuo-vos como possuo um carro, um casaco, um vestido; pois no possuir me sinto muito rico; dependo dele; o possuir é bem importante para mim, interiormente. Essa posse, essa retenção, essa dependência é o que chamamos amor. Mas, se prestardes atenção, vereis que, no fundo, a mente encontra satisfação na posse. Afinal de contas, quando possuís um vestido ou muitos, ou um carro, ou uma casa, isso vos proporciona uma certa satisfação interior, o sentimento de que a coisa é *vossa*.

Deste modo, a mente, com seu desejar, com seu querer, cria um padrão; nesse padrão ela se aprisiona e se torna vagarosa, estulta, refratária ao pensar. Ela é o centro daquele sentimento de "meu", o sentimento de que possuo algo, que sou uma pessoa importante, que sou uma pessoa insignificante, que estou sendo insultado ou lisonjeado, que sou talentoso, ou belo, ou que devo ser ávido, ou que sou filho ou filha de alguém de prestígio. Este sentir egotista, i.e., do "eu", é o centro da mente, ou seja a própria mente. Assim, quanto mais predomina na mente o sentimento de "meu" e quanto mais ela se ocupa em construir muros em torno do sentimento de que "sou uma pessoa importante", que "devo tornar-me grande", que "sou um homem inteligente", ou que "sou um homem estúpido ou insensível" — tanto mais infalivelmente ela cria um padrão, e se fecha e embota. E, então, sofro; nessa prisão, há dor. E a mente diz: "Que devo fazer?" — e fica lutando para achar algo diferente, em vez de derrubar os muros que a cercam. Pela reflexão e atenta vigilância, pelo exame e compreensão de algo existente no exterior, ela deseja apoderar-se desse algo, para imediatamente fechar-se de novo. Dessarte, a pouco e pouco, a mente se torna um obstáculo ao amor. Conseqüentemente, sem a compreensão da vida, da mente, da maneira de pensar, das condições de que resulta a ação, não podemos absolutamente descobrir o que é "amar".

Não é a mente também um instrumento de comparação. Sabeis o que significa comparação, o que significa comparar. Dizeis ser isto melhor do que aquilo; confrontais-vos com outra pessoa, que é mais bela, mais talentosa. Há comparação quando dizeis: — "No ano passado vi um rio mais bonito do que este". Vós vos

comparais com alguém, com um modelo, com o supremo ideal. O julgamento comparativo torna a mente obtusa; não aguça a mente, não a faz ampla, receptiva. Porque, se estais sempre comparando, que acontece? Vedes o ocaso e imediatamente o comparais com o da véspera. Vedes uma montanha e a achais linda. Mas, de repente, dizeis: "Há dois anos vi uma mais bela". O que acontece, ao comparardes, é que na verdade não estais contemplando o poente a que assistis, mas o olhais só para o cotejardes com outra coisa. O cotejo, pois, não vos deixa ver as coisas plenamente. Olho-vos, acho-vos belo, mas logo digo: "Fulano é mais belo... é bem melhor... muito mais nobre... mais elevado". Se digo isso, não vos estou olhando, não é verdade? Visto que minha mente se ocupa com outra coisa, não vos olho absolutamente. De modo idêntico, não estou contemplando o pôr do Sol. Para contemplar realmente o crepúsculo, devo abster-me de comparações; para ver-vos realmente, cumpre-me não vos comparar com outra pessoa. É só quando vos olho sem julgamento comparativo que posso compreender-vos. Mas, quando vos comparo com alguém, julgo-vos, e digo: "Oh! este homem é muito estúpido". O "muito estúpido" resultou da comparação. Compreendeis? Comparo-vos com alguém, e pelo fato de comparar-vos, despojo-vos de vossa dignidade humana. Já se vos olho sem comparação, isso indica que só estou interessado em vós, e em ninguém mais. E esse próprio interesse por vós, sem tendência comparativa, vos confere dignidade humana.

Vemos, pois, que se a mente compara, não existe amor. E a mente está sempre julgando, confrontando, pesando, procurando falhas. Por conseguinte, havendo confronto, não há amor. Quando o pai e a mãe amam os filhos, não os comparam entre si, não comparam o seu filho com o filho de outrem; é seu filho e eles o amam. Mas vós quereis comparar-vos com algo que é melhor, mais nobre, mais rico; e dessa maneira criais em vós a falta de amor. Estais a todas as horas ocupados com vós mesmos em comparação com outra pessoa. Assim, à medida que se torna mais afeita à comparação, à posse, à dependência, a mente vai criando um padrão em que acaba aprisionada; em tais condições, ela nunca pode ver uma coisa de maneira nova e destrói, por conseguinte, aquela coisa essencial, aquele perfume da vida, que é o amor.

PERGUNTA: *Que devemos pedir a Deus que nos dê?*

KRISHNAMURTI: Estais bem interessado em Deus, não é verdade? Porquê? Porque a vossa mente está a exigir alguma coisa,

quer descobrir algo. Por isso acha-se constantemente agitada. Quando vos peço alguma coisa, minha mente se agita, não é assim?

Este menino quer saber o que deve pedir a Deus. Ele não sabe o que é Deus, e nem pode saber, tampouco, o que deseja. Mas há nele um vago sentimento de apreensão, um vago sentimento de "preciso compreender, preciso pedir, preciso ser protegido". A mente está sempre procurando e rebuscando por todos os cantos, nunca está tranqüila, mas sempre querendo algo, sempre se agarrando a alguma coisa, sempre de atalaia, empurrando, comparando, julgando. Observai a vossa própria mènte e vede o que está fazendo — como procura dominar-se, como procura subjugar, reprimir, descobrir, investigar, interrogar, suplicar, lutar, comparar. Dizemos que essa mente está vigilante, mas é exato isso? A mente vigilante é aquela que se mantém tranqüila, e não a que esvoaça em todos os sentidos, como uma borboleta, não a que constantemente se apega, se agita; que vive pedindo, suplicando, rogando — essa mente não tem tranqüilidade. Só a mente tranqüila é capaz de compreender o que é Deus. Ela nunca faz pedidos a Deus. Só a mente pobre é que roga, que pede. O que pede, jamais ela o terá; pois deseja segurança, conforto, certeza. Se desejais alguma coisa de Deus, nunca encontrareis Deus.

PERGUNTA: *Que é a verdadeira grandeza, e como posso ser grande?*

KRISHNAMURTI: Aí é que está o mal, no querermos ser grandes. Todos nós queremos ser grandes. Porquê? Queremos ser como Ghandi, queremos ser Primeiro Ministro, grandes inventores, famosos escritores. Porquê? Na educação, na religião, em todas as atividades da vida, há muitos exemplos — os exemplos do maior poeta, do maior orador, do maior escritor, do maior santo, do maior herói. Temos os exemplos e queremos igualá-los.

Quando desejais ser igual a outra pessoa, já criastes um padrão de ação, não é verdade? Marcastes um limite ao vosso pensamento. Encerrastes o pensamento dentro de certos limites. E assim o vosso pensamento já se tornou cristalizado, estreito, limitado, sufocado. Porque quereis ser famoso? Porque não estais disposto a ser o que realmente sois? Deveis compreender que, no momento em que desejamos ser algo, logo surge a infelicidade, a degradação, a inveja, o sofrimento. Devo igualar o Buda. Que acontece? Fico lutando eternamente. Sou insensato; anseio por alguma coisa;

e quero deixar de ser o que sou para ir além. Sou feio e desejo ser belo; por isso, luto perenemente, até morrer, para ser belo, ou para enganar-me com o pensamento de que sou bonito. Se digo entre mim que sou feio e o reconheço como um fato, posso então investigar este fato e transcendê-lo. Mas se estou sempre procurando ser diferente do que sou, então minha mente se consome.

Se disserdes: "Isto é o que sou, e quero compreendê-lo", vereis que a compreensão do que sois — não do que "deveríeis ser" — suscita uma grande paz e contentamento, uma real compreensão, um elevado amor.

PERGUNTA: *Não há limites para o amor? Baseia-se o amor na atração?*

KRISHNAMURTI: Suponhamos que sejais atraído por um belo rio, uma bela mulher, ou um belo homem. Que mal há nisso? Vamos averiguá-lo. Quando sou atraído para uma mulher, para um homem, ou uma criança, ou a Verdade, ou uma pessoa, que acontece? Quero tê-la comigo, quero possuí-la, quero chamá-la "minha"; digo que ela é *minha* e não vossa. Se sou atraído por uma pessoa, quero estar perto da pessoa, quero o meu corpo junto ao dela. E, assim, que fiz eu? Em geral, que acontece? Sou atraído e quero estar perto de quem me atrai; isto é um fato, não um ideal. E a realidade, também, é que, quando sou atraído e quero possuir, não existe amor. O que me interessa é o fato e não o que "devo ser". Pois bem, quando possuo uma pessoa, não quero que ela olhe para mais ninguém. Se eu a considero como coisa *minha,* há amor? Não há, evidentemente. No momento em que encerro a pessoa num cercado como um objeto meu, acabou-se o amor.

Em verdade, estamos sempre fazendo isso. É que estamos investigando; queremos saber como a mente funciona e, quando o soubermos, talvez então ela, por si mesma, se torne tranqüila.

PERGUNTA: *Porque foi criada a terra e porque estamos nela?*

KRISHNAMURTI: Conheceis as explicações dos cientistas sobre as origens da terra. Se lerdes os tratados de biologia, sobre os primórdios da vida, ficareis sabendo como a terra foi criada e como apareceram os entes humanos neste planeta. Aí tendes a resposta.

PERGUNTA: *Mas é verdadeiro isso?*

KRISHNAMURTI: Esta menina quer saber se isto é verdadeiro. Mas quem pode falar-vos sobre o que é verdadeiro? Vós estais aqui, não estais? Aqui é a terra, e aqui vos achais. Para que fazer conjeturas se não há nenhuma possibilidade de provar? Os cientistas vos dirão como foi criada a terra. Outro indivíduo, igualmente sutil, vos dirá como a terra foi criada do seio de Brama. Este vos explica como fostes criado e como evolvestes; o outro vos explica como a matéria vos gerou. E então, em que ficais? Qual das suas explicações ides escolher? É claro que escolhereis aquela que mais vos agradar, isto é, escolhereis de acordo com o vosso condicionamento. Isso é um inútil processo de especulação. Especular é perder tempo. Mas, tendes a terra, que deveis compreender, e cumpre descobrir porque aqui estais, o que pensais, o que sentis, o que é a vossa vida... Talvez penseis que mais tarde sereis capaz de descobri-lo; mas deveis começar a descobrir desde já.

PERGUNTA: *Porque sentimos a necessidade de amor?*

KRISHNAMURTI: Quereis dizer "porque temos de ter amor"? Porque existe amor? Podemos passar sem ele? Que aconteceria se não tivéssemos esta coisa chamada amor? Se vossos pais dessem para pensar por que razão vos amam, talvez não estivésseis aqui. Eles poderiam ter-vos abandonado. Mas eles pensam que vos amam e por isso querem proteger-vos, educar-vos, dar-vos todas as oportunidades de serdes alguém na vida. Este sentimento de proteção, de que pertenceis a eles, é o que em geral se chama amor. Sem ele, que aconteceria? Que aconteceria se vossos pais não vos amassem? Eles se descuidariam de vós, vos achariam incômodos, vos tocariam de casa, vos odiariam. Mas, felizmente, existe esse sentimento de amor, talvez um tanto vago, talvez algo empanado e desvirtuado; por felicidade, para vós e para mim, ele ainda existe. Se assim não fosse, nem vós nem eu teríamos sido educados, nem sequer existiríamos.

PERGUNTA: *Que é a oração? Qual a sua importância na vida diária?*

KRISHNAMURTI: Presumo que fazeis esta pergunta com toda a seriedade, e não simplesmente para mostrar que sois sutil; espero que realmente a tenhais feito a sério. Vamos, pois, investigar. Não fiqueis só escutando; investiguemos juntos.

Porque orais, e que é a oração? A maior parte das vossas orações é só petição, súplica. Tendes inclinação para esta forma de oração porque sofreis, porque vos vedes só, porque estais deprimido e aflito. Orais a Deus, pedindo-lhe ajuda. É um pedido que fazeis; a isso chamais oração. A essência da oração é geralmente a mesma, embora a intenção possa variar. A oração da maioria das pessoas é rogo, petição, súplica. É isso o que estais fazendo? Porque rezais? Não estou dizendo que deveis rezar nem que não deveis rezar — estou só perguntando "porque rezais?". Rezais para pedir mais esclarecimento, mais paz, para pedir que o mundo seja libertado do sofrimento? Existe outra forma de oração, além desta? Existe, sim: A prece que não é petição, mas uma irradiação de boa vontade, uma irradiação de amor, uma irradiação de idéias. Qual é a que fazeis?

Se vossa oração é pedido, súplica, que significa ela? Estais estendendo o pires, pedindo uma esmola a Deus, não é exato? Quereis que Ele vos encha o pires em conformidade com vossos desejos. Estais pedindo a Deus algo que desejais. Não estais satisfeito com as coisas que estão ocorrendo, com aquelas que vos são dadas. Por isso a vossa prece é uma petição, um requerimento que fazeis a Deus. Quereis que Ele vos satisfaça; por conseguinte, vossa prece não é prece nenhuma. O que vos interessa é só que se vos satisfaça; dizeis para Deus: "Estou sofrendo; satisfazei-me, por favor; devolvei-me meu irmão, meu filho; fazei-me rico". E estais, assim, perpetuando os vossos desejos. Isso não é oração.

O essencial é compreenderdes a vós mesmo, perceberdes *porque* pedis e não *para que* pedis, perceberdes porque existe em vós esta necessidade, este impulso para orar. Descobrireis, então, que, quanto melhor vos conhecerdes, tanto física como psicologicamente — quanto melhor souberdes o que pensais, o que sentis — tanto mais se vos esclarecerá a verdade do *que é*. Essa verdade é que vos ajudará a ser livre.

19 de dezembro de 1952.

X

Considero extremamente importante saber escutar. Quando sabeis escutar, alcançais de pronto as raízes de qualquer problema. Quando ouvis um som puro, tendes contato imediato com a sua beleza. Se soubésseis escutar da mesma maneira o que diz outra pessoa ou o que estou dizendo, operar-se-ia imediatamente uma transformação. Bem considerado, escutar significa focar completamente a atenção. Pensais que a atenção fatiga e que o aprender a concentrar-se representa um processo moroso. Mas não é tal, porque quando sabeis escutar atingis imediatamente, e com extraordinária compreensão, o âmago de qualquer problema.

Nós, em geral, não escutamos. Distrai-nos o barulho, ou estamos cheios de preconceito, de prevenção; temos qualquer coisa que nos desvia e não nos deixa escutar realmente o que se diz. Isso acontece em especial com as pessoas mais idosas, porque já "realizaram" muitas coisas na vida, são "alguéns" ou "ninguéns", no mundo, e é muito difícil atravessar as camadas de suas fórmulas e concepções. A imaginação e o cabedal dos mais velhos não deixam penetrar o que se diz. Mas, se sabemos escutar sem nenhuma barreira, escutar, simplesmente, como ouvimos o canto dos pássaros na alvorada ou como vemos o sol brilhar sobre as águas; se sabemos escutar o que nos dizem, sem nenhuma barreira, conhecemos então algo extraordinário, principalmente quando o que ouvimos é uma coisa verdadeira. Podeis não gostar do que vos dizem, opor-lhe resistência, achá-lo restrito, mas se o escutardes verdadeiramente, percebereis a verdade que encerra.

"Escutar" realmente alivia, varrendo todos os destroços de anos de malogros e êxitos e ânsias. Sabeis o que é propaganda? É a ação de difundir, de disseminar, de maneira que a repetição constante de uma idéia faça gravar-se na vossa mente o que o propagandista, o político ou o guia religioso deseja fazer-vos crer. Aí também há um escutar, porque há uma repetição constante, por parte de certas

pessoas, do que deveis fazer, que livros deveis ler, os chefes que deveis seguir, que espécie de idéias são corretas, qual o *guru* indispensável, qual o dispensável. Esta repetição constante de uma idéia, de um sentimento, deixa vestígios. Ainda que não lhe presteis atenção, inconscientemente grava-se uma impressão. Tal é o objetivo da propaganda, da contínua repetição. Mas a propaganda não traz aquela verdade que pode ser imediatamente compreendida quando escutamos de maneira correta, quando prestamos atenção sem fazer esforço.

Estais agora a escutar-me sem esforço algum de atenção. Simplesmente "escutais"; e se o que escutais contém verdade, se o que estou dizendo é verdadeiro, vereis então como se opera em vós uma transformação extraordinária, uma transformação não desejada previamente, uma revolução completa, na qual a verdade domina sozinha, e não a vossa mente. Escutai, pois, — se posso sugeri-lo — de igual maneira a todas as coisas; "escutai" não só o que eu digo, mas o que outros dizem; "escutai" os pássaros, o silvo da locomotiva, o rumor do ônibus que passa; e vereis que, quanto mais "escutais", maior é o silêncio, e que o silêncio não é quebrado pelo barulho. É só quando resistis, quando levantais uma barreira entre vós mesmos, entre o "escutar e aquilo que não quereis escutar, é só então que há luta. Assim, — se posso sugeri-lo — escutai!

Ontem e anteontem estivemos falando sobre o que é o amor. Vamos ver se podemos hoje considerá-lo de um novo ponto de vista, numa perspectiva diferente. Não é importante que sejamos apurados, não apenas exteriormente, mas também interiormente? Sabeis o que significa ser apurado? Significa ter sensibilidade para as coisas que nos cercam e também para os pensamentos, as crenças, as idéias existentes dentro em nós. Apuro no vestir, nas maneiras, nos gestos, no andar, no falar, no modo de olhar as pessoas. Pois bem, o apuro é essencial, não achais? Porque, do contrário, temos a degenerescência. Sabeis o que é degenerescência? Sabeis o que significa a palavra degenerescência? O que significa degenerar? — Gerar (*generate*) é criar, é construir, ter iniciativa, promover, desenvolver. Degenerar (*degenerate*) é o oposto disso, é destruir, decompor. A degenerescência implica uma lenta decomposição, um definhar. É isso que está acontecendo no mundo — nos Colégios, nas Universidades, entre as nações, entre os povos, no indivíduo; observa-se em toda parte uma lenta decomposição, um lento definhar, o processo de degenerescência em ação contínua. Isto acontece porque não existe apuro (*refinement*), nem exterior nem inte-

riormente. Podeis ter roupas elegantes, belas casas, boa comida, muito asseio; mas, sem o apuro interior, a mera perfeição exterior da forma, pouco significará; a perfeição da forma, sem apuro interior, é meramente uma outra modalidade de degenerescência. Possuir um belo carro e interiormente ser vulgar, viver ocupado consigo mesmo, com suas "realizações", suas grandezas, importância, ou ambições representa o autêntico processo da degenerescência, porque então não estais criando interiormente.

A forma, a beleza da forma, só tem significação, — na poesia, numa pessoa, quando vemos uma bela árvore, — quando existe apuro interior, que é o amor. Havendo amor, há apuro, tanto exterior como interiormente. O apuro exterior se expressa na consideração, na maneira de tratar não apenas os vossos filhos, os vossos pais, os vossos criados, mas também os vizinhos, o trabalhador braçal, o jardineiro. Podeis ter um belo jardim criado pelo jardineiro, mas sem aquele amor ao puro, nenhuma significação tem o vosso jardim, que é uma mera expressão de vossa própria vaidade. É, pois, essencial possuirmos apuro interior e exterior. A maneira de comer é também de grande importância; se comeis ruidosamente, isso tem muita significação; vosso comportamento, vossas maneiras, o modo como falais com vossos amigos, como falais de outras pessoas, todas estas coisas são relevantes, porque indicam o que sois interiormente, indicam se em vosso íntimo existe apuro. Se não existe apuro, esta falta se expressa exteriormente na degeneração da forma. Mas o apuro exterior e o interior têm pouquíssima significação se não existe amor. O amor não é uma coisa que se possua. Ele só existe quando a mente compreende os complexos problemas por ela criados. Vós e eu vamos considerar juntos estes problemas.

PERGUNTA: *Porque temos um sentimento de orgulho quando conseguimos um bom êxito?*

KRISHNAMURTI: Há sentimento de orgulho no bom êxito? E, que é "orgulho" e que é "êxito"?

Compreendeis estas duas palavras — "orgulho" e "êxito"? Já considerastes o que significa ter bom êxito, como escritor, como poeta, como pintor, como negociante, como político? O sentimento interior de haver adquirido controle próprio, o sentimento de termos obtido bom êxito em algum empreendimento, ou alguma tentativa, — que indica tudo isso? O sentimento de terdes conseguido algo, de serdes mais hábil que outro, de terdes alcançado o que desejáveis,

de vos terdes tornado um homem bem sucedido, respeitado, considerado, um exemplo para outros — que mostra tudo isso? Naturalmente, esse sentimento é acompanhado de orgulho — Eu realizei algo. Eu sou importante. Esse sentimento egotista é na sua própria essência o sentimento de orgulho. O orgulho, pois, cresce juntamente com o bom êxito — sendo orgulho o sentimento de nossa própria importância, comparativamente. Essa comparação com outro, com o modelo, com o ideal, com uma esperança, dá a força, o propósito, o impulso que realça a importância do Eu, que fortalece o sentimento de superioridade; e essa tendência a sentir-nos superiores é o começo do orgulho. O orgulho é uma coisa que produz sempre uma grande vaidade egotista, uma inflação. Observai as pessoas mais idosas e ainda a vós próprios. Sois submetido a um exame: se vos mostrais um pouco mais talentoso do que outro, logo se manifesta um sentimento de prazer. O mesmo acontece quando levais a melhor numa discussão com outro, ou quando fisicamente sois mais forte ou mais belo do que outro. Surge imediatamente o sentimento de vossa própria importância. E, assim, quando o "Eu" se sente importante, há o conflito, a luta, o esforço para manter esse estado ininterruptamente.

PERGUNTA: *Como podemos eliminar o orgulho, libertar-nos dele?*

KRISHNAMURTI: Eu vos disse agora mesmo como se deve escutar. Se houvésseis realmente "escutado" a resposta à última pergunta, teríeis compreendido como podemos ficar livres do orgulho e estaríeis livre dele. Mas, estais interessado na pergunta seguinte, em achar a maneira de formulá-la; não "escutastes" a pergunta anterior e a respectiva resposta. Se "escutardes" o que digo, achareis a verdade que contém.

Sinto-me orgulhoso do que realizei; tirei o primeiro lugar; fui à Inglaterra, à América; fiz coisas relevantes; meu nome saiu nos jornais, etc., etc. Estou cheio de orgulho e digo: "Como posso livrar-me do orgulho?" *Porque* quero ficar livre dele? Esta é que é a questão importante, e não o "*Como* ficar livre dele?". Mas, porque quero ficar livre? Qual o "motivo", o *incentivo*? Existe o incentivo porque vejo que o orgulho me é prejudicial, por causar dor, por não ser bom, espiritualmente? Se é esse o motivo, então o meu esforço para libertar-me do orgulho representa uma outra forma de orgulho, não é verdade? Continuo interessado em *realizar* uma

coisa. Reconhecendo que o orgulho é muito doloroso, uma coisa feia, espiritualmente, digo que devo ficar livre dele. O "devo ficar livre" encerra ainda o mesmo "motivo" que o "devo ter bom êxito". O "eu" continua a ter a mesma importância. Eu devo ser livre. Eu devo consegui-lo. Minha luta agora é para ser livre, e Eu continuo a ser o centro. Nessas condições, o que importa não é o como ficar livre do orgulho, mas sim o compreender o Eu. O "eu" é muito sutil; quer "isto" num ano, e quer "aquilo" noutro ano, e quando "aquilo" é desagradável quer outra coisa. Assim, enquanto existir esse centro do "eu", tanto faz ser orgulhoso como ser humilde — nem uma coisa nem outra tem significação. Representa apenas uma capa diferente. Quando gosto de uma capa, visto-a; no ano que vem, vestirei outra capa, conforme minhas fantasias e desejos.

O que necessito compreender é como vem à existência esse "eu". O "eu" vem à existência como resultado de nossas e variadas realizações. Isso não significa que se deva evitar a ação. Mas o sentimento de estardes agindo, o sentimento de que realizais alguma coisa, o sentimento de que deveis ser sem orgulho, precisa ser compreendido. Impende compreender a estrutura do "eu". Deveis refletir, observar, estar cônscio do vosso pensar, da maneira como tratais o vosso criado, da maneira como tratais a vossa mãe, o vosso pai, o vosso mestre, o operário, vossos superiores e inferiores, os que respeitais e os que desprezais — tudo isso indica os "costumes" do "eu". Isso é que é importante, e não o "Como ficar livre do orgulho".

PERGUNTA: *Como pode o belo ser uma alegria perene?*

KRISHNAMURTI: Estais estudando os clássicos? Isso é um pensamento original, vosso, ou uma citação? Bem, desejais saber se a alegria, se a beleza é perecível, e como pode haver alegria perene.

PERGUNTA: *O belo se manifesta em certas formas?*

KRISHNAMURTI: É perecível esta beleza? — a beleza da árvore, da folha, do rio, da mulher, do homem, das aldeãs com seus fardos à cabeça, andando graciosamente?

PERGUNTA: *As coisas passam, mas deixam uma impressão.*

KRISHNAMURTI: Passam, e fica-nos a lembrança da sua passagem. Fica-nos a lembrança da árvore, da folha; o belo e sua lembrança permanecem. Pois bem, será a lembrança uma alegria viva? Quando vedes uma coisa bela, há alegria imediata; vedes o pôr do Sol e vos sentis alegre. Essa alegria, passados alguns momentos, se torna lembrança. A lembrança da alegria é uma coisa viva? Não; é coisa morta. Nesta impressão morta do ocaso quereis encontrar alegria. A memória não contém alegria; é apenas o vestígio de algo que a causou. A memória, em si, não a contém. Temos alegria — a reação imediata à beleza de uma árvore; depois a memória intervém e a destrói. Assim, *se há constante percepção do belo, sem a acumulação de lembrança, há a possibilidade de alegria perene.* Mas não é tão fácil estar-se livre da memória. No momento em que contemplais algo deleitável, imediatamente o desejais conservar. Vedes uma coisa bela, uma bela criança, uma bela árvore; e ao vê-la sentis um prazer imediato; mais tarde, quereis repetir esse mesmo prazer. A repetição é reação da memória. E, quando desejais repetir, pondes em movimento o processo da desintegração. E na repetição não há alegria. A memória não pode produzir a alegria perene. Só temos alegria perene se há constante reação ao belo, ao feio, a todas as coisas, quer dizer, quando há muita sensibilidade, interior e exteriormente — o que significa: quando temos o verdadeiro amor.

PERGUNTA: *Porque são felizes os pobres e infelizes os ricos?*

KRISHNAMURTI: Vós sabeis que os pobres são felizes? Notastes que eles são felizes? Notastes que os ricos são infelizes? Os pobres são deveras felizes? Eles podem cantar, ter *Bhajans,* dançar, mas serão felizes? Eles não têm o que comer, não têm o que vestir, não têm asseio, trabalham da manhã à noite, ano após ano. Podem sentir felicidade, ocasionalmente; mas não são felizes, não é verdade? Os ricos são infelizes? Eles têm o que comer, o que vestir, posição destacada, podem viajar. Mas são infelizes quando se vêem frustrados, quando encontram obstáculos à obtenção do que desejam.

Que entendeis por "felicidade"? Alguns dirão que a felicidade consiste em obtermos o que desejamos. Desejais um carro e o conseguis; sois feliz. Quero um *sari,* ou roupas, quero ir à Europa; se consigo o que pretendo, sou feliz. Desejo ser um eminente professor, ou político; se realizo este desejo, sinto-me feliz; se não, sou

infeliz. Assim, o que chamais felicidade é a obtenção do que desejais: alcançar um êxito, tornar-se nobre, obter qualquer coisa desejada. Enquanto obtemos o que almejamos, sentimo-nos perfeitamente felizes; não há sentimento de frustração; mas, quando não conseguimos o que desejamos, começa a infelicidade. Tal é a preocupação de todos nós, ricos e pobres. Ricos e pobres querem obter algo para si mesmos, para suas famílias, para a sociedade; se são impedidos de obtê-lo, se algum obstáculo os detém, sentem-se infelizes. Não estamos dizendo que os pobres não devam obter o que desejam. O problema não é este. Estamos tentando descobrir o que é a felicidade e se a felicidade é algo de que podemos conscientizar-nos. No momento em que estais cônscio de que sois feliz, de que tendes muitas coisas — é isso felicidade? Havendo consciência de que sois feliz, isso não é felicidade, é? Conseqüentemente, não podemos andar no encalço da felicidade. Desde que estais ciente da humildade, já não sois humilde. A felicidade não é coisa de se perseguir; ela vem. Se a procurais, ela se esquiva.

PERGUNTA: *Se bem que haja progresso em diferentes sentidos, se bem que os homens estejam progredindo de vários modos, porque não existe fraternidade?*

KRISHNAMURTI: A que "progresso" vos referis?

PERGUNTA: *Ao progresso científico.*

KRISHNAMURTI: Isto é, do carro de bois ao avião a jato? Isto é progresso, pois não? Nos séculos passados só havia o carro de bois; mas gradualmente, através do tempo, criou-se o avião de jato; isto se chama progresso científico. Graças a medidas sanitárias e à assistência médica em larga escala, tem-se feito progresso. Os meios de transporte eram antigamente muito lentos, e hoje são muito rápidos; em vinte e quatro horas podeis transportar-vos a Londres. A todas essas coisas chamamos progresso; todavia, conquanto estejamos progredindo numa certa direção, não temos evolvido ou progredido de maneira equivalente na fraternidade.

Ora, será a fraternidade algo susceptível de progresso? Sabemos o que significa progresso: realizar uma coisa através do tempo; evoluir. Compreendeis? Os cientistas dizem que evolvemos do macaco; dizem que através dos séculos, de milhões de anos, progredimos do mais baixo nível da escala animal ao mais alto, que

é o homem. Mas a fraternidade é susceptível de progresso? É uma coisa susceptível de evolver mediante o tempo? Há a unidade da família, da sociedade, da nação... da união nacional à união internacional e, por fim, à união mundial. A União Mundial é o que chamamos fraternidade. O sentimento de fraternidade tem alguma relação com o tempo? Pode ele cultivar-se através do tempo, através das fases da família, comunidade, nação, sociedade, sociedade internacional, sociedade mundial? Pode o sentimento de fraternidade, que é amor, ser cultivado passo a passo? O amor depende do tempo? Entendeis o que estou dizendo? Se digo que daqui a dez, trinta, cem anos, haverá fraternidade, isso indica o quê? Indica que não amo, que não sinto fraternidade. Não sei se estais compreendendo bem. Se eu digo "amarei", "Serei fraternal, amarei", o fato real é que não amo, não tenho fraternidade. Quando penso "serei", isso significa que *não sou.* Assim, se elimino o conceito "serei" — serei fraternal daqui a cem anos — estou habilitado para descobrir o que sou — que não sou fraternal — e começar então a trabalhar.

Que é importante: o que sou ou o que serei? Sem dúvida, o que importa é o que sou; porque, quando sei o que sou, posso fazer alguma coisa. Mas o que "serei" é algo que está no futuro, que é imprevisível. A realidade é que não sou fraternal, não amo; isto é um fato; com este fato é que eu começo, e faço imediatamente alguma coisa em relação a ele. Mas se digo "serei algo", isto é muito vago, é idealismo. O idealista é um homem que foge do *que é.* Todos os idealistas são fujões — estão fugindo do fato, que pode ser modificado.

21 de dezembro de 1952.

XI

Como vos lembrais, temos falado a respeito do temor. Ora, o temor não é também responsável pela acumulação de saber? Esta é uma questão difícil e por isso vamos considerá-la com muito cuidado e atenção. Como acabo de dizer, o temor assume a forma de saber, e esta é a razão por que os entes humanos acumulam saber e rendem culto ao saber. Pensam que o saber tem subida importância na vida — saber o que aconteceu, saber o que vai acontecer — não só o saber científico, mas também o chamado saber espiritual. Todo o processo de acumular conhecimentos se torna gradualmente uma coisa a que rendemos culto com o nome de saber. Isso não procede também do fundo de temor? Achamos que quando não sabemos estamos perdidos — não saberíamos dirigir-nos, não saberíamos comportar-nos. Por isso, gradualmente, pelas experiências, pelo saber contido nos livros, pelo que foi dito pelos sábios, formamos gradualmente o saber que se torna tradição; e atrás desta tradição, deste saber, buscamos refúgio. Pensamos que esse saber é essencial; sentimos que sem ele estaremos perdidos, ignoraremos o que cumpre fazer.

Ora, ao falarmos de saber, que entendemos? Que sabemos nós? Que sabeis quando considerais o saber que acumulastes? Que é esse saber? Em certo nível, o saber é importante, como, por exemplo, as ciências, a engenharia; mas, afora isso, que é que sabemos? Já considerastes alguma vez este processo de acumular saber? Porque fazeis exames, porque estudais? Isso é necessário, não é verdade? — em determinados níveis; porque, se não tem conhecimentos de Matemática, de Geografia, de História, como pode um homem ser engenheiro ou cientista? Todas as relações sociais baseiam-se nesse saber; e, sem ele, não poderíamos ganhar a vida. Esta espécie de saber, portanto, é essencial. Afora isso, que sabemos?

Como dizia, o saber é essencial em certos níveis da vida, para que possamos viver. Mas, afora isso, qual é a natureza do

saber? Que queremos dizer quando afirmamos ser o saber necessário para acharmos Deus, necessário para nos conhecermos a nós mesmos, ou para que possamos encontrar uma passagem através das agitações da vida? Aqui, entendemos o saber como "experiência". Que é que experimentamos? Que é que sabemos? Esse saber não é utilizado pelo "ego", pelo "eu", para se fortalecer a si próprio? Digamos, por exemplo, que eu tenha alcançado uma certa posição social. Essa experiência, esse êxito e o prestígio e poder que me confere, dá-me certo sentimento de segurança, de conforto; e, assim, o conhecimento do meu êxito, o conhecimento de minha existência, de meu poder, de minha posição, o conhecimento de que sou alguém, fortalece o "eu", não é mesmo? Utilizamos, pois, o conhecimento como um meio de fortalecer o "ego", o "eu". Já não observastes os *Pundits*, ou vosso pai, ou vossa mãe, ou vosso mestre — já observastes como todos eles estão "inchados" de saber? Já observastes como o saber dá o sentimento de expansão do "eu", o "eu sei e tu não sabes; experimentei mais e tu não experimentastes"? Assim, gradualmente, o saber, que é meramente informação, é usado por vaidade e se torna o sustento, a nutrição do "ego", do "eu". Porque o "ego" só pode existir em alguma forma de dependência parasitária. O cientista utiliza o seu saber para alimentar sua vaidade; assim também o professor; assim também os pais; assim também os *gurus* — todos querem ser alguém no mundo. Usam por este motivo o saber como o meio de preencher tal fim, de alcançar tal desejo; e quando examinamos as suas palavras, quando lhes penetramos a significação, que encontramos? Que sabem eles? Só sabem o que está nos livros; ou só sabem o que experimentaram, sendo que suas experiências dependem do seu fundo de condicionamento. Geralmente, pois, estamos cheios de palavras, de conhecimentos, a que damos o nome de saber; e sem ele vemo-nos perdidos. Portanto, o que existe é o temor, oculto atrás da cortina das palavras e dos conhecimentos; e transformamos esses conhecimentos no saber, como meio de fazer carreira na vida.

Deste modo, onde há medo, não há amor; e o saber sem o amor é destrutivo. É o que está acontecendo no mundo, atualmente. Por exemplo, sabe-se como é possível alimentar todos os seres humanos do universo, mas não se trata disso. Sabe-se como é possível alimentá-los, dar-lhes roupa e morada; mas nada se faz neste sentido, porque cada grupo de indivíduos está separado por seus interesses nacionalistas e egotistas. Se se desejasse realmente pôr fim à guerra, haveria possibilidade de fazê-lo; mas nada se faz, pelas mesmas

razões. Assim, o saber sem o amor não tem significação alguma. É apenas um meio de destruição. Enquanto não compreendermos isso, o mero interesse de passar em exames, ou de adquirir posição, prestígio, poder, conduzirá à degenerescência, à corrupção, ao lento definhar da dignidade humana. O importante, pois, é não somente que tenhamos o saber em certos níveis — o saber que é essencial — mas também que estudemos este sentimento, que verifiquemos que o saber é utilizado para satisfazer o nosso egotismo, e para fins egoístas. Vede como a experiência é utilizada como meio de auto-expansão, como meio de poder, de prestígio para nós mesmos. Notai como as pessoas adultas que ocupam altos cargos estão aferradas ao seu sucesso, à sua posição. Querem construir um ninho para si, para serem poderosas, para terem prestígio, posição e autoridade; e sobrevivem, porque cada um de nós deseja fazer o mesmo, deseja ser alguém. Não desejais ser o que sois — como quer que sejais — mas desejais ser alguém.

Há diferença entre "ser" e "querer ser". O desejo de ser se conserva por meio do saber que é utilizado como meio de auto-engrandecimento, como meio de poder, posição, prestígio. Por conseguinte, o que importa, a todos nós, é que durante o nosso amadurecer percebamos todos estes problemas e os investiguemos devidamente, reconhecendo não devermos respeitar uma pessoa só porque tem um título, um cargo. Nós sabemos muito pouco. Podemos ter inúmeros conhecimentos adquiridos nos livros; mas pouquíssimos temos experiência direta de qualquer coisa. É a experiência direta da Realidade, de Deus, que tem vital relevância. E para a termos, é mister o amor.

22 de dezembro de 1952.

XII

Não é importante, na mocidade, amarmos e sermos amados? Parece-me que em geral nós não amamos nem somos amados. E eu acho essencial compreendermos o problema do amor enquanto jovens; pois é possível que na juventude tenhamos suficiente sensibilidade para senti-lo, conhecer-lhe a qualidade, o perfume; e assim, talvez, ao envelhecermos, ele não será de todo destruído. Consideremos, pois, a questão, — não de que não deveis ser amados, mas de que deveis amar. Mas, que significa isso? Um ideal? É algo remoto, inatingível? Ou é algo que qualquer pessoa pode sentir em dados momentos? Senti-lo, estar cônscio dele, conhecer a verdadeira compaixão, a verdadeira compreensão, ajudar os outros com naturalidade, sem nenhum incentivo, ser benevolente, generoso, ter compaixão, cuidar de alguma coisa, cuidar de um cão, ter piedade do aldeão, ser generoso com o amigo, ser indulgente — é isso o que entendemos por amor? Ou o amor é algo em que não há espírito de ressentimento, algo que representa *a indulgência infinita?* Não é possível, na mocidade, senti-lo? Os mais de nós, quando jovens, o sentimos — é um sentimento de agonia exterior, de comiseração para com o aldeão, para com um cachorro, para com os humildes. Não deveria ser constantemente nutrido este sentimento? Não devíeis ter sempre uma parte do dia dedicada a ajudar a outro, a tratar de uma árvore, de um jardim, ajudar nos trabalhos de casa ou da pensão, de modo que, ao atingirdes a maturidade, saibais o que significa ter consideração, com naturalidade — e não uma consideração forçada, que é apenas uma palavra negativa que representa a vossa própria felicidade — mas aquela consideração que não tem incentivo algum? Não devíeis, enquanto jovens, conhecer a "qualidade" da verdadeira afeição? Não podeis fazê-la nascer; ela tem de existir em vós. E os que cuidam de vós como vosso tutor, vossos pais, vossos mestres, devem também possuí-la. A maioria das pessoas não a tem. Estão sempre preocupadas com suas aspirações,

seus sucessos, seu saber, e com os feitos que realizaram. Construíram um passado de tão colossal importância, que ele acaba destruindo-os. Não deveis, pois, enquanto jovens, saber o que significa cuidar dos quartos, tratar de algumas árvores que vós mesmos plantais, de modo que tenhais sempre esse sentimento, esse sentimento sutil de simpatia, de desvelo, de generosidade — a generosidade verdadeira, e não a generosidade que é só da mente — a generosidade que significa dar a outros o pouco que podeis dar? Se assim não for, se não tiverdes este sentimento na juventude, será dificílimo tê-lo quando fordes mais velhos. E, se tiverdes esse sentimento de amor, de generosidade, de benevolência, de brandura, talvez possais despertá-lo também noutras pessoas. Isso implica — não é exato? — que a compaixão e a afeição não resultam do temor. Porém, é difícil prosperar neste mundo sem temor, sem se ter algum incentivo pessoal. A geração mais velha nunca pensou no problema do medo. Ou só pensou abstratamente, de maneira geral, e nunca investigou o problema. Se vós, que ainda estais observando, que ainda estais crescendo, interrogando, não souberdes o que é que causa o temor, crescereis iguais a eles; então, como a erva daninha oculta, o medo crescerá, crescerá sempre, e se multiplicará, transviando a vossa mente.

O importante, pois, é que tenhais sensibilidade para as coisas que se passam em redor de vós — como os mestres falam, como vossos pais se comportam e como vós mesmos vos comportais — de modo que a questão do medo seja percebida e compreendida.

A maioria das pessoas adultas acham que é necessária alguma espécie de disciplina. Sabeis o que é disciplina? É o processo, o método de obrigar-vos a fazer algo que não desejais fazer — método que vós mesmos criastes e por meio do qual desejais alcançar um resultado. Digamos, por exemplo, que tenhais o hábito de fumar ou de mascar bétele (1); qual é a maneira de acabar com esse hábito? A maneira de pôr fim a um hábito consiste em geral em disciplinar a mente para resistir à execução dos atos que constituem o hábito. Isto é, eu fumo; qual a maneira de deixar de fumar? Ou tenho o costume de mascar bétele; por que método deixarei de fazê-lo? A idéia prevalecente é que devemos resistir à vontade de mascar bétele, que devemos resistir à vontade de fumar. A resistência gera o medo; e porque tendes medo, criais o processo de resistir a tudo. Mas, se compreendeis porque fumais, se investigais

(1) Planta sarmentosa e aromática da Índia.

bem o hábito, refletis sobre ele, conversais a seu respeito, se tomais conhecimento dele ou vos ajudam a estar cônscio dele, não criais medo a essa resistência. A disciplina, por conseqüência, não é o método do amor.

Onde existe disciplina existe temor. Num estabelecimento como este, a disciplina deveria ser evitada a todo custo — a disciplina, que significa coerção, resistência, persuasão, compulsão, oferecimento de recompensa, ou obrigação de fazer alguma coisa que em absoluto não compreendeis. Quando não compreenderdes uma coisa, não a façais. Não vos deixeis obrigar a fazê-la. Pedi explicações a vossos mestres, sem mostras de rebeldia; tentai investigar, a fim de que vossa mente se torne flexível, maleável e não haja nenhum medo a este respeito. Mas se sois constrangidos pelos adultos, pela autoridade, por vossos pais, nesse caso suprimis a vossa mente e o medo surge; e esse medo vos persegue toda a vida, como vossa sombra. Assim, não vos disciplineis consoante um determinado padrão de pensamento, ou um determinado padrão de ação. As pessoas mais idosas só são capazes de pensar dentro desses limites. Obrigam-vos a fazer algo, "para vosso bem". E justamente o obrigar-vos a fazer algo "para vosso bem" vos destrói a sensibilidade, a capacidade de compreender, e, conseqüentemente, o amor. Tudo isso é sobremodo difícil, porque é muito forte o mundo que nos cerca; fazemos as coisas sem pensar, e caímos num hábito, tornando-se depois dificílimo livrar-nos dele. Deveis, num estabelecimento como este, estar sujeito à autoridade? Ou deveis dirigir-vos aos vossos mestres, conversar com eles sobre os vossos problemas, examiná-los, compreendê-los, de modo que, quando crescerdes e daqui sairdes, sejais um ente humano inteligente, apto a enfrentar os problemas da vida? Não tereis esta inteligência se existir qualquer espécie de temor. O temor só vos torna obstinados, o temor vos domina, o temor destrói aquela coisa que se chama compaixão, generosidade, afeição, amor. Tende, pois, o máximo cuidado em não vos deixardes disciplinar para um padrão de ação. Investigai sempre — o que significa que deveis ter tempo para isso, e vosso mestre deve também tê-lo; se não houver tempo, então precisais "fazer" tempo, porque o medo é de maior importância que qualquer exame ou qualquer diploma, visto que o medo é uma fonte de corrupção e o começo da degenerescência.

PERGUNTA: *Que é o amor em si mesmo?*

KRISHNAMURTI: Que é o amor intrínseco? Que entendeis? Amor sem "motivo", sem incentivo? "Escutai" atentamente, para descobrirdes. Estamos examinando a questão, mas não com o fim de achar-lhe a solução. Nos vossos estudos de Matemática ou quando fazeis uma pergunta, desejais uma solução, um resposta. A solução vos preocupa muito mais do que o problema. Se compreendeis o problema, se o estudais, examinais, analisais, encontrareis a solução no próprio problema. Vamos, pois, descobrir a solução pela compreensão do problema, e não procurando a solução no fim do livro, no Bhagavat Gita, na Bíblia, no Alcorão ou noutro livro sagrado, ou ouvindo-a de algum professor ou conferencista. Se examinardes o problema, a solução sairá dele próprio. Um fruto não pode nascer sem a árvore; mas o que geralmente acontece é que procurais o fruto da árvore sem compreender-lhe a estrutura, sem compreender como a árvore cresce. O fruto é parte da árvore; não são duas coisas distintas. Identicamente, no problema está a solução; a solução não está separada do problema. Não fiqueis meramente esperando uma solução. As soluções dos vossos problemas matemáticos se acham no vosso esforço pessoal, no vosso inquirir, no buscar compreender os problemas. No exame do problema encontrareis a solução correta.

O problema agora é este: Que é o amor sem "motivo"? Pode haver amor sem "motivo", sem incentivo algum, sem tirarmos dele nenhum proveito para nós mesmos? Pode haver amor sem ressentimento, em que não haja mágoa quando o nosso amor não é correspondido? Pode haver amor em que damos e não recebemos? Quando dais, não sentis mágoa, se a pessoa não retribui? Quando vos ofereço minha amizade e me voltais as costas, fico ressentido? Esse ressentimento é produto de minha amizade, produto de minha generosidade, de minha compaixão? Assim, enquanto houver ressentimento, enquanto houver temor, enquanto eu fizer alguma coisa para ajudar-vos, a fim de ser também ajudado por vós — o que se chama "prestar serviço" — vereis que o vosso incentivo não é o amor. Se compreendestes, aí tendes a resposta.

PERGUNTA: *Que é religião?*

KRISHNAMURTI: Desejais uma resposta da minha parte para saberdes o que é religião, ou desejais descobrir a verdade sobre o que é religião? Desejais uma resposta de alguém — por maior ou por mais estúpido que seja esse alguém — ou tendes interesse em descobrir o que é a verdadeira religião?

Se desejais saber o que é religião verdadeira, que deveis fazer? Deveis afastar tudo. Se tenho vidraças coloridas ou sujas, e desejo saber como é a luz real, tenho de limpar ou abrir as janelas, ou sair ao ar livre. Analogamente, desejais saber o que é a verdadeira religião; deveis então averiguar o que ela é. Para o averiguardes, descobrirdes, deveis começar pela negação, isto é, pelo que ela não é, e afastar essas coisas — tal como abris as janelas para verdes a luz. Aí, então, pelo percebimento direto, podereis descobri-lo.

Nós vamos averiguar o que é a religião verdadeira; vejamos, pois, em primeiro lugar, o que não é religião verdadeira. Os ritos, o *puja,* é religião? Repetis constantemente um certo rito, um certo *mantram* à frente de um ídolo. Isso vos pode dar um sentimento de prazer, um sentimento de satisfação, mas será religião? É religião vestir um paramento? É claro que isto não pode ser religião. Temos, pois, de averiguar se o chamar-me a mim mesmo budista, cristão, hinduísta, e se o aceitar de uma certa tradição, dogma, ritual, é religião. Evidentemente, não é. A religião, por conseguinte, deve ser algo que só se pode conhecer depois de ter a mente compreendido e afastado tudo isto. A religião não é um efeito da separação, é? Sois muçulmano, eu sou cristão; eu creio uma coisa, e vós não a credes. A vossa crença nada tem que ver, absolutamente, com a religião em si. Se credes em Deus e eu não, isso nada tem que ver com a religião, porquanto a vossa crença é condicionada pela sociedade em que viveis, não é assim? A vossa sociedade imprime em vós as suas crenças e temores, encarecendo à vossa mente o crer em certas coisas. A crença nada tem que ver com a religião. Vós credes de uma maneira e eu creio de outra maneira, porque acontece que eu nasci na Inglaterra, na Rússia ou na América. *A crença é meramente o resultado de condicionamento; por conseqüência, nada tem em comum com a religião.*

O interesse pela salvação pessoal é religião? Quero estar num lugar seguro: Nirvana ou Moksha; quero a salvação, quero um lugar ao lado de Jesus, de Buda, de um deus determinado. *Vossa* religião não é coisa que me proporcione satisfação ou conforto; por isso eu tenho a *minha* religião. Vossa mente precisa estar livre de todas essas coisas, e só então descobrireis o que é a verdadeira religião.

Consiste a religião meramente em fazer bem ou prestar serviços a outro? Ou é algo mais do que isso — o que não significa que não devamos ser generosos e benevolentes. Mas isso basta? É ela algo mais grandioso, mais puro, mais vasto, mais dilatado, do que

qualquer simples concepção da mente? Para compreenderdes o que é a religião verdadeira, deveis compreender todas estas coisas. Isto é como sair para a luz do sol; então já não perguntarei o que é a verdadeira religião: sabê-lo-ei. Porque haverá então a experiência direta daquilo que é verdadeiro.

PERGUNTA: *Suponhamos que alguém seja infeliz e deseje ser feliz. Isto é ambição?*

KRISHNAMURTI: Escutastes o que se acabou de dizer? Vós não sabeis escutar. Se realmente houvésseis escutado o que se disse, teríeis descoberto imediatamente o que é a verdadeira religião. É como se alguém vos dissesse: "Ide abrir a porta, para saberdes o que é a luz do sol". Mas, porque sois indolente, continuais sentado; não desejais mover-vos, e dizeis: "Fazei-me o favor de dizer o que é a luz do sol, que eu escutarei com toda a atenção". Mas eu respondo: "Ide abrir a porta, e sabê-lo-eis sem perguntar". Se escutais verdadeiramente, abris a porta para ver a luz solar. Esta é que é a beleza do saber escutar da maneira mais completa, porque logo abris a janela e vos achais à luz do sol.

Esta senhorinha pergunta: "Se desejo ajudar alguém que se acha em aflição, é ambição isto?" Se alguém é infeliz e deseja ser feliz, isso é ambição? A Verdade é ambição? Estou triste, morreu meu pai, meu filho, tenho fome, sou infeliz. A aflição, a dor, a dor física, a dor moral, o sofrimento interior ou exterior, a perda de alguém que julgamos amar — tudo isso nós conhecemos. Qual é o processo do tornar-se feliz? Compreendeis? Posso saber quando sou feliz? Só posso saber quando fui feliz. Não posso conhecer o momento em que sou feliz. Só posso conhecer a felicidade depois de passada, tal como o prazer. No momento em que sentis prazer, não tendes consciência dele. Só um segundo depois, dizeis: "Como foi bom, como foi aprazível isso". Dizeis: "Sofro, quero pôr fim ao meu sofrimento". É ambição isso? Isto é um instinto natural de toda pessoa; não é ambição. Por conseguinte, não é instinto natural de todos nós o viver sem medo, viver sem sofrimento físico ou moral? Mas a vida é de tal modo constituída, que estamos recebendo constantemente a visita da dor. Como algo que não me faz bem: sinto cólicas. Alguém me diz algo e sinto-me ofendido. Desejo fazer uma coisa e alguém me impede de fazê-la; sinto-me frustrado e infeliz. A vida, pois, está constantemente atuando sobre mim, quer me agrade, quer não, causando sofrimento, frustração, a reação

da dor. Não é exato isso? *O que devo, pois, fazer é compreender a dor; mas, em vez disso, fujo dela.*

Sabeis o que acontece; se sofro interiormente, procuro alguém, fujo do meu sentimento de dor: leio um livro, ouço rádio, ou me ponho a fazer *puja*. Tudo isso são sinais de que estou fugindo do sofrimento. Se fugis de uma coisa, é evidente que não podeis compreendê-la. Se enfrentais a coisa, começais a compreender o problema que ela encerra. A busca da compreensão desse problema não é ambição. Mas há ambição quando desejais fugir da coisa, quando vos apegais, quando lutais contra a coisa, quando em torno dela construís gradualmente teorias e esperanças. Assim, num sentido mais sutil, a coisa para a qual começais a correr se torna importante. E logo que ela se torna importante, dá-se a identificação — identificação de vós mesmos com vosso país, vossa posição social, vosso Deus; e esta é uma forma de ambição.

23 de dezembro de 1952

XIII

Tentemos hoje examinar de um ponto de vista diferente o que temos discutido nestas duas semanas. O que eu digo não é para se "memorizar". Sabeis o que significa "memorizar"? É procurar guardar na mente qualquer coisa que se ouviu, ou viu, para ser lembrada e meditada, ou seguida. Mas não estamos fazendo isto aqui. Não estais procurando lembrar-vos do que eu estive dizendo, isso será meramente uma lembrança, e não uma coisa viva. Isto aqui não é uma aula, em que tomais notas ao mesmo tempo que ouvis, o que só serve para fazer-vos lembrar o que escutastes. E se o que escutastes fica sendo uma mera lembrança, não é coisa que compreendestes. A compreensão é que tem importância, e não a lembrança. Espero que percebais a diferença entre "lembrar" e "compreender". *A compreensão é algo imediato, direto, algo que se experimenta com intensidade.* Mas se guardais meramente na lembrança o que ouvistes nestas manhãs, tereis uma coisa que atuará como guia, uma coisa para comparar, para seguir, uma divisa, a lembrança de uma idéia que deveis seguir, que deveis imitar, que deverá servir-vos de orientação, de exemplo, de base as vossas vidas. *Mas a compreensão não é uma simples lembrança. Ela é uma, "pressão" contínua, constante.*

Assim, se compreendeis o que estive dizendo — compreender, e *não* lembrar — vereis que então a vossa ação, aquilo que estais fazendo, está em relação com a vossa compreensão. Quando vos lembrais, procurais comparar a vossa ação, ou modificá-la, ou ajustar a vossa ação àquilo de que vos lembrais. Mas, quando compreendeis, a própria compreensão produz a ação e não tendes de agir em conformidade com vossa lembrança. Eis porque é tão importante "escutar", *não* com o fim de "memorizar", mas de compreender imediatamente.

Se guardais na memória certas sentenças, certos sentimentos que são despertados aqui, certas frases, certas palavras, procurareis

sempre comparar a vossa ação com essa lembrança. Por essa razão haverá sempre um intervalo entre o que lembrais e a vossa ação. Porém, se compreendeis, não há imitação. É, portanto, de grande importância, é verdadeiramente essencial, que procureis compreender de maneira efetiva. Qualquer simplório é capaz de lembrar-se, qualquer um que tenha certas aptidões pode passar num exame, porque se lembra das coisas; *mas, se compreendeis as coisas que estão implicadas naquilo que vedes, naquilo que ouvis, naquilo que sentis, essa mesma compreensão produzirá ação que não necessitais de guiar, moldar, controlar.* Se "memorizais", estareis sempre comparando; e a comparação gera a inveja. Toda a nossa sociedade está baseada nesta estrutura de inveja e senso aquisitivo. Vemos, pois, que a mera comparação com aquilo que lembramos nunca fará nascer a compreensão. Na compreensão há amor. Essa compreensão não é mera intelectualização, ou seja uma racionalização feita pela mente, um processo mental em que estamos comparando, em que há sempre o perigo de surgir um que guia e outro que é guiado. Compreendeis?

Neste mundo, a estrutura da sociedade está assentada no que guia e nos que são guiados, no exemplo e nos que seguem o exemplo, no herói e nos que rendem culto ao herói. Se compreenderdes esse processo de seguir e ser guiado, vereis que no seguir não há iniciativa, não há liberdade, nem para vós nem para o guia; porque vós moldais e controlais o guia do mesmo modo como o guia vos controla. Se estais seguindo exemplos — exemplos de abnegação, exemplos de grandeza, exemplos de triunfos, exemplos de amor — tais exemplos se tornam os ideais que cumpre lembrar e seguir; e tendes assim, entre o ideal e a ação, um intervalo, uma separação. O homem que compreende isso realmente não tem nenhum ideal; não tem nenhum modelo; não está seguindo ninguém; para ele não há *guru,* nem *Mahatma,* nem guiadores históricos; porque esse homem compreende tudo o que ouve, seja do pai, da mãe, do mestre, ou de uma pessoa como eu, que aparece casualmente na sua vida.

Vós estais aqui "escutando"; estais compreendendo e *não* seguindo. Também não imitais ninguém; por conseguinte, não há temor, senão apenas amor.

É, pois, de suma importância percebais isso por vós mesmos, para não serdes enfeitiçados, mesmerizados pelos heróis, pelos exemplos, pelos ideais. Exemplos, heróis, ideais, e as coisas que "memorizamos", esquecemos facilmente. Por isso, não há necessidade de avivar a memória constantemente por meio de uma imagem, de

um ideal, de uma divisa. Se tendes um ideal, um exemplo, então o estais seguindo, e isso é meramente lembrar. Nesse lembrar nunca há compreensão. É um mero comparar o que *sois* com o que *desejais ser*. Esta própria comparação gera inveja e temor; e gera a autoridade, na qual o amor não existe. Compreendei isto, ouvi atentamente o que estou dizendo, para que nunca tenhais guias, nem exemplos, nem ideais para imitar, seguir, copiar; para que sejais um ente humano livre e digno. Nunca sereis livres, se estais perpetuamente a comparar-vos com o ideal, com o que "deveríeis ser". Se compreendeis o que sois — por mais feios que sejais, por mais belos, por mais medrosos — que realmente sois — não necessitais de nenhuma lembrança para terdes esta compreensão; lembrar significa apenas "chamar à mente". Mas o observar, o estardes cientes, o conhecerdes o que realmente *sois, esse é o processo da compreensão;* não é processo de recordação ou lembrança.

Se compreendeis realmente o que estou dizendo, se o "escutais" de maneira completa, tornar-vos-eis livres de todas as coisas criadas pelas gerações idas, e que são inteiramente falsas e destituídas de significação; não haverá recordações que vos estorvem a mente e o coração, gerando temor e inveja. Se compreendeis realmente o que digo, então "escutareis". Inconscientemente, talvez estejais "escutando" profundamente; e eu espero que sim. Porque, então, vereis a força extraordinária que daí resultará, a imensa força que provém do escutar independentemente da memória.

PERGUNTA: *A beleza é uma qualidade subjetiva ou objetiva?*

KRISHNAMURTI: Porque formulais esta pergunta? Para fazerdes uma composição sobre este tema? Quando na escola ou no colégio vos mandam redigir algo, que fazeis? Coligis material, ledes livros, aprovisionais-vos, como esquilos, de idéias colhidas nos livros, ouvidas de outras pessoas; depois, concatenais essas idéias, as passais ao papel, e entregais ao lente a vossa composição. É com este fim que fazeis esta pergunta? "Escutai"! Ou desejais realmente saber se a beleza é subjetiva ou objetiva? Desejais realmente compreender, descobrir, e *não* "memorizar", para dizerdes: "Sim, foi isso que ele disse" ou "Será exato isso, ou está errado?" Se desejais verdadeiramente compreender e *não* "memorizar", neste caso, continuemos.

Vedes algo belo, o rio que se descortina da varanda — se não sois sensível, o olhais indiferentemente. Vedes uma criança andra-

josa a chorar; se não tendes sensibilidade para as coisas que vos cercam, se não lhes dais atenção, então o vê-las pouco significa. Passa uma mulher transportando um fardo à cabeça, de vestes sujas, faminta, cansada; notais a beleza do seu andar, sois sensível à sua condição, notais a cor do seu *sari*, mesmo que esteja muito sujo? Há influências objetivas por todos os lados, mas se não possuís aquela sensibilidade, não sereis capaz de apreciá-las, não é verdade? Se sois sensível, tanto notais as coisas chamadas belas como as coisas chamadas feias: o rio, os campos verdejantes, as árvores ao longe, as nuvens da tarde — ou os aldeões sujos, semimortos de fome, que escassamente pensam, escassamente sentem, e têm vestes sujas. Umas coisas chamamos belas, outras feias. Se estais "escutando", vereis que o importante nisto é que vos prendais ao belo, ao eterno, que observeis o belo, mas vos fechais ao feio. Não é importante que sejamos sensíveis a ambos: ao que chamamos belo e ao que chamamos feio? É esta falta de sensibilidade que divide a vida em "feio" e "belo". Mas, se sois sensível, receptivo, capaz de apreciar tanto o que se chama feio como o que é belo, descobrireis então o seu valor; vereis como são ricos de significação, e como enriquecem a vida.

Então, a beleza é subjetiva ou objetiva? Se fôsseis cego, se fôsseis surdo, se não pudésseis ouvir música, perderíeis a beleza? Ou a beleza é algo interior? Podeis não ver e não ouvir; mas o sentimento, aquele extraordinário sentimento de "estar aberto", de apreciar todas as coisas, mesmo que sejais surdo ou cego, o estar interiormente conscientizado de todas as coisas que se passam em vós, cada pensamento, cada sentimento — isso também não é beleza, e não é subjetivo? Mas pensamos que a beleza é algo exterior. É por isso que compramos quadros e os penduramos à parede. Queremos belos *saris*, belas casas, belos casacos e turbantes. Queremos tudo fora de nós, porque tememos que sem algum lembrete percamos algo interiormente. Pode-se dividir a vida, todo o processo da existência, do viver, em subjetivo e objetivo? Não é errôneo dividir a vida em "subjetivo" e "objetivo"? O que há é um processo duplo, não é verdade? — um processo completo: sem o exterior não há interior; e sem o interior não há exterior.

PERGUNTA: *Porque é que o homem forte elimina os fracos?*

KRISHNAMURTI: Vós fazeis isso? Verificai. Porque é que numa discussão repelis, pela força física, o vosso irmão mais novo, que

é menor do que vós? Porque o fazeis? Porque quereis fazer-vos valer, mostrar a vossa força, começais a impor-vos, a dominar, a repelir o mais fraco. Começais a mostrar-vos imperioso, para demonstrar que sois mais vigoroso, bem melhor, mais possante. A mesma coisa se dá com as pessoas mais velhas; sabem umas poucas coisas mais, aprendidas nos livros, têm posição, dinheiro, autoridade; por isso, eliminam-vos, empurram-vos para o lado. E vos deixais eliminar, porque desejais também eliminar o que está abaixo de vós. Assim, os de cima vos eliminam, e vós eliminais os de baixo. E justamente essa demonstração de força vos proporciona satisfação, vos proporciona o sentimento de ser *alguém;* porque a maioria de vós não deseja ser nada, mas apenas ser alguém.

PERGUNTA: *Neste caso, porque é que os peixes maiores querem devorar os menores?*

KRISHNAMURTI: Porque precisam viver. Os peixes menores devoram os peixes miúdos, e são devorados pelos peixes maiores. No mundo animal, isso talvez seja natural e provavelmente não pode ser alterado. Mas os grandes peixes humanos *não têm necessidade* de viver dos pequenos peixes humanos. Se os homens souberem fazer uso de sua inteligência, poderão evitar o viver uns dos outros, tanto por razões físicas como por razões psicológicas, interiores. Se derdes atenção a este problema, e o compreenderdes — o que significa ter inteligência — então não vivereis mais uns dos outros. Mas vós quereis viver uns dos outros; e por isso viveis à custa do mais fraco do que vós. Liberdade não significa termos licença para fazer o que quisermos. *Só pode existir liberdade quando existe inteligência;* e a inteligência só pode vir pela compreensão das relações, vossas, minhas, e de todos nós com outro qualquer.

PERGUNTA: *É verdade que as descobertas científicas nos tornam a vida mais fácil de viver?*

KRISHNAMURTI: Não tornaram elas a vida mais fácil? Não tendes a eletricidade? Comprimis um botão e tendes luz! Há um telefone naquela sala, e a qualquer momento que quiserdes, podereis comunicar-vos com Nova Iorque ou com vosso amigo de Benaras. Isso não é uma comodidade? Ou, podeis tomar um avião e transportar-vos a Nova Deli ou a Nova Iorque. Essas coisas são descobertas científicas e, sem dúvida, tornaram a vida mais cômoda. Mas

a ciência vos deu também a bomba atômica, que destrói vidas humanas... A ciência não tem só ajudado a destruir vidas humanas, mas também a salvá-las, pela cura das doenças. Mas, se não fizermos uso dos conhecimentos científicos com inteligência, com amor, destruiremos a nós mesmos, porquanto a ciência atualmente está descobrindo mais e mais, e fabricando bombas atômicas para destruir a humanidade. Isto é, se nos utilizarmos da ciência sem amor, destruir-nos-emos reciprocamente, embora a ciência nos ajude a tornar a vida mais cômoda...

PERGUNTA: *Que é a morte?*

KRISHNAMURTI: "Que é a morte?" Vede o que pergunta esta menina! Tendes assistido ao transporte de cadáveres para a beira do rio [1]; tendes visto pássaros mortos, folhas mortas, árvores mortas, frutos que murcham e apodrecem. Não tendes visto tantas vezes os pássaros, pelo amanhecer, chilreando, cheios de vida, chamando-se uns aos outros? À noite podem estar mortos. Eles definham, morrem. A pessoa que está viva de manhã pode estar morta à noite, vítima de desastre. Estamos habituados a ver tais coisas. A morte é comum a todos nós. Todos acabaremos desta maneira. Podeis viver trinta ou quarenta anos, chorando, sofrendo, cheios de medo; e ao cabo de quarenta ou cinqüenta anos já não existis.

Que é a morte e que é viver? Eis um problema realmente complexo, e não sei se desejais investigá-lo. Que é isso que chamamos viver, e que é isso que chamamos "morte"? Se conheço, se sou capaz de compreender o que é viver, serei então capaz de compreender o que é a morte. Ou temos medo dela ou não a compreendemos. Ou, alguém perdeu uma pessoa a quem ama e se sente desolado, sozinho; por isso a morte é considerada como uma coisa que nada tem em comum com o viver. Separamos a morte do viver. Mas a morte está separada da vida? Viver não é um processo de morrer?

Para a maioria, que significa viver? Significa acumular, escolher, sofrer, rir. E, no fundo, no fundo de todos os prazeres e dores, está o temor — o temor de findar, o temor do que irá acontecer amanhã. Por favor, "escutai"; perguntai depois aos vossos mestres o que significa isso que estou dizendo; interrogai, aclarai-vos. Como

(1) Os crematórios (piras) são à beira do rio, onde, após a cremação, são atiradas as cinzas.

vemos, no fundo está o medo — o medo de não existir, de perder nosso nome, nossa fama, nossa propriedade, nossa posição — que todos nós queremos conservar. Por isso perguntais "Que acontece depois da morte?" Que é a morte, e que se extingue com a morte? A vida?

Que é a vida? A vida só significa respirar? A vida é só isso? Comer, odiar, amar, possuir, adquirir, invejar, emular — eis o que sabemos sobre a vida. Geralmente, a vida é para nós a batalha que sustentamos incessantemente, de dor, de prazer, de sofrimento. Isso pode extinguir-se? Não deveríamos morrer? No outono, as folhas das árvores caem; na estação fria caem as folhas, e reaparecem na primavera. Não deveríamos também morrer assim, para todas as coisas de ontem, todas as acumulações, esperanças, triunfos? Não deveríamos morrer para tudo isso e renascer amanhã, cheios de frescor, como uma folha nova, tenra, sensível? Para o homem que está morrendo constantemente, a morte não existe. Mas para aquele que diz: "sou alguém, e preciso continuar a sê-lo" — para este há sempre a morte e o crematório. Ele não conhece o amor.

24 de dezembro de 1952.

XIV

Talvez seja algo dificultoso para vós o que vou dizer esta manhã; se não compreenderdes todo o seu alcance, podereis, se o quiserdes, conversar a seu respeito com os vossos mestres e extrair mais alguma coisa desta palestra.

Há vários fatores, vários sentimentos, várias condições responsáveis pela decomposição dos entes humanos. Sabeis o que significa decompor, desintegrar? Que significa "integrar"? Significa juntar, ser completo; quer dizer que, quando sois "integrados", os vossos sentimentos, o vosso corpo, são um todo inteiriço, com uma só direção e sem contradição entre si, — de modo que sois um ente humano completo, sem conflito. É isso o que significa "integração". "Desintegrar" significa o contrário: fazer em pedaços, dispersar, separar o que estava unido. Há muitas maneiras pelas quais os entes humanos se destroem, desintegram, desfazem. Penso que um dos fatores principais é o sentimento de inveja, que é tão sutil e, sob diferentes nomes, considerado como coisa vantajosa, benéfica, como coisa muito recomendável nas atividades humanas.

Sabeis o que é a inveja? Ela começa na infância, quando sentis inveja do vosso amigo, que é mais bonito, que tem coisas melhores, que tem melhor posição; ao sentirdes despeito porque ele vos supera na classe, tira notas mais altas, porque seus pais são melhores, porque pertence a uma família importante. A inveja, pois, começa numa idade muito tenra e aos poucos vai tomando a forma de competição — para obter notas melhores, ser melhor atleta, fazer algo notável, ser mais importante, mais proficiente, superar, brilhar mais do que os outros. Ela começa quando ainda sois bem pequenos, na escola, e, à medida que ficais mais velhos, se torna cada vez mais forte — a ânsia do rico por ser mais rico, a ânsia do pobre por tornar-se rico, dos que tiveram experiências e querem mais experiências, dos que escrevem bem e querem escrever melhor. O desejo mesmo de ser melhor, de ser *mais,* de valer alguma coisa,

de ter mais experiência, representa o processo de aquisição — adquirir, acumular, conservar. Se prestardes atenção, vereis que o instinto predominante é o de adquirir cada vez mais vestidos, mais roupas, mais casas, mais propriedades. Quando não é isso, ao tornar-vos idosos, quereis mais experiência, mais saber, sentir o prazer de saber mais do que outro, de ter lido mais do que outro, ou de estar mais chegado a algum alto funcionário do governo; ou saber que, espiritualmente, interiormente, tendes mais "experiência" do que outro; estar cientes de que sois humildes, de que sois virtuosos, de que podeis explicar e outros não podem. Assim, quanto mais adquirimos, tanto maior a desintegração. Quanto mais terras, quanto mais propriedades adquiris, quanto mais fama, quanto mais experiência, quanto mais saber acumulais, tanto maior a desintegração. Desejais adquirir sempre mais; e daí vem a enfermidade universal chamada ciúme, inveja. Já não o notastes, não só em vós mesmos, mas também nas pessoas idosas de vossas proximidades — como o professor primário deseja ser lente; o lente, diretor; ou como vosso pai e vossa mãe desejam ter mais haveres, um nome mais importante? No processo da luta pela aquisição, tornai-vos cruéis. Na aquisição não existe amor. Nessas condições, viveis numa batalha constante com o próximo, com a sociedade. Há um medo constante, que é justificado. Por isso admitimos como uma necessidade o ser invejoso, o adquirir, embora lhe apliquemos um nome diferente, um nome que soa melhor do que o termo "aquisição" ou "inveja". Chamamo-lo "evolução", "progresso", "luta", e declaramo-lo de essencial importância. Mas em regra não estamos cônscios disto, não temos consciência de que somos ávidos, gananciosos, de que nossos corações se estão consumindo de inveja, que nossas mentes se estão corrompendo. Se tomamos consciência desse fato, apressamo-nos a justificá-lo; ou dizemos que é mau; ou procuramos fugir.

A inveja é, pois, uma coisa bem difícil de se revelar ou descobrir, porque a mente é o seu centro. A mente é invejosa. A estrutura da mente é construída sobre a aquisição e a inveja. Observai, por exemplo, os vossos pensamentos, a maneira como pensais. A maneira de pensar tende em geral para a mera comparação — "Sei explicar melhor, tenho lembranças mais importantes". "O mais" é a mola da mente. É o seu meio de existência. Suprimi-o, e vereis o que acontece à mente. Se não puderdes pensar pela medida do "mais", vereis como é difícil pensar. Por conseguinte, "o mais" é o processo comparativo do pensamento que cria o tempo — tempo para "vir a ser", para tornar-nos alguém. Tal é, pois, o processo da inveja, da aquisição: pensar comparativamente. "Sou isto e algum

dia desejo ser aquilo; sou feio, mas oportunamente serei belo." Eis como o desejo de aquisição, a inveja, o pensamento comparativo, produzem descontentamento, inquietação. Em contraste com isso, dizemos que devemos estar contentes, contentar-nos com o que temos; isso dizem os que se acham no alto da escada. As religiões universais pregam o contentamento, o comedimento.

O contentamento não é um contraste, o oposto do desejo de aquisição, como em geral se pretende. O contentamento é coisa mais vasta, mais significativa do que o oposto do desejo de aquisição, do que o oposto da inveja — pois ser o oposto é ser como um vegetal, é ser uma entidade morta, como é a maioria das pessoas. Muitas pessoas se mostram tranqüilas, mas interiormente estão mortas; e, por cultivarem o sentimento do oposto, o oposto do que são, dizem: "Sou invejoso e não devo ser invejoso". Em contraste com a eterna luta da inveja, podeis negar tudo o que sois e dizer que não quereis adquirir nada e que ides andar de tanga. Mas esse próprio desejo de ser bom, esse próprio desejo de buscar o oposto, continua compreendido no tempo, no campo visual da inveja, no sentimento da inveja, pois quereis ainda ser algo. Não é assim o contentamento. O contentamento é algo mais criador, algo mais profundo. Não existe contentamento quando determinais que deveis estar contentes; não é dessa maneira que vem o contentamento. Ele vem quando compreendeis o que sois, — o que realmente sois e não o que "deveríeis ser".

Pensais que o contentamento vem quando alcançais tudo o que desejais. Quereis ser coletor ou o maior dos santos, e pensais que com isso tereis contentamento. Por conseguinte, pelo processo da inveja, esperais alcançar o contentamento. Quer dizer, por meio de um processo incorreto, quereis alcançar o resultado correto. Tal coisa não é contentamento. O contentamento é algo vital. É um estado de criação em que existe a compreensão daquilo que realmente *é*. Se compreendeis o que realmente *sois*, momento por momento, dia por dia, se o examinais e compreendeis, vereis que daí resulta um extraordinário sentimento de amplitude, de ilimitada compreensão. Isto é, se sou ávido, quero compreender esse estado, e *não* tornar-me "não-ávido". O próprio desejo de tornar-me não-ávido é avidez.

Nossa estrutura religiosa, nossa conduta de pensamento, nossa vida social, tudo isso se baseia num sistema aquisitivo, invejoso; e há séculos que somos educados para ser assim. Somos tão condicionados que não sabemos pensar independentemente do "melhor",

do "mais". E, porque não sabemos pensar independentemente, convertemos a inveja em virtude; não a chamamos inveja, chamamo-la por um nome diferente; mas, se penetrardes as palavras e encarardes o fato, vereis como esse extraordinário sentimento é egotista, como se concentra em torno do "eu", como limita o pensamento.

A pessoa limitada pela inveja, pelo "eu", pela aquisição de coisas ou de virtude, nunca pode ser verdadeiramente religiosa. O homem religioso não compara. Ele vê o que *é* e compreende todo o seu significado. Eis porque muito importa que vos compreendais, que compreendais o funcionamento da vossa mente, os motivos, as intenções, as ânsias, os desejos, os constantes impulsos de busca, que geram a inveja, o desejo de aquisição, o hábito de comparar. É só quando tudo isso se acaba que compreendeis realmente o que *é*; conhecereis então a religião verdadeira, sabereis então o que é Deus.

PERGUNTA: *A verdade é absoluta ou relativa?*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar esclareçamos o significado e a importância desta pergunta. Nós desejamos algo absoluto, não é assim? — algo permanente, fixo, imutável, eterno, definitivo. As aspirações humanas têm por objetivo algo permanente, incorruptível, imorredouro, para que a mente possa apegar-se a uma idéia ou a um sentimento que seja eterno. Ou a mente busca o Absoluto, que não morre nem declina, como acontece ao pensamento, ao sentimento. Ou diz: "Existe alguma coisa permanente?" Precisamos em primeiro lugar compreender tudo isso, a fim de entendermos essa pergunta e responder corretamente.

A mente, a mente humana, deseja algo permanente em todas as coisas — nas relações, no meu pai, na minha mulher, no meu marido, na minha propriedade, na virtude — algo que seja indestrutível; e dizemos, por isso, que Deus é permanente, ou que a Verdade é absoluta. Que é a Verdade? A Verdade é algo extraordinário, algo que nos excede, algo exterior, inimaginável, abstrato? Ou a Verdade é algo que podemos descobrir de momento a momento, de dia a dia? Se ela é algo que se pode acumular, entesourar, por meio de "experiências", então não é Verdade, porque o mesmo espírito de aquisição constitui o fundo desse acumular. É a Verdade alguma coisa que está fora de todos os limites e que só pode ser encontrada pela meditação profunda? Nesse caso, temos ao mesmo tempo um processo de aquisição e um processo de renúncia, de sacrifício.

A Verdade é algo que se deve compreender, que se deve descobrir em cada ação, em cada pensamento, em cada sentimento, por mais trivial, por mais transitório que seja; é algo que devemos ver e que devemos ouvir — como, por exemplo, ouvir o que diz nosso marido, nossa esposa, nosso jardineiro, nossos amigos, descobrir o que nós mesmos pensamos. Descobrir a Verdade em relação ao que pensamos — pois os nossos pensamentos podem ser falsos ou condicionados — descobrir que o nosso pensamento é condicionado, isso é verdadeiro. Esse próprio descobrimento liberta a mente de qualquer limitação. Se descubro que sou ávido — se eu mesmo o descubro, e *não* se me dizem que sou ávido — esse próprio descobrimento é a Verdade; e essa mesma Verdade exerce ação sobre a minha avidez. A Verdade não é coisa que se acumula, que se armazena, para a termos como um guia certo. Se assim fazeis, o que tendes é apenas a mesma coisa sob outra forma, uma outra espécie de posse. É muito difícil fazer que a mente deixe de adquirir, de armazenar. Ao compreenderdes isso, vereis que coisa extraordinária é a Verdade. Ela é atemporal, porque no momento em que a prendeis já não é a Verdade — como quando dizeis "tenho-a", "descobri-a", "ela é assim", "não é assim".

Deste modo, depende da mente que a Verdade seja absoluta ou eterna. Porque o Absoluto é imutável; e a mente que diz "desejo o Absoluto, o que não morre, o que não se corrompe", ela deseja algo que seja permanente e cria o permanente. Mas a mente conscientizada de tudo o que se passa interiormente, e percebe a verdade aí contida, é atemporal; só ela pode saber o que existe para além das palavras, dos nomes, do permanente e do transitório.

PERGUNTA: *Que é "percepção externa"?*

KRISHNAMURTI: Não percebeis que vos achais nesta sala? Não percebeis as árvores, o Sol? Não percebeis o crocitar do corvo, o pio das aves, os latidos do cão? Não percebeis as cores das flores, o movimento das folhas, as pessoas que passam? Isto é percepção externa. As estrelas da noite, o luar nas águas, o pôr do Sol, os pássaros, tudo isso é percepção externa. E se estais externamente cônscio, também estais internamente ciente dos vossos pensamentos, dos vossos sentimentos, "motivos", impulsos, preconceitos, desejos, de vossa ganância, vosso orgulho, etc. Não estais cônscio interiormente? O percebimento interior começa a ser despertado, a se tornar mais e mais acentuado, pela reação — reação ao que

dizem outras pessoas, reação ao que ledes. A reação oriunda de vossas relações com outras pessoas pode ser externa; mas tal reação resulta de uma perplexão interior, uma ansiedade íntima, um medo interior. A percepção externa e a percepção interna produzem a total integração da compreensão humana.

PERGUNTA: *Que é a felicidade real e eterna?*

KRISHNAMURTI: Como disse antes, quando estais ciente de uma coisa, certo de que ela é assim, que acontece? Deixai-me expressá-lo diferentemente. Quando é que vos conscientizais? Quando estais ciente de alguma coisa? Quando tendes consciência de estar doente, de sofrer cólicas? Ao gozardes perfeita saúde, estais totalmente inconsciente do vosso corpo. É só quando há doença, quando há alguma desarmonia, alguma perturbação, que vos tornais cônscio dele. Se tendes um corpo perfeitamente são, estais consciente dele? É só quando sentis alguma dor, que vos conscientizais de que tendes um corpo. Se estais realmente livre para pensar com plenitude, não há nenhuma percepção consciente do pensar. É só quando se apresenta algum conflito, algum estorvo, algum limite, que começais a sentir, a tornar-vos consciente. A felicidade é algo de que podemos estar cônscios? Quando gozais boa saúde, tendes consciência disso? Ao sentirdes alegria, estais cônscio de estar alegre? É só quando sois infeliz, que desejais a felicidade. Por esta razão, surge a pergunta "Que é felicidade eterna e permanente?"

Vede os estratagemas da mente! Porque vos sentis infeliz, em condições lastimáveis, porque vos achais em circunstâncias precárias, etc. desejais algo que seja eterno, uma felicidade permanente. Existe essa coisa? Em vez de perguntar se existe felicidade permanente, deveis descobrir como livrar-vos dos males que vos estão corroendo, como livrar-vos da dor, tanto física como interior. Quando sois livre, não existe nenhum problema concernente à felicidade eterna, se ela existe ou o que ela é. É o mesmo que um homem que está numa prisão. Ele deseja saber o que é a liberdade; pessoas indolentes e insensatas lhe explicam o que é a liberdade; isso, para o homem que está na prisão, é mera especulação. Se ele soubesse a maneira de sair da prisão, não perguntaria o que é liberdade; ela estaria diante dele.

De modo idêntico, não importa averiguar por que razão nós somos infelizes, e onde se acha a felicidade? Porque estão tão inertes as nossas mentes? Porque são tão limitados os nossos pensa-

mentos, tão insignificantes, tão mesquinhos? Se puderdes compreender isso, se puderdes ver a verdade a esse respeito, haverá então libertação; essa libertação é o descobrimento do pensamento limitado; esse descobrimento é a verdade, e essa verdade é que liberta.

PERGUNTA: *Porque é que os homens precisam de coisas?*

KRISHNAMURTI: Não precisais de comida, quando tendes fome? Não precisais de roupas, não precisais de uma casa para morar? Estas são necessidades normais, não é? Todas as pessoas sãs têm, naturalmente, necessidades. Só um homem doente diz "não quero comer". Só o ente pervertido dirá que quer ter muitas casas ou que não quer ter casa nenhuma para morar.

Vosso corpo tem fome, porque estais constantemente consumindo energia; por isso, ele precisa de alimento, e isto é normal. Mas se dizeis "quero o mais delicioso manjar; só quero a comida de que gosto, a que me delicia o paladar", aí já há perversão. Todos nós — não só os ricos, mas todo o mundo — necessitamos de alimento, de morada e de vestuário; mas se as casas, os alimentos e as roupas são limitadas, controladas e divididas entre poucos, nisso já há perversão, e está em ação um processo desnatural. No nível físico, precisamos de alimento, de vestuário e de morada, não apenas nós, senão também o aldeão; porém, se dizeis "eu quero acumular, eu quero ter tudo", nesse caso estais privando a outros do essencial para atender as suas necessidades de cada dia. Posso não desejar muitas roupas; posso satisfazer-me com um quarto pequeno para morar, embora vós possais desejar morar numa casa e não num quarto pequeno; mas eu desejo algo mais: quero ser uma pessoa célebre, quero ter uma enorme fortuna, quero estar muito próximo de Deus, quero que meus amigos me tenham em boa conta, quero ser famoso, quero ser poeta, quero dinheiro, quero muitas coisas além das minhas necessidades físicas. As necessidades interiores impedem o interesse exterior pelos outros entes humanos. Isso é um pouco difícil, porque o sentimento interior de que "sou o homem mais rico", "sou o homem mais poderoso", "quero ser alguém", etc. se torna dependente de coisas, — comida, roupas, casas; desejo essas coisas para me tornar interiormente rico; por conseguinte, enquanto me acho nesse estado não me é possível ser interiormente rico, ser intimamente simples.

25 de dezembro de 1952.

XV

Talvez alguns dentre vós tenham ficado interessados no que estive dizendo a respeito da inveja. Não digo "vos lembrais", porquanto, como tenho explicado, a lembrança, o evocar palavras e frases, só torna a mente embotada, letárgica, pesada, morosa, e muito pouco criadora. É uma coisa altamente destrutiva vivermos meramente a lembrar-nos de coisas. Mas o importante, quando somos jovens, e apesar da moderna educação, é que compreendamos, e não que cultivemos a memória; porque a compreensão liberta, a compreensão desenvolve a faculdade crítica de análise. Percebeis o fato e em seguida, talvez, o racionalizais. Mas o mero evocar de certas frases e sentenças, de certas idéias, vos impede de encarar os fatos, como por exemplo, o fato do ciúme, o fato da inveja. Se compreenderdes a inveja, que se oculta atrás de boas obras, atrás da filantropia, atrás da religião, atrás do vosso desejo de ser grande, de ser piedoso, se realmente compreendeis esse fato, vereis nascer uma liberdade extraordinária, que põe termo ao ciúme e à inveja.

Como ia dizendo, é importante, é sumamente relevante, compreender, porque a lembrança é uma coisa morta; e essa talvez seja uma das causas principais da nossa degenerescência, principalmente neste país, onde estamos acostumados a imitar, copiar, seguir, criar ideais, heróis — de modo que, gradualmente, a imagem, o símbolo, a palavra permanece, a frase permanece, sem nada significarem. Isso se verifica principalmente na educação moderna, a qual só vos prepara para fazer certos exames, isto é, só vos ensina a "memorizar". Isto não é ação criadora, não é compreensão, visto que só consiste em fazer-vos lembrar coisas lidas em livros, coisas ensinadas; e, assim, pouco a pouco, através da vida, a memória é cultivada e a verdadeira compreensão destruída. "Escutai" bem isso, porque importa compreendê-lo. A compreensão é criadora; a memória, a lembrança não o é. A compreensão é o fator que liberta, e *não* a lembrança de coisas que foram armazenadas na memória.

A compreensão não é algo que está distante. *O cultivo da memória produz em vós a idéia do futuro*; mas, quando compreendeis diretamente, quando percebeis qualquer coisa com toda a clareza, não existe problema algum; o problema só existe se não enxergamos claramente.

Como dizia, o que importa na vida não é o que sabeis, o que acumulastes, não é a soma de conhecimentos ou de experiência que possuís. *O que é realmente importante é compreender, ver as coisas tais como são, e vê-las diretamente, porque a compreensão é direta.* Eis porque a experiência e o saber se tornam fatores de degeneração em nossa vida. Para a maioria, a experiência é importantíssima; em regra, consideramos o saber muito significativo; mas, se penetrardes as palavras e perceberdes a significação do saber, a significação da experiência, vereis que essas coisas constituem um dos principais fatores de degenerescência. Não quer isso dizer que não convém, em certos níveis da vida, saber cultivar uma árvore, saber a alimentação adequada, como criar galinhas, construir uma ponte. Há uma enorme soma de saber científico grandemente valioso; por exemplo, é muito útil sabermos acionar um dínamo ou um motor; mas, quando o saber fica restringido à memória, ele é então destrutivo; e vereis que a experiência também se torna uma coisa altamente destrutiva, porque a experiência gera lembrança.

Não sei se já notastes como certos adultos só sabem pensar "burocraticamente", como funcionários. Se são professores, sua única função é serem professores e não entes humanos em que palpita a vida; conhecem determinados preceitos gramaticais, matemáticos, ou de História; e, por causa de sua memória, de sua experiência, estão sendo destruídos pelo seu saber. A vida não é uma coisa que se aprende de outra pessoa. Ela é uma coisa que perscrutamos, que compreendemos momento por momento, sem acumular experiência. Porque, afinal de contas, que possuís quando tendes experiência, quando dizeis "adquiri uma enorme soma de experiência", quando dizeis "conheço o significado destas palavras"? Só lembrança, não é verdade? Adquiristes certa experiência sobre como dirigir um escritório, construir um edifício ou uma ponte; e à experiência adquirida juntais sempre mais experiência. Por conseguinte, cultivais a experiência, e a experiência é memória; e com essa memória enfrentais a vida.

A vida é como o rio — fluente, célere, fugitiva, sempre em movimento. Ides ao encontro da vida com o pesado fardo da memória, da experiência; e por isso, naturalmente, nunca tendes con-

tato com a vida. Vosso contato é apenas com a própria experiência e só serve para reforçar o vosso saber; e, gradualmente, o saber e a experiência se tornam fatores destrutivos da vida.

Espero compreendais isto a fundo, porque o que estou dizendo é verdadeiro; e, se o compreenderdes, fareis uso do saber no seu nível próprio. Mas, quando meramente acumulais saber e experiência como meios de compreender a vida, como meios de consolidar a vossa posição no mundo, tornam-se eles altamente destrutivos, anulando-vos a iniciativa, a capacidade de criar. Neste mundo, e sobretudo neste país, geralmente estamos tão subjugados pela autoridade, pelo que outras pessoas dizem, ou pelo *Bhagavat Gita,* ou pelos ideais, que as nossas vidas se tornaram extremamente monótonas. Mas essas coisas todas são só memórias, lembranças; não são apreendidas pela nossa compreensão, não são coisas vivas. Nunca encontraremos algo novo se temos essa carga de lembranças, e como a vida é eternamente nova, é-nos impossível compreendê-la; por isso, a vida se nos afigura uma coisa opressiva; tornamo-nos, mental e fisicamente, obesos e feios. É de grande importância compreender isso.

A simplicidade é a liberdade da mente, — do jugo da experiência, da lembrança, da memória. Pensamos que simplicidade é ter poucas roupas, uma vasilha para esmolar; supomos que vida simples é possuir pouco externamente. Isso pode estar certo, mas a verdadeira simplicidade consiste em estarmos desembaraçados do saber, da lembrança desse saber, ou da acumulação de experiência. Já não observastes as pessoas que, por pouco possuírem, se dizem simples? Ainda que só tenham uma tanga e um cajado, elas estão cheias de ideais. Já as ouvistes falar? Vivem lutando e batalhando com suas próprias "projeções", suas próprias crenças. Elas crêem; têm muitos credos. Interiormente, são complexas, e não simples. Estão cheias de livros, cheias de ideais, de dogmas, de temores. Entretanto, exteriormente só possuem um cajado e pouca roupa. *A simplicidade da vida real é estar interiormente vazio, é ser interiormente livre, sem acumulação de saber, sem crenças, sem dogmas e sem o medo à autoridade*; e isso só pode acontecer quando compreendemos realmente cada experiência. Se compreendestes uma experiência, essa experiência está acabada; visto que a não compreendemos, que recordamos o seu prazer ou a sua dor, nunca somos interiormente simples. Assim, aqueles que se dizem religiosos, cultivam as coisas que constituem a simplicidade exterior; mas, interiormente, são caóticos, confusos, estão pejados de anseios e desejos, pejados de saber; têm medo de viver e de "experimentar".

Se prestardes atenção a tudo isso, vereis que a inveja é uma forma de lembrança profundamente arraigada, que é um fator altamente destrutivo, um poderoso agente de decomposição; assim também a experiência. O indivíduo cheio de experiência não é sábio. Escutai bem! Quem tem experiência, e se mantém preso a essa experiência, não é sábio; é como um colegial que lê, acumula conhecimentos colhidos nos livros; não é sábio esse homem. Sábio é o homem livre, interiormente livre da experiência; este sim, é um ente simples, ainda que possua todos os bens da terra, ou que tenha pouco de seu.

PERGUNTA: *A inteligência forma o caráter?*

KRISHNAMURTI: Que entendeis por "caráter"? Tende a bondade de escutar atentamente o que se está dizendo — tanto a pergunta como a resposta.

Que se entende por "caráter?". Que se entende por "inteligência?" Vejamos o que se entende por estas duas palavras. Usamos estas palavras com muita liberalidade. Qualquer político que vem de Nova Deli, ou o vosso bombeiro as empregam: caráter, ideal, inteligência, religião, Deus. São palavras que ouvimos com extática atenção, pois nos parecem importantes. *Nós vivemos de palavras*; e quanto mais requintadas, quanto mais seletas as palavras que empregamos, tanto mais satisfeitos nos sentimos. Averiguemos o que entendemos por "inteligência" e o que entendemos por "caráter". Não digais que não vos estou respondendo de maneira precisa. Isto é um dos artifícios da mente e significa que vós, em definitivo, não estais compreendendo e só quereis correr atrás de palavras.

Que é inteligência? O homem assustado e ansioso; o invejoso e ávido, cuja mente está copiando, imitando, cheia do saber e da experiência de outros; cuja mente é limitada, controlada, moldada pela sociedade, pelo ambiente — esse homem é inteligente? Vós o chamais inteligente, mas não o é, não concordais? Pode esse homem, que tem medo, que não é inteligente, ter caráter? — sendo "caráter" algo que é original e não o mero repetir de prescrições tradicionais. Caráter é respeitabilidade? Compreendeis o que significa respeitabilidade? Ser respeitado pela maioria, ser respeitado pelas pessoas que vos cercam. Que respeitam as pessoas de família, que respeitam a generalidade das pessoas? Respeitam as coisas que elas mesmas "projetam", que elas mesmas desejam, que elas mesmas vêem em contraste. Isto é, sois respeitado porque sois rico,

poderoso, importante; porque sois um político afamado; porque escrevestes livros. Podeis dizer as maiores sandices mas, depois de falardes, todos declaram que sois um grande homem. Quando conheceis mais pessoas, quando conquistais o respeito da multidão, o serdes seguido por essa multidão vos proporciona um sentimento de respeitabilidade, que é "sentir-se em segurança". O pecador está mais próximo de Deus do que o homem respeitável, porque o homem respeitável está fechado pela hipocrisia.

O caráter é produto da imitação, produto do que os outros dizem ou não dizem? O caráter é mero resultado do fortalecer de nossas tendências, oriundas de preconceitos, do seguir a tradição da Europa, da Índia, ou da América? É isso o que geralmente se chama caráter — ser "homem forte", um homem respeitado. Mas quando estais imitando, quando tendes medo, há inteligência, há caráter? Quando estais imitando, seguindo, venerando, quando tendes ideais e os seguis, por esse caminho se alcança a respeitabilidade, mas não a compreensão. O homem de ideais é um homem respeitável; mas ele nunca estará perto de Deus, nunca saberá o que é amar. Os ideais são meios de encobrir o seu temor, suas imitações, sua solidão.

Assim, se não vos compreendeis a vós mesmo — como pensais, se estais copiando, se estais imitando, se estais com medo, se sois invejoso, se ambicionais o poder — se não compreendeis tudo isso, que está operando dentro em vós, que é a vossa mente, não pode haver inteligência; e é a inteligência que cria o caráter, e *não* o culto dos heróis, nem o ideal, nem a imagem. A compreensão do "eu", desse "eu" extraordinariamente complicado, é o começo da inteligência, que cria o caráter.

PERGUNTA: *Porque é que o homem se sente perturbado quando alguém o mira atentamente?*

KRISHNAMURTI: Sentis-vos perturbado se alguém vos olha? Sentis-vos nervoso quando alguém que considerais inferior — um criado, um aldeão — olha para vós? Nem notais que ele vos está olhando, passais por ele sem notá-lo, não lhe dais nenhuma atenção. Porém, quando o vosso pai, vossa mãe, vossa filha, fita os olhos em vós, isso vos intranqüiliza; porque achais que sabem mais do que vós, que podem descobrir algo a vosso respeito, ficais inquieto.

Se, subindo um pouco mais, um alto funcionário do governo, um sacerdote, uma pessoa importante vos olha, isso vos é grato — porque esperais obter algo de tal pessoa, um emprego ou alguma recompensa. Mas, se um homem que nada quer de vós — nem lisonja, nem insultos, que vos é inteiramente indiferente, vos olha, procurais saber o motivo por que ele o faz. Não deveis ficar nervoso, mas verificar o que se opera em vossa mente quando uma tal pessoa vos olha, porque os olhares têm muita significação, um sorriso sempre expressa alguma coisa.

Mas em geral, infelizmente, nunca percebeis essas coisas. Nunca dais atenção ao mendigo, nem reparais no aldeão que passa com seu fardo, ou no papagaio que voa. Andais tão ocupado com vossos próprios ressentimentos, anseios, temores, rituais, que não notais as coisas da vida; e, por isso, se alguém vos mira, ficais apreensivo.

PERGUNTA: *Não se pode cultivar a compreensão? A compreensão é experiência? Quando procuramos compreender constantemente, não significa isso que desejamos experimentar a compreensão?*

KRISHNAMURTI: A compreensão é cultivável? Podemos exercitar-nos na compreensão? Vós vos exercitais no tênis, ao piano, no canto ou na dança; ou ledes e releides um livro até o saberdes de cor. Pois bem, será a compreensão a mesma coisa, algo que requer exercício, isto é, repetição — que significa, realmente, cultivar lembranças? Se sou capaz de lembrar-me constantemente, a todas as horas, isso é compreensão? A compreensão não é algo que ocorre momento por momento, algo que não se pode praticar?

Quando é que compreendeis? Qual é o estado da vossa mente, do vosso coração, se há compreensão? Ao dizer-vos que a experiência e a lembrança da experiência são coisas destrutivas, deletérias, qual é o estado da vossa mente ao ouvi-lo? Ouvindo-me dizer que o ciúme é destrutivo, que a inveja é um dos principais fatores que destroem as relações, como reagis? Que acontece convosco? Dizeis! "Isto é perfeitamente verdadeiro, compreendendo-o?" Ou dizeis "Que aconteceria se eu fosse ciumento?" — o que significa racionalização. Quando ouvis a verdade acerca do ciúme, vós o percebeis prontamente, ou vos pondes a pensar no que foi dito, a conversar e a discutir a seu respeito, a analisá-lo, para ver o que afinal significa e depois ver se podeis ficar livre do ciúme? A com-

preensão é um lento processo de racionalização, de análise? Quando ouvis a verdade sobre alguma coisa — como, por exemplo: "A inveja é destrutiva" — compreendeis imediatamente que assim é de fato? Estais entendendo?

Pode-se cultivar a compreensão como se cultiva um pomar ou jardim, para produzir frutos ou flores? Pode-se cultivar a compreensão, que significa, realmente, ver uma coisa sem nenhuma barreira de palavras, ou preconceitos, ou motivos, isto é, ver a coisa diretamente?

PERGUNTA: *O poder de compreensão é igual em todas as pessoas?*

KRISHNAMURTI: Vós percebeis com rapidez, compreendeis imediatamente, porque a coisa vos é apresentada e não tendes barreiras. Eu tenho muitas barreiras, muitos preconceitos; sou ciumento; meus conflitos baseiam-se na inveja, na minha própria importância; por isso, percebeis incontinenti. Estais vivamente interessado em descobrir; mas eu realizei muitas coisas na vida, e não quero ver. Vós não tendes barreiras, e vedes imediatamente; eu tenho barreiras inumeráveis e por isso não vejo. Conseqüentemente, eu não compreendo e vós compreendeis.

PERGUNTA: *Posso suprimir as barreiras devagar, questionando constantemente.*

KRISHNAMURTI: Isso não é possível. Eu posso suprimir as barreiras pura e simplesmente, e não pelo esforço para compreender.

Ouvis alguém dizer que a inveja é destrutiva. Ouvis e compreendeis o significado e a verdade desse asserto; dizeis "é verdade" — e ficais livre do sentimento de inveja e ciúme.

Eu não quero ver tal coisa, porque se percebo a verdade que encerra, ela destruirá toda a estrutura da minha vida. Que devo fazer? Suprimir a estrutura ou a barreira? Só posso suprimir a barreira ao perceber realmente a importância de não ter barreira — o que significa que tenho de perceber as barreiras.

PERGUNTA: *Percebo a necessidade.*

KRISHNAMURTI: Quando a percebeis? Suprimis as barreiras em virtude de circunstâncias ou porque alguém vos manda suprimi-las?

Ou as suprimireis quando vós mesmo perceberdes interiormente que o ter barreiras produz uma mente em que se processa uma lenta decomposição; isto é, quando vós mesmo percebeis a importância de suprimir as barreiras? E quando a percebeis? Quando sofreis? Mas o sofrimento não vos desperta necessariamente para suprimir tais obstáculos; pelo contrário, o sofrimento vos ajuda a criá-los. Suprimis as barreiras quando começais vós mesmo a "escutar", a descobrir. *Não existe nenhuma razão para suprimi-las, nenhuma razão, exterior ou interior; no momento em que entrais com uma razão, não estais suprimindo as barreiras.* Este é o extraordinário milagre, a suprema bênção: dar àquele *quê* interior uma oportunidade de destruir a barreira. Mas, quando nós desejamos destruí-la, quando nos exercitamos para fazê-lo, quando dizemos que ela tem de ser extinta, tudo isso é obra da mente; e a mente não pode suprimir a barreira. Nem ritos, nem compulsões, nem temores, podem eliminá-la. Mas, quando percebeis que coisa nenhuma poderá suprimi-la, que nenhuma tentativa de vossa parte a suprimirá, então a mente se torna serena, tranqüila; e nesta tranqüilidade encontrais o que é verdadeiro.

26 de dezembro de 1952.

XVI

Deveis estar lembrados de havermos tratado dos fatores de decomposição que prevalecem na existência humana. Dissemos que o medo é uma das causas fundamentais dessa decomposição. E também que o seguir uma autoridade, quer imposta por nós mesmos, quer exteriormente estabelecida, destrói o incentivo e a capacidade de criar. Declaramos que o imitar, o copiar, o seguir, sob qualquer forma, é um fator destrutivo do descobrimento criador daquilo que é verdadeiro. Acentuamos que a Verdade não é uma coisa que pode ser seguida; a Verdade tem de ser descoberta; não pode ser achada num livro, nem na experiência acumulada de qualquer espécie. A experiência, como já observamos, se torna, ela própria, lembrança, e a lembrança representa a destruição da compreensão criadora. A inveja, a malícia, sob qualquer forma e por mais insignificante que seja — que na realidade é pensamento comparativo — é também um elemento destruidor dessa vida criadora, sem a qual não existe felicidade. A felicidade não é uma coisa adquirível; não é uma coisa que aparece quando a buscais; ela existe onde não existe conflito. Não é de grande importância que não somente ouçais estas palestras e discussões matutinas, mas que também descubrais por vós mesmos, não só enquanto jovens, mas no processo de vosso desenvolvimento, todas as complicações da maturidade?

Mas, antes disso, não devemos, enquanto estamos na escola, procurar descobrir a significação das palavras? Em regra, o símbolo se torna um elemento extraordinariamente destruidor, e disso estamos despercebidos. Sabeis o que entendo por "símbolo"? A sombra de uma Verdade. A sombra é o símbolo da Verdade. O disco de gramofone não é a voz real; a voz, o som foi gravado no disco — e o que ouvis é um eco, não é a voz real. A imagem é o símbolo, a idéia daquilo que é "o original". A palavra, o símbolo, o seguir palavras, o atribuir valor a palavras — tudo isso é

altamente destrutivo; porque então a palavra, o símbolo, a imagem, se tornam sobremodo importantes. É assim que os templos, os *stupas*, as igrejas se tornam organizações tão importantes, e os símbolos, idéias, dogmas, se transformam em fatores que impedem a mente de ir mais longe, para descobrir o que é a Verdade. Por conseguinte, não vos deixeis enredar em palavras e símbolos, que geram automaticamente o hábito. O hábito tem efeito destrutivo se desejamos pensar criadoramente. O hábito é empecilho. Talvez não estejais compreendendo bem a significação do que estou dizendo; mas o compreendereis, se pensardes a seu respeito. Dai um passeio ocasionalmente, para pensar nestas coisas. Averiguai o que significam palavras como "vida" e "Deus", bem como o que expressam outras palavras extraordinárias, tais como "dever" e "cooperação", de que fazemos tão largo consumo.

Que significa "dever"? Dever para com quê? Para com os velhos, para com a tradição, dever de vos sacrificardes por vossos pais, vossa pátria, vossos deuses? Esta palavra "dever" assume uma significação extraordinária para a maioria de nós. Ela está prenhe de significação, e com tal significação nos é imposta. O que é mais importante do que o dever para com o que quer que seja — pátria, deuses, vosso próximo — o que é bem mais importante do que a palavra, é que descubrais pessoalmente o que é a Verdade — não o que desejais, não o que gostaríeis, não o que vos dá prazer, não o que vos causa dor. Mas para descobrir o que é a Verdade, a palavra "dever" tem pouca significação, porque vossos pais e a sociedade se servem dela como um meio para vos moldar, vos ajeitar às suas respectivas idiossincrasias, seu hábitos de pensamento, seus gostos, sua segurança. Por conseguinte, investigai por vós mesmos, arranjai tempo para isso, sede pacientes, analisai, examinai; não aceiteis a palavra "dever", porque *onde há dever não há amor.*

Procedei de modo idêntico com a palavra "cooperação". O Estado quer a vossa cooperação. A cooperação com alguma coisa não é aquilo que é verdadeiro. Cooperar é mera imitação. Se compreendeis, se descobris o que é a Verdade em relação a qualquer coisa, viveis então com ela; ela vos acompanha, é parte de vós mesmos. É importante, é necessário compreender com clareza todas as palavras, símbolos, imagens que vos tolhem o pensar. Compreendê-las e procurar transcendê-las é uma coisa essencial, se quereis viver criadoramente, sem desintegração. Empregamos a palavra "dever", para nossa própria destruição. O dever — "dever", para com a pátria, para com os pais, para com a sociedade — vos sa-

crifica. Ele vos faz partir, para lutar, matar, ser mutilados — porque o político, o líder nacional diz que é vosso dever proteger a pátria, que é vosso dever para com *vossa* comunidade destruir outras comunidades. Assim, o homicídio, a bem da pátria, se torna uma parte dos vossos deveres; e sois gradualmente atraídos para o militarismo, que vos torna dóceis e, fisicamente, disciplinados; mas, interiormente, a vossa mente se destrói, porque estais imitando, seguindo, copiando; e, desse modo, a pouco e pouco, vos tornais um instrumento nas mãos dos mais velhos, dos políticos, da propaganda. Aprendeis gradualmente a matar, e aceitais como coisa necessária o assassínio pela pátria, porque alguém diz que é. Não importa quem vos diga isso; pensai no assunto por vós mesmos, profundamente e com muita clareza..

Matar é obviamente a ação mais deletéria e mais corrupta da vida — principalmente matar o semelhante. Porque quando matais estais cheios de ódio e criando antagonismos nos outros. Pode-se matar com uma palavra, com uma ação; o matar outro ente humano não resolve nenhum dos problemas atinentes às nossas relações econômicas, sociais e humanas. Todavia, o mundo inteiro se prepara incessantemente para a guerra, porque há muitas razões para se matar gente. Mas não vos deixeis empolgar por razões; porque vós podeis ter uma razão, e eu posso ter outra razão, e vossa razão ser mais forte do que a minha. Mas não há necessidade de razão nenhuma. Tratai, antes de tudo, de alcançar e sentir a verdade de quanto é necessário não matar. Não importa a opinião de pessoa alguma — da mais alta à mais insignificante autoridade. Tratai de descobrir a verdade a este respeito, numa base geral; e depois de a perceberdes, bem clara, intimamente, podeis passar às particularidades, investigá-las com a razão. Mas não comeceis pela razão; porque a toda razão pode opor-se outra razão, para cada razão sempre pode haver uma razão contrária — e acabais metidos num cipoal de razões. É necessário saberdes vós mesmos o que é a Verdade; depois, podeis começar a servir-vos da razão. Quando individualmente souberdes o que é verdadeiro; quando souberdes que não é amor matar o vosso semelhante; quando sentirdes, interiormente, a Verdade de que "não deve haver inimizade entre os "homens"; quando sentirdes *realmente* esta Verdade — então, nem todas as razões do mundo poderão destruí-la. Então, nenhum político, nenhum sacerdote, nenhum pai, vos pode sacrificar, no interesse de uma idéia ou de sua própria segurança.

Os velhos sempre sacrificam os moços; e vós, a vosso turno, quando ficardes adultos, sacrificareis os jovens. Mas deveis evitar

que isso aconteça, porque tal maneira de viver é sumamente destrutiva e é um dos principais fatores da corrupção humana. A fim de evitar esta degeneração, a fim de sustá-la para sempre, deveis descobrir a Verdade por vós mesmos. Vós, *como indivíduos,* e não como membros de algum grupo ou organização, deveis investigar a Verdade do "não matar", encontrar o sentimento do amor, o sentimento de que não deve haver inimizade entre os homens. E então, nem todas as palavras, nem todas as razões do mundo terão força para persuadir-vos. É importante, por conseguinte, que, enquanto jovens, e principalmente numa escola como esta, penseis profundamente nestas coisas, as sintais plenamente, para estabelecerdes as bases do descobrimento da Verdade.

Nós vamos criar algo nesta escola, que ainda não é o que deveria ser; vós e eu, estudantes e mestres, vamos, todos juntos, criar algo, aqui, edificar esta coisa: uma escola onde não se transmitem só meros conhecimentos, mas também onde se ensina a descobrir o que é a Verdade. Assim, enquanto fordes crescendo, e em toda a duração da vossa vida, sabereis sempre descobrir o que é Real, sem necessitardes de nenhuma autoridade, sem necessitardes de seguir ninguém. Se assim não for, vos tornareis outros tantos fatores de destruição e degenerescência, e a corrupção será maior do que nunca. Atentai bem para estas coisas. Se for criada agora a base adequada, então, ao vos tornardes adultos, sabereis agir.

PERGUNTA: *Qual é a finalidade da criação?*

KRISHNAMURTI: Estais verdadeiramente interessado nisso? Que entendeis por "criação"? Qual é a finalidade do viver? Que se entende por "viver"? Qual a finalidade da vossa existência, do lerdes, estudardes, fazerdes exames? A que visam as relações de pais, esposas, filhos? Que é a Vida? É isso o que tendes em mente?

"Qual é a finalidade da criação?" Quando é que fazemos tal pergunta? — Quando não vemos com clareza, quando estamos confusos, na escuridão, quando estamos cegos, quando não a sabemos por nós mesmos, perguntamos a outro: "Qual é a finalidade da Vida?".

Muitas pessoas responderão com repetir o que consta nos livros sagrados. Haverá sempre gente bem sutil para inventar "finalidades da vida". O grupo político terá uma finalidade; o grupo religioso terá outra, e assim por diante. Nessas condições, qual é a finalidade da vida? Confuso que estou, faço-vos esta pergunta por-

que espero seja possível encontrar, no meio desta confusão, uma resposta. Ora, como posso, em tais circunstâncias, achar uma resposta verdadeira? Compreendeis? Se estou confuso, só posso ter uma resposta confusa. Se minha mente está perturbada, se minha mente não é bela, não é serena, — qualquer resposta que eu receber virá através desta cortina de confusão, de ansiedade, e de temor. Terei pois uma resposta enganosa. O importante, por conseguinte, não é que se pergunte qual é a finalidade da existência, mas sim, que se dissipe a confusão que está em nós. É como se um cego perguntasse: "Que é a luz?" Se eu lhe disser o que é a luz, ele o entenderá de acordo com a sua cegueira, com a sua escuridão. Mas, se ele recuperar a vista, nunca mais perguntará o que é a luz. Ela lhe estará presente.

De modo idêntico, se puderdes aclarar a confusão existente em vós, descobrireis então qual é a finalidade da vida; não precisareis mais perguntar por ela, não precisareis mais procurá-la. O que tendes de fazer é apenas livrar-vos das coisas que causam a confusão. As causas da confusão são evidentes. Elas se acham no "eu", no seu constante desejo de expansão, movido pela inveja, pelo ódio, pelo ciúme, pela imitação. Seus sintomas (da confusão) são: ciúme, inveja, avidez, medo, tendência para a imitação, etc. Estais sempre em busca de respostas exteriores; mas é só quando tiver sido dissipada aquela confusão que conhecereis o significado da existência.

PERGUNTA: *Que é Karma?*

KRISHNAMURTI: Estais todos interessados nisto? Porque fazeis esta pergunta? Esta é uma das palavras peculiares que costumamos empregar, uma das palavras em que se emaranhou o nosso pensar. O pobre diz "meu *Karma*"! Tem de aceitar a vida como uma teoria; aceitar o sofrimento, a miséria, a sordidez. Tem de aceitar tudo isso, porque não tem energia, porque mal tem o que comer, e por isso é incapaz de libertar-se dessa condição e operar uma revolução. Tem de aceitar o que a vida lhe dá; por isso diz "Isto é meu *karma*"; e os políticos e os graúdos o estimulam a aceitar essa vida, com sua miséria, seu sofrimento, sua sordícia e, no fim, a morte pela fome. Vós não quereis revoltar-vos contra tudo isso, não é verdade? Quando pagais tão pouco ao pobre, vós que tendes tanto, que acontecerá? Por isso, gradualmente, se inventou a palavra *karma* — a aceitação passiva das misérias da vida. O homem que está no alto, que realizou suas ambições, que herdou uma fortuna, que foi bem

educado, que atingiu a culminância das coisas, também diz: "Isto é meu *karma*; procedi bem na vida passada e estou gozando a recompensa das minhas ações passadas"; ele quer galgar as culminâncias, ter muitas casas, ser poderoso, ter posição, e todos os meios de corrupção... Isto é karma? — aceitar as coisas como são? Compreendeis? É *karma* ter, como muitos dos vossos mestres e como vós mesmos, o espírito de aceitação das coisas como são, sem uma centelha de revolta? — estar disposto a aceitar, a obedecer? Estais vendo como é fácil — porque não temos energia — as palavras se tornarem redes em que ficamos emaranhados?

Mas a palavra *karma* tem um significado mais importante, que não deve ser compreendido como teoria, e que não pode ser alcançado se dizeis: "é o que diz o *Bhagavat Gita*". A mente comparativa é a mais estúpida que pode existir, porque não pensa nunca; só sabe dizer "Lì tal livro, isto se parece com o que está dito lá". Quando tendes uma mente comparativa, isto significa que sustastes o pensar, que sustastes a investigação do Verdadeiro, independentemente do que mencionam os livros ou do que foi dito por qualquer *guru*. Quando comparais, isto não significa que vossa mente renunciou ao pensar, ao descobrimento do que é Verdadeiro? Quando ledes Shakespeare ou Buda, ou quando ouvis o vosso *guru*, suponhamos que vos ponhais a comparar; que acontece à vossa mente? Ela não investigou, não descobriu; não quer lançar fora as suas autoridades para investigar. O importante, pois, é o investigar e não o comparar. A comparação, como já salientei, é estar com a autoridade, é imitação, é renunciar ao pensamento. Tal é justamente a natureza da nossa mente — não quer estar desperta para descobrir o que é Verdadeiro. Dizeis: "Foi isso que Buda disse, isto é assim" — e pensais que dessarte resolvestes os vossos problemas. Mas, para descobrirdes a verdade a respeito de qualquer coisa, deveis estar extremamente ativo, ser enérgico e autoconfiante. Porém, não podeis ter confiança em vós mesmo, se pensais fazendo confrontos. Prestai atenção a tudo isso. Se não tendes autoconfiança, não vos é possível investigar o Verdadeiro. A confiança em nós próprios traz uma certa liberdade, que nos habilita a descobrir. E a liberdade nos é negada quando estamos comparando.

O problema do *karma*, pois, é muito complexo e não convém apreciá-lo agora. Aqui, talvez, não seja o lugar adequado para o examinarmos, porquanto não nos ocupamos com os problemas dos velhos, com suas mentes sobremodo complexas. O que devemos apreciar são os problemas dos jovens nas suas relações com os mestres, com a sociedade.

PERGUNTA: *Existe um elemento de temor no respeito?*

KRISHNAMURTI: Que dizeis quando mostrais respeito ao vosso mestre, aos vossos pais, vossos *gurus*, e desrespeitais os vossos criados? Tratamos a ponta-pés os humildes e lambemos as botas dos poderosos, dos que têm altos cargos, dos políticos, dos graúdos. Não há nisso algum elemento de temor? Dos graúdos nós esperamos alguma coisa; do mestre, do examinador, do lente, de nossos pais, do político, do gerente do banco — desses nós queremos algo. E que podem dar-nos os pobres? — Por isso, nós os desprezamos, tratamo-los com desdém, não os percebemos quando passam... Nem sequer os olhamos, não sabemos que estão tiritando de frio, que estão sujos e famintos. Mas aos importantes, aos graúdos da terra, sois capazes de dar o pouco que tendes para fazerdes jus aos seus favores. Aí, indubitavelmente, há um certo medo, e não existe nenhuma parcela de amor. Se tivéssemos amor, daríamos provas dele aos que nada têm, bem como aos que tudo têm. Não temeríamos estes, nem desprezaríamos aqueles. Sob tal aspecto, pois, o respeito é produto do temor. O Amor não provém do medo; no amor não há medo.

28 de dezembro de 1952.

XVII

Temos salientado os vários fatores que ocasionam a degenerescência humana em nossa existência, em nossas vidas, em nossas atividades, em nossos pensamentos. E o conflito é um dos mais importantes desses fatores. Também a paz, como em geral é compreendida, não é um fator destrutivo? Pode a paz nascer da mente? Se temos a paz produzida pela mente, não nos levará ela também à corrupção, à degenerescênca? Se não nos conservarmos vigilantes, estreitaremos a janela desta palavra — pela qual podemos olhar e compreender o mundo, — dando à palavra "paz" um significado tão estreito, que só veremos uma parte do céu, em vez do céu todo. Só quando podemos ver toda a vastidão, a imensidão, a magnificência do céu, há a possibilidade de paz, — e não quando meramente andamos no encalço da paz, o que, necessariamente, representa atividade do pensamento, do espírito. Talvez seja um pouco difícil compreenderdes isso. Tentarei expô-lo o mais simples e claramente possível.

Penso que, se pudermos compreender o que significa "estar em paz", o que significa a paz, haverá a possibilidade de se compreender o verdadeiro significado do amor. Supomos que a paz é algo que se obtém com a mente, com a razão; mas pode a paz resultar de algum processo de quietação, de controle, de domínio do pensamento? Todos desejamos a paz. Para a maioria de nós, "paz" significa estar livre de importunação, de intromissões, cercar a nossa mente com uma muralha de idéias. Esta questão é de grande importância em nossas vidas; porque, ao vos tornardes mais velhos, tereis de encarar estes problemas concernentes à guerra e à paz. Será a paz algo que a mente deva perseguir, pegar, e domesticar? A paz, como em regra a entendemos, é um lento declínio; onde quer que estejamos, aparece a estagnação; pensamos, que se nos apegamos a uma idéia, se levantamos muralhas de segurança, de proteção, de hábitos, de crenças; se cultivamos um princípio, uma determinada

tendência, uma determinada fantasia, um determinado desejo, encontraremos a paz. É o que quer a maioria: evitar canseiras e viver, sem esforço, numa condição qualquer de estagnação. Quando reconhecemos a impossibilidade de ter essa espécie de paz, forcejamos para conseguir paz, para encontrar algum canto no universo ou em nosso ser, para onde possamos arrastar-nos, e viver fechados na escuridão do "eu". É isso o que queremos, em geral, nas relações com nossos maridos, nossas esposas, pais, amigos. Inconscientemente, queremos a paz a qualquer preço, e por isso a buscamos.

Pode a mente porventura encontrar a paz? A mente não é, ela própria, uma fonte de perturbação? A mente só é capaz de juntar, acumular, negar, afirmar, lembrar e seguir. Será a paz, que é tão essencial — porque sem ela não se pode viver, não se pode criar — será a paz algo realizável por meio de lutas, de renúncias, de sacrifícios espirituais? Compreendeis o que estou dizendo? Quando nos tornarmos mais idosos, se não formos sensatos e não nos conservarmos vigilantes, — ainda que agora, na juventude, tenhamos descontentamento, esse descontentamento se canalizará para alguma forma de pacata resignação diante da vida. A mente está sempre procurando criar, em alguma parte, algum hábito, crença ou desejo, onde possa viver isolada e em paz com o mundo. Mas ela não pode achar a paz, porque só é capaz de pensar dentro dos limites do tempo — seu passado, seu presente, seu futuro — o que foi, o que é, e o que será — sempre condenando, e julgando, e pesando, alimentando suas próprias vaidades, hábitos e crenças. A mente nunca pode estar em paz, ainda que às vezes se refugie numa paz ilusória. Mas isso não é paz. Ela pode hipnotizar-se com palavras, com a repetição de frases, com o seguir meramente a alguém, com o saber; mas não se mantém em paz, porque ela mesma é o centro de atração, e, por sua própria natureza, a essência do tempo. Assim, a mente, com que pensais, com que calculais, com que planejais, com que comparais, não pode encontrar a paz.

A paz não é produto da razão; e, todavia, se observais as religiões organizadas que conheceis, vereis como todas elas preconizam a paz que é produto do pensamento. Mas a paz é algo tão criador quanto a guerra é destrutiva, tão pura quanto a guerra é corruptora; e para termos essa paz, precisamos compreender a beleza. Eis porque tanto importa que, na juventude, estejamos rodeados de beleza, a beleza dos edifícios, das proporções harmônicas, da exata apreciação, do asseio, da lúcida conversação — de modo que, compreendendo o que é belo, saibamos o que é o amor, e que a beleza do coração é a paz do coração.

A paz nasce no coração e não na mente. Cumpre, pois, compreender o que é a beleza. Muito importa a maneira como falais; porque as palavras que empregais, os gestos que fazeis, revelam o grau de excelência do vosso coração. Porque a beleza é algo indefinível, inexplicável. Só podemos chamá-la ou compreendê-la com o espírito tranqüilo.

Assim, quando jovens e sensíveis, é essencial que crieis — tanto vós como os responsáveis pela mocidade, pelos estudantes — é essencial criardes essa atmosfera de beleza. A maneira de vestir, a maneira de sentar-se, a maneira de falar e comer, tanto quanto as coisas que nos circundam, são de grande importância. Porque, ao crescerdes, ireis encontrar todas as fealdades da vida — edifícios feios, gente feia, malícia, inveja, ambição, crueldade — e, se não houver nos vossos corações o sentimento da beleza, solidamente alicerçado em vós mesmos, podeis ser facilmente arrastados pela monstruosa correnteza da vida; e ver-vos-eis empenhados na luta pela obtenção da paz que é produto da mente. A mente cria a idéia da paz, procura cultivar essa idéia e fica emaranhada na rede das palavras, das fantasias, das ilusões.

A paz, por conseguinte, só poderá vir ao compreendermos o que é o amor. Porque, se temos a paz unicamente na segurança, financeira ou de outra natureza, a paz proporcionada pelo dinheiro ou por certos dogmas, ritos e repetições, não existirá criação; não existe em nós nenhum impulso para realizarmos no mundo uma revolução fundamental, radical; porque essa paz só significa estagnação e resignação. Mas, quando compreenderdes a quietude em que existe amor e beleza, compreenderdes a sua extraordinária originalidade, tereis então essa paz — aquela que a mente não pode alcançar. Eis a paz criadora, a que implanta a ordem dentro em nós, dissipando toda confusão. Mas essa serenidade não resulta de esforço nenhum. Manifesta-se quando estamos em constante vigilância, sensíveis tanto para o feio como para o belo, para o bom e para o mau, para todas as vibrações da vida. Porque a paz é uma coisa de rara grandiosidade e extensão, e não uma frivolidade da imaginação. Ela só pode ser compreendida com a plenitude do coração.

PERGUNTA: *Porque nos sentimos inferiores em presença dos nossos superiores?*

KRISHNAMURTI: Quem são vossos superiores? Quem são as pessoas que considerais como vossos "superiores"? Os que sabem muito? Os que têm títulos, diplomas, os de quem desejais alguma recompensa, algum emprego, a quem pretendeis pedir alguma coisa? A quem chamais vossos "superiores"? Quando considerais uma pessoa como vosso superior, não estais considerando outros como inferiores?

Porque há esta divisão de "superiores" e "inferiores"? Ela só existe se queremos alguma coisa. Posso ser menos inteligente do que vós, não ter tanto quanto tendes, não ser tão feliz interiormente quanto sois, ou desejo pedir-vos alguma coisa; por isso me sinto inferior a vós. Podeis ser mais inteligente, mais talentoso, ter algum dom, alguma capacidade que me falta. Mas quando me empenho em imitar, quando desejo algo de vós, torno-me imediatamente vosso inferior, porque vos coloquei num pedestal, vos conferi um valor. É assim que se cria o "superior" e o "inferior". Psicologicamente, interiormente, crio esta diferença entre os que têm e os que não têm.

É possível criar um mundo em que o ter e o não ter não existam? Compreendeis o problema? Isto é, o mundo está dividido entre os que são ricos, poderosos, têm tudo, posição, prestígio, e os que nada têm. Há no mundo uma enorme desigualdade de capacidades — o homem que inventa o avião a jato e o homem que empunha o arado. Há um enorme contraste no tocante à aptidão intelectual, verbal, física. Atribuímos extraordinário valor e significação a certas funções. Consideramos o governante, o primeiro ministro, o inventor, o cientista, entidades sobremodo importantes. Conferimos grande importância à função; e por isso a função se torna eminente. Enquanto dermos eminência a certas funções, daí resultará sempre uma desigualdade tal que nunca haverá possibilidade de anular a diferença entre os capazes e os incapazes. Mas, se pudermos destituir a função dessa eminência que confere, a quem a exerce, posição, prestígio, poder, riquezas e prazeres, haverá então a possibilidade de criar-se um espírito de igualdade. Mas, mesmo neste caso, a igualdade não é possível se não houver amor. É o amor que elimina o sentimento do "desigual", do "superior".

O que está acontecendo no mundo é isto: os políticos, os economistas, percebendo a falha, o hiato, entre o homem capaz e o homem incapaz, procuram resolver este problema com uma reforma econômica e social. Podem eles ter razão, mas a sua solução não será eficaz enquanto não tivermos amor, enquanto não compreen-

dermos todo o processo do antagonismo, da inveja, da malícia. Este processo só terá fim quando houver amor em nossos corações.

PERGUNTA: *Pode haver paz em nossa vida, se a todos os momentos estamos em luta com nosso ambiente?*

KRISHNAMURTI: Que chamamos "ambiente", que é o ambiente? Dizemos que "ambiente" é a sociedade — o ambiente econômico, religioso, nacional, da classe, o clima. Estamos sempre em luta, ou para nos ajustarmos a ele ou para nos afastarmos dele. Em regra, lutamos para adaptar-nos, para ajustar-nos, como indivíduos, ao ambiente. Do ambiente esperamos obter um meio de vida; esperamos receber todos os benefícios que oferece a sociedade a que pertencemos. Por isso, lutamos para nos adaptarmos, nos ajustarmos a ela. De que é constituída essa sociedade? Já pensastes a este respeito? Já considerastes a sociedade em que viveis, a que estais procurando ajustar-vos? Ela se baseia no que chamais religião, não é verdade? — num conjunto de tradições, em certos valores econômicos. Sois uma parte dessa sociedade, e procurais viver em harmonia com ela. Podeis viver em harmonia com uma sociedade baseada na aquisição, resultante da inveja, do medo, da avidez, do interesse de posse — com ocasionais lampejos de amor? Podeis viver em harmonia com ela? Se vos esforçais para ser inteligente, sem temor, sem tendência aquisitiva, podeis adaptar-vos a essa sociedade? Então, porque lutar contra ela?

Vós tendes de criar uma nova sociedade — e isso significa que deveis estar livres do desejo de aquisição, da inveja, da ambição, de qualquer limitação do pensamento por crenças religiosas, do nacionalismo, do patriotismo; só então será possível deixardes de lutar, para criardes uma coisa nova, uma nova sociedade. Mas, enquanto tentardes o ajustamento, enquanto despenderdes esforços para ajustar-vos à sociedade atual, estareis meramente seguindo um padrão inspirado pela inveja, pelo desejo de prestígio, pelas crenças que trazem a corrupção.

Não é importante, pois, que enquanto jovem, enquanto vos achais aqui, compreendais todos estes problemas e façais nascer em vós mesmo uma liberdade na qual seja possível criar um mundo novo, uma nova sociedade, relações de uma nova ordem entre os homens? Tal é, sem dúvida, a missão da educação.

PERGUNTA: *Porque sofrem os entes humanos, e porque não podemos ficar livres de certas espécies de sofri-*

mento, como a morte, as tribulações, as calamidades?

KRISHNAMURTI: Porque sofremos? Podemos ficar livres da morte e das calamidades? A ciência médica está procurando libertar a humanidade das doenças por meio de medidas sanitárias, pela higiene e pela nutrição adequada. Mediante vários métodos cirúrgicos estão tentando a cura de doenças incuráveis, tais como o câncer. O médico competente cura as doenças e se esforça por preveni-las.

A morte pode ser vencida? É realmente curioso que mostreis tanto interesse pela morte. É porque tendes visto tantas vezes a morte nas vossas proximidades — os crematórios à beira do rio, os cortejos fúnebres? Porque vos preocupais tanto com ela? Quem não tem nenhum entusiasmo, nenhum impulso interior para criar, sofre; isso o preocupa e o amargura. De modo idêntico, a morte vos preocupa porque estais tão familiarizado com ela. Ela está constantemente ao vosso lado, e a temeis.

Expliquei esta questão um dia destes. Vós não "escutais". Posso responder de maneira diferente. Mas, se não "escutardes", se não investigardes, se não compreenderdes o significado da morte, continuareis a peregrinar de um pregador para outro, de uma esperança para outra; de uma crença para outra, em busca de uma solução para este problema da morte. Estais compreendendo? Eu já respondi na semana passada; se estais interessado, lede a resposta depois de impressa. Lede-a; não fiqueis só fazendo perguntas, mas investigai também. Podeis fazer inúmeras perguntas; esta é a sombra que denuncia uma mente limitada: estar sempre perguntando, sem investigar e descobrir.

Ora, a morte só é possível quando estamos apegados à vida. Compreendendo-se o processo do viver e do morrer, existe então a possibilidade de se compreender o significado da morte. A morte é meramente a extinção da continuidade e o medo de não poder continuar. Mas, vede bem, o que continua nunca pode ser criador. Só aquilo que pode chegar a um fim, voluntariamente, é criador. Pensai a fundo nisso, e descobrireis o que é verdadeiro. Porque a Verdade é que vos liberta da morte, e *não* o fazerdes leituras ou o crerdes na reencarnação. Descobri por vós mesmo, pela compreensão de todo o processo da vida; vereis então que nada há além disso, que é perecível.

29 de dezembro de 1952.

XVIII

Felizmente, na mocidade, os conflitos mais sérios da vida, as tribulações, as alegrias transitórias, os infortúnios físicos, a morte e as complicações mentais não nos alcançam. Afortunadamente, a maioria dos jovens está fora do campo de batalha da vida. Mas, ao nos tornarmos mais velhos, as dores, os desastres, as perplexidades, as dúvidas, as lutas econômicas e as lutas interiores se abatem sobre nós e ficamos desejosos de encontrar o significado da vida, de saber o que vem a ser tudo isso. Não nos satisfazemos facilmente com as explicações econômicas ou definições específicas. Queremos compreender as lutas, os sofrimentos, a pobreza, os desastres da vida; porque uns são favorecidos e outros não; porque um ente humano é inteligente, cheio de saúde, talentos e capacidades, e outro não. Desejamos saber a causa; e não tardamos a enredar-nos numa hipótese, numa teoria, numa crença, porque temos necessidade de uma resposta. Esta resposta nunca é a resposta verdadeira; mas nós a inventamos sustentando-a com uma teoria, uma crença. Começamos, pois, com uma busca; e, porque não temos suficiente autoconfiança, porque não temos vigor, inteligência e pureza, não tardamos a emaranhar-nos em teorias e crenças.

Reconhecendo que a vida é feia, dolorosa, atribulada, buscamos uma teoria, uma especulação ou convicção, uma doutrina qualquer que nos explique tudo isso; e, assim, nos enredamos em explanações, palavras, idéias; e, gradualmente, as crenças se tornam profundamente arraigadas e inabaláveis. Porque, atrás dessas crenças, atrás desses dogmas, está o constante temor do desconhecido. Mas nunca encaramos este temor; evitamo-lo o mais que podemos. Quanto mais fortes as crenças, tanto mais fortes os dogmas. E quando examinamos essas crenças — a crença cristã, hinduísta, budista — vemos que elas separam os homens. Cada dogma, cada crença representa uma série de ritos, uma série de compulsões que acorrentam e separam o homem. Assim, começamos com uma busca,

com o fim de encontrar o que é verdadeiro, o significado de nossos infortúnios e lutas e dores, e muito cedo nos vemos apanhados nas redes das crenças, dos ritos, das teorias. Não temos a autoconfiança, o vigor, a independência, necessários a nos desembaraçarmos dessas coisas e investigar. É assim que a crença começa a influir como fator de decomposição.

A crença é corrupção, porque atrás da crença e da "moralidade" está emboscado o "eu" — o "eu" a crescer, a tornar-se poderoso e forte. Consideramos a crença em Deus, a crença em alguma coisa, como religião. Pensamos que crer é ser religioso. Compreendeis? Se não credes, sereis considerados ateus e condenados pelo meio social. Uma sociedade condena os que crêem em Deus, outra sociedade condena os que não crêem. Uma e outra são idênticas. A religião, pois, se torna matéria de crença; e a crença atua e tem influência correspondente sobre a mente; e a mente, então, nunca mais pode ser livre. No entanto, só a liberdade possibilita descobrir o verdadeiro, o que é Deus, e não uma crença qualquer; porque a própria crença vos faz "projetar" o que pensais ser Deus, o que pensais deva ser o Verdadeiro. Estais compreendendo? Se credes que Deus é amor, que Deus é bom, que Deus é isto ou aquilo, esta mesma crença vos impede de compreender a divindade, o Verdadeiro. Mas vós quereis esquecer-vos de vós mesmos; quereis sacrificar-vos, imolar-vos, abandonar esse conflito existente em vosso interior; quereis cultivar a virtude.

Há lutas, dores, sofrimentos, ambição; em tudo isso há sofrer constante e algum prazer transitório, algum prazer que vem e logo se vai; mas a mente deseja alguma coisa desmedida a que apegar-se, alguma coisa exterior, com a qual possa identificar-se. E aquela coisa que ela deseja, fora de si própria, ela chama Deus, a Verdade; e com essa coisa se identifica pela crença, pela convicção, pela racionalização, pela disciplina e moralidade, sob várias formas. Mas esse identificar — isto é, o reconhecer do pensamento como algo que é vasto, e que cria especulação — faz ainda parte do "eu", é ainda uma projeção da mente, no seu desejo de esquivar-se aos tumultos da vida. Vós vos identificais com uma nação — Índia ou Inglaterra ou Alemanha ou Rússia ou América — vos identificais com hinduístas. Porquê? Já considerastes bem isto, já considerastes bem a significação da palavra, a significação das palavras que se apoderaram da vossa mente? Porque vos identificais com a Índia? Porque morais numa cidade pequena e levais uma vida miserável, com vossas lutas e vossas desavenças domésticas; porque estais insa-

tisfeitos, descontentes, atormentados e desejais identificar-vos com uma coisa que se chama a Índia. Isto vos dá um sentimento de largueza, de grandeza, uma satisfação psicológica — e dizeis: "sou hindu"; e por causa disso estais prontos a morrer, a matar, a fazer-vos mutilar. Do mesmo modo, por serdes insignificantes, porque vos vedes numa contínua batalha interior, porque estais confusos, atormentados, incertos, porque buscais, e sabeis que há morte, desejais identificar-vos com algo superior, algo de imensa significação. Dais a essa coisa o nome de Deus, e com ela vos identificais; isso vos confere uma enorme importância e significação, e vos faz feliz. E, assim, com o processo de identificação vem o processo de auto-expansão, que é ainda o "eu" em luta.

A religião, pois, como em geral a conhecemos ou reconhecemos, é uma série de crenças, de dogmas, de ritos, de superstições — adoração de ídolos — encantamentos — *gurus* — que vos levarão àquilo a que aspirais como alvo supremo. A suprema verdade é vossa "projeção", é o que quereis, o que vos fará felizes, o que vos dará a certeza do estado de imortalidade. E a mente, enlevada por essas aspirações, cria uma religião, uma religião de dogmas, de clerezia, superstições e idolatria; e ficais presos nesta rede, e vossa mente se queda na estagnação. Isto é religião? Religião é questão de crença, questão de conhecimento das experiências e asserções de outras pessoas? Ou a religião é meramente conduta moral? Ora, é relativamente fácil proceder moralmente — fazer isto e não fazer aquilo. Sendo fácil, podeis seguir um sistema moral. Atrás dessa moral, está escondido o "eu"... crescendo, expandindo-se, agressivo, dominador. Mas será isto religião?

Tendes de descobrir o que é a Verdade, porque é só isso que importa, e não se sois ricos ou se sois pobres, se sois casados e felizes, e tendes filhos — porque tudo tem fim e há sempre a morte. Deveis, pois, investigar, independente de qualquer crença; deveis ter o vigor, a autoconfiança, a iniciativa, necessários a conhecerdes diretamente o que é a Verdade, o que é Deus. A crença não vos dará nada; a crença só serve para corromper, acorrentar, obscurecer. A mente só pode ser livre se tiver vigor, se tiver confiança em si. Ora, a função da educação, por certo, e principalmente aqui, é criar indivíduos que não estejam acorrentados por nenhuma crença, nenhum código de moral e respeitabilidade. Porque atrás disso se esconde o "eu", que se julga importante e quer tornar-se respeitável. Decididamente, a função de um centro educativo como este é criar indivíduos efetivamente religiosos — os que têm a religião do descobrimento, do direto experimentar do que é Deus, do que

é a realidade. Tal experimentar não é possível por meio de qualquer espécie de crença, de ritos, de obediência a outrem, de adoração de alguém. Esta religião está livre de *gurus*. Como indivíduos, podeis, no curso de vossa vida, descobrir a verdade a cada momento; *vós* tendes a possibilidade de ser livres.

Pensais que o estar libertado das coisas materiais do mundo é o primeiro passo para a religião. Não é. Isto é facílimo de conseguir. O primeiro passo é estar livre para pensar plenamente, completa e independentemente; não estar oprimido por nenhuma crença, pelas circunstâncias, pelo ambiente, — de modo que sejais um ente humano "integrado", capaz, vigoroso, confiante em si; de modo que vossa mente, livre, sem preconceitos, sem condicionamento, possa descobrir o que é Deus, o que é a Verdade. Por certo, é para tal fim que existe este centro, para ajudar cada um que aqui vem a ser livre para conhecer a realidade, para não seguir nenhum sistema, crença, rito, ou *guru*; o indivíduo deve despertar a sua inteligência pela liberdade, e não por nenhuma forma de disciplina, — que significa resistência, compulsão, coerção — para que, com essa inteligência, com essa liberdade, desvende o que é eterno. Porque é só experimentando diretamente que se poderá conhecer a imensidão da coisa... daquilo que é indefinível, em que existe o amor que não é da mente. A mente não pode conceber nada disso; e como não pode concebê-lo, cumpre-lhe estar tranqüila, serena, sem nenhuma exigência nem desejo. Só então é possível descobrir aquela coisa inefável que chamamos Deus ou Realidade.

PERGUNTA: *Que é obediência? É possível obedecer sem se compreender a ordem?*

KRISHNAMURTI: É possível obedecer à ordem sem se compreender a ordem? Não é o que quase todos nós estamos fazendo? Pais, mestres, pessoas idosas dizem: "faça isto!" Dizem-no delicadamente ou com uma vara na mão, e nós amedrontados, obedecemos. Assim procedem os ditadores. Desde pequenos nos disciplinam, sem sabermos para quê. Quanto mais tirânico o governo, quanto mais totalitário, quanto mais autoritário, tanto mais somos moldados, coagidos a obedecer. Dizem-nos o que devemos pensar. Nossa mente é expurgada de todo e qualquer pensamento não conveniente ao Estado, à autoridade. Nunca nos ensinam nem nos ajudam a investigar e aprender a pensar; só exigem obediência. Diz o sacerdote que devemos obedecer; o livro religioso, também; nosso pró-

prio medo interior nos impele a obedecer; porque, se não o fizermos, perder-nos-emos em confusão.

Obedecemos, pois. Porque obedecemos? Compreendeis? A estrutura social, o Estado religioso, nos obriga a obedecer cegamente ao padrão criado por outro, oferecendo-nos a esperança de uma dada recompensa ou felicidade. Porque obedecemos? Devemos obedecer? Nós somos avessos ao pensamento. Pensar é penoso; para pensar, temos de interrogar, inquirir; temos de averiguar por que razão os mais velhos não querem descubramos que são impacientes, que estão sempre ocupados com suas discórdias, suas ambições, preconceitos e princípios de moral e respeitabilidade. Os idosos não têm paciência; e nós somos jovens, e tememos errar, — porque também queremos ser respeitáveis. Não queremos cada um vestir o mesmo uniforme, para ficarmos todos iguais? Não nos agrada fazer as coisas diferentemente. Pensar com independência, estar apartado, é penoso; em vista disto, aderimos ao rebanho.

Porque é que todos nós fazemos isto, — obedecer, seguir, copiar? Porquê? Por temermos a incerteza. Queremos certeza — queremos estar seguros financeiramente, estar certos moralmente — ser tidos em bom conceito, achar-nos numa posição inabalável; evitamos enfrentar a perturbação, a dor, o sofrimento, pois desejamos manter-nos protegidos. Assim, consciente ou inconscientemente, o medo nos faz obedecer ao mestre, ao chefe, ao sacerdote, ao governo. Também nos coíbe de fazer algo prejudicial a outros, porque seremos punidos se o fizermos. Deste modo, atrás de todas estas ações, ânsias, buscas, esconde-se o desejo de certeza, o desejo de estar em segurança. Conseqüentemente, o obedecer, ou ser obedecido — sem se ter dissolvido o temor, sem nos acharmos livres dele — pouco significa; o que tem significação é compreender o temor, dia por dia, e perceber como ele se manifesta de diferentes maneiras. É só quando estamos livres do medo que existe aquela interior compreensão, aquele "estar só" isento de acumulação de saber ou experiência; e é unicamente isto que dá uma grande lucidez na busca do Real.

30 de dezembro de 1952.

XIX

Quando nos tornarmos adultos e sairmos desta escola, terminada a nossa educação, teremos de enfrentar diversos problemas. Qual a profissão que deveremos escolher para termos a possibilidade de preencher-nos e ser felizes; qual a ocupação, o emprego ou ofício que exerceremos com prazer e sentindo não estarmos explorando ninguém, nem sendo cruéis para com outros? Teremos de enfrentar a morte, o sofrimento, as desgraças. Incumbe-nos compreender os problemas da fome, de superpopulação, do sexo, da dor, do prazer — compreender as coisas da vida, caóticas, contraditórias, antagônicas — as lutas, os conflitos entre homem e homem, ou entre mulher e homem — os conflitos interiores e as lutas exteriores, o militarismo, a ambição — e aquela coisa singular chamada paz, que é mais essencial à vida do que pensamos!

Incumbe-nos compreender o significado da religião; não a simples adoração das imagens, nem as meras conjecturas com que pretendemos estar de posse do sentimento religioso, mas também aquela coisa tão complexa e estranha chamada amor.

Tudo isso temos de compreender, e *não* sermos instruídos apenas para fazer exames; necessitamos conhecer a beleza da vida; observar os pássaros que voam; ver os mendigos, as calamidades, a sordícia, os edifícios horrendos que os homens constroem, a rua suja e repelente, e os templos mais repelentes ainda; temos de enfrentar todos estes problemas. Cumpre, igualmente, considerar quem devemos seguir, quem não devemos seguir, e se há realmente alguma necessidade de seguirmos alguém.

Em regra, interessa-nos fazer alguma pequena alteração, aqui e ali, e com isso ficamos satisfeitos. Ao envelhecermos, não desejamos nenhuma modificação profunda e fundamental, porque temos medo. Não queremos pensar em nada que implique transformação, e, sim, só em alterações superficiais; e, se considerardes o que são

essas alterações, vereis que constituem apenas variações que não representam nenhuma revolução radical, nenhuma transformação verdadeira. Tendes de dar atenção a todas estas coisas — desde a vossa própria felicidade à felicidade coletiva, desde as vossas próprias ambições e atividades egoístas às ambições e "motivos" e atividades alheias. Cumpre enfrentar a competição, a corrupção própria, interior, e a corrupção de outrem, a degenerescência da mente, a vacuidade do coração. Tendes de conhecer tudo isso, de fazer-lhe frente; mas não estais preparados para tal. Que sabemos quando saímos da escola? Saímos tão estupidos, vazios e superficiais como quando entramos; e os nossos estudos, nossa vida escolar, nossos contatos com os mestres e os deles conosco em nada nos ajudaram para compreendermos o complexo problema da vida. Os mestres são obtusos e nós nos tornamos iguais a eles. Têm medo e nós também. Por conseguinte, é nosso problema, é vosso problema tanto quanto dos mestres, atender a que, ao sairdes daqui, sejais entes humanos amadurecidos, capazes de pensar, sem temor, e, portanto, aptos a enfrentar a vida inteligentemente. Assim, conviria achar-se uma solução para todos estes problemas; mas esta solução não existe. O que se pode fazer é tão só enfrentá-los inteligentemente à medida que surgem. Compreendei isto. Desejais uma solução. Pensais que, lendo, seguindo alguém, estudando algum livro, encontrareis a solução de todos estes problemas extremamente complexos e sutis. Mas não o conseguireis, porquanto eles foram criados por entes humanos provavelmente semelhantes a vós mesmos. Estas lamentáveis condições — fome, crueldade, ignomínia, esqualidez, horripilante insensibilidade — os próprios homens as criaram. Cabe-nos, pois, compreender o coração humano, a mente humana, isto é, a vós mesmos. Se fordes procurar a solução num livro, ou buscá-la numa escola, ou seguir um sistema econômico, por promissor que seja, ou alguma absurdidade ou superstição religiosa, ou seguir algum *guru,* ou praticar rituais — nada disso vos ajudará a compreender e solucionar tais problemas. E, visto que eles são criação vossa, não os podereis compreender se não vos compreenderdes; e para vos compreenderdes no vosso viver, momento por momento, dia por dia, ano por ano, necessitais de inteligência, necessitais de penetração, muito amor, e grande paciência.

Dessarte, é evidente que precisais averiguar o que é a inteligência, não é verdade? Em geral empregais esta palavra prodigamente; e, pela sua repetição, pensais vos fazerdes inteligentes. Os políticos repetem incessantemente certas palavras, como "integração", "uma nova civilização", "sejamos inteligentes", "criemos um

mundo novo"; mas são palavras ocas, nada significam. Conseqüentemente, não façais uso de palavras sem as compreender. Nós estamos procurando descobrir o que é a inteligência; porque, se soubermos o que ela é, se formos capazes de "senti-la" — não apenas ter uma definição dela, porque esta qualquer dicionário pode dar-vos — conhecê-la, compreendê-la, ela nos ajudará, quando crescermos, a enfrentar os difíceis problemas de nossa vida; se a tivermos, saberemos então achar a maneira de atendê-los. Sem esta inteligência, podeis fazer o que quiserdes — ler, estudar, acumular saber, lutar, disputar, introduzir pequenas reformas, aqui e ali, no padrão social — nunca vos modificareis, nunca haverá transformação alguma e jamais haverá felicidade. Não importa, pois, indagar o que se entende por inteligência? Que é inteligência? — não quero saber qual é a definição do dicionário. Que significa inteligência? Vou investigar o que ela expressa; e isso, talvez, para alguns de vós, se torne um pouco difícil de compreender; mas não vos incomodeis, tentando compreender, tentando seguir as palavras; tratai, antes, de "sentir" o que estou dizendo. Procurai sentir a coisa, a sua essência; e depois, enquanto fordes crescendo, começareis a perceber a significação dos meus dizeres. "Escutai", pois, não a palavra, mas o seu sentido verbal.

Nós, em geral, pensamos que a inteligência pode ser acumulada ou cultivada pela aquisição de mais saber, mais conhecimentos, mais experiência; que ter inteligência equivale a ter saber, e utilizá-lo; ter experiência, para enfrentar a vida com essa experiência. Mas a vida é algo extraordinário que nunca estaciona; é, qual um rio, uma coisa cheia de movimento, nunca tranqüila. Pensamos que, se tivermos mais experiência, mais saber, mais virtude, mais riqueza, mais posses, mais, mais, mais, descobriremos o que é a inteligência. Por esta razão é que respeitamos as pessoas de saber, os eruditos, aqueles que tiveram amplas e completas experiências. A inteligência é produto do "mais?" Qual é o processo do "mais" — do ter mais, querer mais? Em que se funda ele? Preocupamo-nos, não é verdade? — preocupamo-nos em acumular; e dizemos, por isso: "Se eu souber, poderei enfrentar a vida", "Se eu souber qual é a finalidade da vida, poderei prosseguir por esta senda"; "Se tiver mais experiência, enfrentarei os complexos problemas da vida". Vivemos, pois, da infância à velhice, preocupados com os problemas do "mais" — ter mais e mais e cada vez mais.

Ora, que acontece quando adquiristes saber, experiência, posição? Qualquer que seja a experiência que tenhais, ela se traduz

nos termos do "mais", de modo que nunca estais "experimentando" e, sim, sempre acumulando; e esse acumular representa o processo mental. A mente é o centro do "mais". E assim prossegue ela colhendo e acumulando cada vez mais; e o "mais" é o "eu", o "ego", a entidade egocêntrica, interessada unicamente no "mais", quer negativa quer positivamente. E, com a experiência acumulada, com o "mais", a mente enfrenta a vida. Dessa maneira, enfrentando a vida, em que há experiência, só lhe interessa o "mais" e por isso ela nunca experimenta, mas só acumula. A mente, por conseguinte, se torna o mero instrumento do acumular, e não há o real experimentar. Como podeis "experimentar", se estais sempre pensando em obter alguma coisa da experiência, algo mais? Nessas condições, o homem que está acumulando, amontoando, desejando mais, nunca "experimenta" a vida. É só quando a mente não se preocupa com o mais, com o acumular, que existe a possibilidade de ser inteligente. Se ela está preocupada com o "mais", cada experiência fortalece mais ainda a entidade egocêntrica, o "eu", que é o centro de todo o conflito; cada experiência reforça o processo egotista da vida. Procurai compreender isto. Pensais que a experiência é processo de libertação. Mas não é tal; porque, enquanto a mente está interessada em acumular, em adquirir, quanto mais experiências tiverdes, tanto mais fortalecidos ficais no vosso egoísmo, no processo egocêntrico de pensamento.

A inteligência só atua quando existe realmente a liberdade do jugo do "eu", quando a mente não é o centro de exigência do "mais", o centro da ânsia de encontrar regiões de pensamento mais amplas, mais largas, mais expansíveis. Assim, a inteligência é a liberdade da pressão do tempo; porque "o mais" implica o tempo, a mente é o resultado dele. Por conseguinte, cultivar a mente não é inteligência. A compreensão de todo esse processo é autoconhecimento, o conhecimento de como realmente somos, em que não há nenhum centro acumulador. Então, resulta daí a inteligência que é capaz de enfrentar a vida; e essa inteligência é criadora.

Observai vossas vidas; como são monótonas, estultas, tolas, sem criatividade. Podeis gerar filhos, mas nisso não há criação. A verdade é que viveis numa rotina morta, cheios de tédio e medo; por isso, existe a autoridade e a imitação. Sendo assim, não sabeis o que é ser criador — não falo de pintar quadros, escrever poemas ou cantar uma canção; refiro-me à natureza profunda da criação, a qual, uma vez descoberta, é uma fonte eterna, uma corrente que nunca seca — e essa fonte só podemos achá-la com a inteligência,

porque ela é a fonte eterna. Mas a mente não pode encontrá-la; porque a mente é o centro do "eu" — dos constantes pensamentos que pedem, só e sempre, *mais*. Quando compreenderdes isso, não só verbalmente, mas também profundamente, vereis então que com essa inteligência surge aquela criação, que é a realidade, que é Deus, sobre que não podemos especular nem meditar. Não a obtereis pela vossa meditação, pela vossa súplica de mais, ou pela vossa fuga do mais. Só pode vir aquela coisa ao compreenderdes, de instante a instante, todos os dias, as reações complexas, o estado da mente em face da malícia, da inveja. Conhecendo-se isso, aparece aquela coisa que chamamos amor; esse amor é inteligência; e com essa inteligência surge aquele estado criador e intemporal.

PERGUNTA: *A formação da sociedade se baseia na dependência mútua. O médico tem de depender do lavrador, e o lavrador, do médico. Como pode então um homem ser completamente independente?*

KRISHNAMURTI: A vida é relação. Não podemos viver sem alguma espécie de relação. Mesmo o anacoreta tem relações; ele pode renunciar ao mundo, mas continua relacionado com o mundo. A vida, pois, é o processo de relação. Não podeis evitar o estado de relação; e porque o estado de relação causa conflito, porque nas relações existe temor, vós dependeis de vosso marido, ou de vosso pai, ou de vossa esposa, ou da sociedade. Enquanto não compreenderdes as relações — sabeis o que entendo por "relações"; não apenas as relações de pai e filho, mas as relações do mestre, do cozinheiro, do criado, do governador, do comandante, de toda a sociedade, a qual, afinal de contas, é a extensão das relações de um indivíduo com outro — enquanto não compreenderdes as relações, não podereis estar livre da dependência, que é criada pelo medo, pela exploração. A liberdade só vem pela inteligência, e só a inteligência pode corresponder às relações. Sem a inteligência, não adianta buscarmos a liberdade ou a independência das relações, porque isso é perseguir uma ilusão sem significado.

O importante, pois, é compreender as relações que causam conflito, aflição, dor, medo. É no trazer à luz as coisas ocultas no coração, na mente, que há compreensão; e, quando compreendemos, há liberdade, *não* das nossas relações, mas dos conflitos causadores de sofrimento.

PERGUNTA: *Porque é desagradável a verdade?*

KRISHNAMURTI: Se eu me julgo belo e dizeis que não o sou — o que bem pode ser real — devo gostar disso? Se me considero inteligente, talentoso, e me fazeis ver que sou uma pessoa um tanto tola, isso me agrada? É claro que não; mas vós o dizeis porque tal voz apraz, não é verdade? Ao apontardes para a minha estupidez, tendes um sentimento de prazer, de vaidade; isso demonstra como sois esperto. Gostais de expor a minha estupidez; mas, quando se trata de vossa própria inépcia, não desejais verificar o que sois, quereis fugir de vós mesmo, esconder-vos, encobrir o vosso vazio, a vossa solidão, a vossa estultícia. Por isso tendes amigos que nunca vos dirão o que sois. Quereis mostrar a outrem o que não sois; mas se outros vos fazem ver o vosso erro e vos mostram a realidade, não gostais disso. Assim, evitais conhecer aquilo que revela a vossa própria natureza íntima.

PERGUNTA: *Até agora, os nossos mestres andavam certos e nos ensinavam na forma do costume. Mas depois de vos ouvirem aqui, e de acompanharem os debates, eles se tornaram incertos. O estudante inteligente saberá como tratar este problema; mas que acontecerá aos que não são inteligentes?*

KRISHNAMURTI: Quem são os mestres que estão incertos? Estão inseguros de quê? Não a respeito do que ensinam, porquanto podem continuar a dar suas lições de Matemática, Geografia, de todas as matérias do programa. Não é sobre isto que eles estão incertos, não é verdade? Eles não sabem bem é como devem tratar o estudante, como relacionar-se com ele. Não é isso? Eles estão incertos no tocante às suas relações; porque, até há pouco, não se preocupavam com os discípulos — entravam na classe, davam sua aula, e saíam. Agora estão cheios de cuidados acerca de suas relações com eles — e perguntam se estão criando temor, se estão exercendo sua autoridade para obrigá-los a obedecer, destruindo-lhes, assim, a iniciativa. Interessam-se em verificar se estão constrangendo os estudantes ou ajudando-os a descobrir sua verdadeira vocação; se lhes estimulam a iniciativa, ou os obrigam a obedecer. Estão mais interessados em si próprios e nos relacionamentos com os estudantes. Naturalmente, sentem-se agora inseguros. Mas, sem dúvida, tal como acontece com os alunos, têm também incertezas, daí o inque-

rir, o investigar. Eis o inteiro processo da vida, do princípio ao fim, não é verdade? — nunca nos determos em determinado lugar e dizer "Sei".

O homem inteligente não é estático, jamais diz "sei!" Está sempre inquirindo, sempre incerto, sempre investigando, procurando, descobrindo. No momento em que diz "Sei", está morto. E nós, em geral, jovens e velhos, em virtude da tradição, da compulsão, ou dos absurdos da religião, do medo, ou da burocracia, estamos semimortos, sem vitalidade, sem vigor, sem autoconfiança. Por conseguinte, o mestre tem de esclarecer-se. Tem de descobrir as suas tendências burocráticas, a fim de não corromper a mente de outros; e este é um processo extremamente difícil, que requer muita compreensão.

Cabe, pois, ao estudante inteligente ajudar o mestre, e ao mestre ajudar o estudante. Isso significa "relações". Que acontece ao rapaz ou moça pouco inteligente? Ora, nenhum rapaz, ou moça é tão pouco inteligente que não seja capaz de sentir, de compreender este problema; porque, quando o mestre está incerto, é mais tolerante, mais atencioso com o estudante pouco inteligente; é mais paciente, mais afetivo. E por isso, talvez, esteja apto a ajudar.

PERGUNTA: *O lavrador tem de depender do médico para curar-lhe as dores físicas. Isto também é governado pela ação dependente?*

KRISHNAMURTI: Aí há um elemento de temor. Como já expliquei, é um problema de relações. Se minha relação convosco está baseada no temor, dependo de vós, econômica, social ou psicologicamente. Interiormente, enquanto existe temor, não há independência; e o problema de libertar a mente do temor é um problema muito complexo, do qual já tratamos.

O relevante em todas estas perguntas e respostas não é o que se diz ou o que se responde, senão que cada um descubra por si próprio a verdade contida no problema, pela indagação, investigação e exame constantes, sem se deixar prender a sistema algum. *Porque é o investigar que cria iniciativa, e que faz nascer a inteligência.* Já apenas satisfazer-se com uma resposta embota o espírito. É por conseguinte realmente importante para todos vós, enquanto estais nesta escola, nunca aceitar, mas investigar sempre, apreender, descobrir livremente por vós mesmos todo o significado da vida.

31 de dezembro de 1952.